

**OS RÓTICOS NA FALA DE TRÊS MUNICÍPIOS FLUMINENSES:
PETRÓPOLIS, ITAPERUNA E PARATI**

Tiana Andreza Melo do Nascimento

Faculdade de Letras – UFRJ

2009

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

**OS RÓTICOS NA FALA DE TRÊS MUNICÍPIOS FLUMINENSES:
PETRÓPOLIS, ITAPERUNA E PARATI**

Tiana Andreza Melo do Nascimento

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas da Universidade Federal do Rio de Janeiro como requisito para a obtenção do Título de Mestre em Letras Vernáculas (Língua Portuguesa).

Orientador: Prof^a Dr^a Cláudia de Souza Cunha.

Rio de Janeiro
Março de 2009.

**Os róticos na fala de três municípios fluminenses:
Petrópolis, Itaperuna e Parati**

Tiana Andreza Melo do Nascimento
Orientadora: Professora Doutora Cláudia de Souza Cunha

Dissertação de Mestrado submetida ao Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, como parte dos requisitos necessários para a obtenção do título de Mestre em Letras Vernáculas (Língua Portuguesa).

Examinada por:

Presidente, Profa. Doutora Cláudia de Souza Cunha (UFRJ).

Profa. Dra. Jussara Abraçado de Almeida (UFF)

Profa. Dra. Mônica Maria Rio Nobre (UFRJ)

Profa. Dra. Letícia Rebollo Couto (UFRJ), Suplente

Profa. Dra. Dinah Maria Isensee Callou (UFRJ), Suplente

Rio de Janeiro
Março de 2009.

A Lucineide Melo, mãe, amiga e incentivadora do meu percurso pela vida. Por nunca ter me permitido dizer não ou parar diante das dificuldades.

AGRADECIMENTOS

A Deus,

por ocupar o primeiro lugar não apenas nesta folha, mas também em minha vida. Por ter me concedido forças nas horas de desânimo e lágrimas, por ter sido a melhor companhia silenciosa que já tive.

A Lucineide,

a quem o título “mãe dedicada” é sempre redundante. Por ter me dado a vida e acompanhar-me nela; por, neste trabalho, muitas vezes sentar-se a meu lado e tentar entender minhas tabelas e análises, apenas para que minha voz encontrasse ouvidos atentos perto de mim.

A Amara,

minha avó, cuja insônia constante e também a preocupação com meu trabalho a terem feito uma companhia humana nas muitas madrugadas.

Aos meus familiares,

por torcerem por mim e incentivarem meu progresso profissional e pessoal.

A Cláudia Cunha,

por me iniciar na pesquisa acadêmica e por me levar à paixão pela fonética. Por ter acreditado em meu trabalho e pelo seu jeito peculiar de sorrir como quem diz “vai dar certo, sim”, proporcionando-me o apoio acadêmico de que eu precisava.

A Deisiane Rodrigues,

amiga e também companheira de campo, de caminhadas longas sob sol ou chuva, que me ajudou a formar a inteireza do “corpus”.

A Tiago Cavalcante,

por ter me ensinado a olhar a vida sob a ótica da poeticidade. Por ser o amigo constante e indispensável, cujos passos sempre “me chamarão para fora da toca, como se fosse música”.

A Manuela Colamarco e André Marinho,

por iniciarmos juntos nas vias da pesquisa lingüística – juntamente com Deisiane e Tiago –, quando tímida e ansiosamente, no segundo período da graduação, nos dirigimos a F-308. Por, apesar da separação que a vida nos proporcionou, não me impedirem de chamá-los orgulhosamente de “meus amigos”.

A Rafael,

por viajar comigo a uma das localidades e por me auxiliar na abordagem dos informantes. Por me dizer “calma, já vai acabar”, a fim de que o alívio da conquista chegasse mais rápido.

Aos meus demais amigos,

por compreenderem o meu “não” aos seus convites e a suas companhias, quando tudo que fiz foi me recolher à solidão da pesquisa.

A CAPES,

a quem agradeço a bolsa de Pós-Graduação, que me permitiu a realização das viagens para a formação do “corpus”.

A cada um dos informantes,

dos quais se vêem apenas códigos, porcentagens e resultados, por se deixarem desvelar por meio das histórias das suas vidas e permitirem que mais uma descrição lingüística se compusesse.

SINOPSE

Estudo em tempo aparente da variação dos róticos em travamento de sílaba. Breve histórico das localidades. Pressupostos teóricos da Sociolingüística Laboviana. Metodologia de recolha de dados. Análise quantitativa dos resultados.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	10
2. BREVE REVISÃO DA LITERATURA	14
3. AS LOCALIDADES ESCOLHIDAS	25
3.1. Petrópolis	26
3.2. Itaperuna	31
3.3. Parati	34
4. PRESSUPOSTOS TEÓRICOS	39
5. METODOLOGIA	44
5.1. Informantes	44
5.2. O método de recolha dos dados	47
5.3. Transcrição e codificação dos dados	48
5.4. Os grupos de fatores utilizados	49
5.4.1. A variável dependente	49
5.4.2. As variáveis independentes	50
6. ANÁLISE DOS RESULTADOS	55
6.1. As variantes anteriores	58
6.2. Processo de apagamento	61
6.2.1. –R externo	62
6.2.1.1. O –R externo no Questionário Fonético-Fonológico	62
6.2.1.2. O –R externo no Discurso Semidirigido	64
6.2.2. –R interno	72
6.2.2.1. O –R interno no Questionário Fonético-Fonológico	72
6.2.2.2. O –R interno no Discurso Semidirigido	74
6.3. Processo de enfraquecimento	82
6.3.1. –R externo	82

6.3.2. – R interno	84
6.4. Conclusões da análise.....	90
6.4.1. Os fatores sociais.....	94
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS	98
8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	100
9. ANEXOS	105
Anexo 1 – O Projeto Atlas Lingüístico do Brasil.....	106
Anexo 2 – Ficha do informante retirada do Projeto ALiB	107
Anexo 3 – Questionário Fonético-Fonológico: Projeto ALiB	111
Anexo 4 – Arquivo de especificações	124
RESUMO	127
ABSTRACT	128

1. INTRODUÇÃO

O reconhecimento da pluralidade nacional causa orgulho aos brasileiros quando se encontram fundidos gostos, raças, ritmos musicais, em suma, os elementos que refletem a miscigenação cultural. Na contramão, ao evocar a multiplicidade de falares e a existência de dialetos vários dentro da língua portuguesa, há de surgir a tendência uniformizadora ou – no mínimo – a tentativa de hierarquizar os falares “bonitos” contra os “feios” ou os “corretos” em detrimento dos “errados”.

Para boa parte dos falantes do português, os dialetos só podem ser demarcados pelos diferentes sotaques distribuídos pelo território. O que normalmente se chama “sotaque”, na verdade, é um conjunto de características das produções fônicas. No presente estudo, o foco está na diferenciação causada no nível primário da língua: o dos fonemas. Ainda na articulação ausente de significado é possível traçar limites lingüísticos que compõem grupos de falares distintos uns dos outros. Dessa forma, a produção de fones de um mesmo fonema (alofones) ou fenômenos fonéticos como a palatalização das africadas, por exemplo, distinguem um carioca de um baiano ou de um pernambucano.

É inserida nessa variação fonético-fonológica que se encontram as chamadas vibrantes ou, de forma mais genérica, os róticos. Os tipos de “erre” produzidos na oralidade do português estão entre os fonemas mais relevantes na delimitação mencionada. Sabe-se que a vibrante em língua portuguesa só apresenta distinção fonológica quando em posição intervocálica (na diferença de sentido entre “muro” e “murro”, por exemplo), fato que deixa evidente a neutralização quando o segmento ocorre em outros contextos. A descrição fonológica do português brasileiro feita por CÂMARA JR. (1977:78) trata à parte esse fonema sob o título “o problema das vibrantes”. Nessa seção, o autor pondera sobre a existência de um fonema vibrante ou mais de um fonema vibrante, concluindo:

Acho preferível hoje, portanto, aceitar a idiosincrasia do consonantismo português em reconhecer duas vibrantes, que só se opõem em posição intervocálica, com neutralização em outras posições, inclusive na posição mais favorável para a nitidez das consoantes, que é a inicial e onde só aparece /r / forte.

Cunha e Cintra (2001:41) ao exporem os fonemas do português, especificamente as dezenove consoantes, definem as *vibrantes*

pelo movimento vibratório rápido de um órgão ativo elástico (a língua ou o véu palatino), que provoca uma ou várias brevíssimas interrupções da passagem da corrente expiratória.

E, mais adiante (*op. cit.*: 45), apresentam considerações acerca da variação de pronúncia desse fonema em relação ao português europeu e o brasileiro:

Classificamos a vibrante forte ou múltipla [R] como velar ou [-anterior, -coronal], por ser esta a pronúncia mais corrente no português de Lisboa e do Rio de Janeiro. A antiga *vibrante alveolar múltipla* [r̄] mantém-se, no entanto, viva na maior parte de Portugal e em extensas zonas do Brasil, como, por exemplo, o Rio Grande do Sul. Uma realização *dorso-uvular múltipla* ocorre também por vezes em Lisboa e no português popular do Rio de Janeiro. Aponte-se, por fim, a realização *linguopalatal velarizada*, que se observa na região Norte de São Paulo, Sul de Minas e outras áreas do Brasil e é conhecida por *r- caipira*. Em Portugal é característica da fala popular de Setúbal, não só a realização *vibrante uvular* do r múltiplo de *rua, carro*, como a do r simples de *caro, andar*.

É preciso, pois, trilhar as vias da língua portuguesa e descobrir até que ponto as afirmações dos autores sobre a descrição dos róticos podem ser acrescidas de novos recortes fonético-fonológicos. Em parte, sabe-se que muitas alterações já estão em processo.

O que se intenta nesse trabalho, portanto, é a verificação dessas variantes a partir de dados de oralidade no território do Rio de Janeiro. Para tanto a pesquisa contou com a etapa inicial de recolha do *corpus* e, em seguida, no levantamento e análise dos dados de modo quantitativo.

O estudo proposto pretende responder às seguintes questões: Até que ponto é possível delimitar falares no estado do Rio de Janeiro? Tal questão desdobra-se em outra: Quais seriam os traços fonéticos caracterizadores dessas regiões? Sabe-se, por exemplo, que a realização do -S posvocálico no estado é variável (palatalização x não-palatalização); bem como a realização do -R pré e posvocálico, que pode, inclusive, ocorrer como um tepe em contexto de abertura de sílaba. Para além disso, saber até que

ponto a variação diatópica exerce poder sobre esse fenômeno de mudança lingüística, já que se elegeram três localidades a serem inquiridas, em regiões diferenciadas do estado.

Conta-se, para tanto, com o aparato da Sociolingüística Laboviana, verificando intervenientes lingüísticos e sociais que influenciem a variação dos róticos, pois como corrobora OLIVEIRA (2006:45):

sendo a língua um meio de interação entre o indivíduo e a sociedade em que ele atua, está claro que há forças sociais que agem sobre essa interação. E é esse relacionamento casual entre língua e sociedade que constitui o objeto de análise da sociolingüística.

Duas pesquisas específicas e recentes sobre os falares fluminenses merecem apontamento. A primeira é o *Atlas fonético do entorno da Baía de Guanabara*, de LIMA (2006), que segue preceitos da geolingüística e da sociolingüística. A segunda é o *Micro Atlas Fonético do Estado do Rio de Janeiro (Micro AFERJ)*, de ALMEIDA (2008), pautado, sobretudo, nos princípios tradicionais da geolingüística. Ambos os trabalhos contribuem, por sua abrangência, na identificação de áreas dialetais dentro do estado, observando e descrevendo as diferenças fonéticas e fonológicas de cada um deles. A motivação para a presente pesquisa nasce na necessidade de um número sempre maior de estudos que descrevam essas áreas dialetais e que revelem um quadro amplo do português quanto às mudanças fonológicas que se processam na atual sincronia dentro do estado do Rio de Janeiro.

Na organização desta pesquisa faz-se, primeiramente, uma revisão de trabalhos relacionados ao fenômeno pesquisado. Logo em seguida, expõem-se as localidades que foram selecionadas para o levantamento dos dados, com dados fornecidos pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

A terceira parte do trabalho dedica-se aos pressupostos teóricos que serviram de fundamento para a realização da pesquisa, seguida pela metodologia empregada. Em quarto lugar, os resultados obtidos são apresentados para que se tenha um quadro do estágio em que se encontra o processo de variação e mudança dos róticos fluminenses. Nessa etapa, faz-se uma distinção entre os róticos conforme sua posição no vocábulo (interna e externa), levando em consideração também o tipo de discurso de onde provêm.

Por fim, revela-se, de modo sucinto, as conclusões a que se chega com este trabalho, no que concerne às expectativas pré-definidas e as contribuições que a pesquisa dá ao conhecimento fonético-fonológico do português brasileiro.

2. BREVE REVISÃO DA LITERATURA

Já algumas décadas delimitam os estudos mais representativos sobre os róticos do português brasileiro. Faz-se nessa sessão um apanhado sintético de estudos sobre o fenômeno aqui analisado, desde uma pesquisa de referência sobre o tema (CALLOU 1987) até estudos mais recentes (BRANDÃO, CUNHA e MOTA 2003; LIMA 2003; OLIVEIRA 2001; MELO e RODRIGUES 2004; MELO, CUNHA e RODRIGUES 2006; CUNHA 2008; LIMA 2006 e ALMEIDA 2008), com enfoque variacionista.

A tese de doutoramento de CALLOU (1987) é um trabalho de referência na compreensão das variações da vibrante no território do Rio de Janeiro, no que se refere a sua vertente culta. O *corpus* advém do Projeto Norma Urbana Culta (NURC), do qual a autora se vale das entrevistas do tipo DID (Diálogo entre Informante e Documentador) de 55 informantes cariocas (e filhos de cariocas). A partir delas, estuda o fonema /R/ em quatro contextos – início de palavra, intervocálico, final de sílaba e final de palavra –, consoante as diretrizes metodológicas da sociolinguística quantitativa.

Esses informantes são separados de acordo com o sexo, a faixa etária e a zona geográfica em que residem (Zona Sul, Zona Norte ou Zona Suburbana), que são as variáveis sociais controladas pelo estudo. No que concerne aos grupos linguísticos, acham-se sete variáveis: posição na sílaba e no vocábulo, contexto fonológico antecedente, contexto fonológico subsequente, classe morfológica, tonicidade, dimensão do vocábulo e pressão paradigmática. Segundo CALLOU (*op. cit.*:47),

houve uma reestruturação do sistema, sendo a oposição de caráter quantitativo (vibrante simples – vibrante múltipla) substituída por uma oposição de caráter qualitativo (vibrante anterior – fricativa posterior).

Os resultados alcançados para a posição final de vocábulo são destacados dos demais porque contemplam variantes que não se acham nos demais contextos: o zero fonético e a vibrante simples alveolar (ao encontrar vocábulos que se iniciem por vogal sílaba seguinte). Três informações são relevantes após as rodadas quantitativas: (a) as variáveis sociais supracitadas não se mostraram tão importantes para a produção do segmento, (b) os informantes do sexo feminino são mais inovadores nas suas seleções e (c) os mais velhos, na contramão, são mais conservadores.

Há de se destacar também um resultado que vem se confirmando nas demais pesquisas sobre o fenômeno: lideram o cancelamento do fonema as formas verbais infinitivas, que chegam a .729 de peso relativo no referido estudo. Já nos outros contextos contemplados pela pesquisa, ganha relevância de uso a fricativa velar surda [x], mostrando, de fato, a posteriorização do segmento em falantes cariocas – a “oposição de caráter qualitativo”, mencionada anteriormente.

Em relação a estudos que comparam variedades da língua portuguesa, destaca-se a pesquisa de BRANDÃO, CUNHA e MOTA (2003) comparando dados do português europeu (PE) com os do português do Brasil (PB). O estudo detém-se na realização de –R em final de vocábulos e procura descobrir qual das duas variedades sofre maior cancelamento do fonema. A hipótese primeira é de que, sendo favoritismo nas línguas a estrutura silábica CV (consoante – vogal), o fonema /R/ tende a ser eliminado – no entanto, é possível que se recupere em PE com a produção de um segmento vocálico, como em [fa]la[u].

Para analisar o comportamento dos dados, usaram-se doze grupos de fatores (sendo um deles a soma de duas variáveis – o nível de escolaridade e a faixa etária). O *corpus* foi composto de seis inquéritos para cada modalidade do português e resultou na oposição dos caminhos: o PE alcançou 74% de manutenção de –R contra apenas 22% do PB. Certos grupos de fatores, sejam extra ou intralingüísticos, funcionaram apenas para o PB ou para o PE, corroborando a idéia de que as duas variedades do português podem ser estudadas separadamente para a constituição de um quadro particular de variação e mudança lingüística.

A fase final da pesquisa levou em conta somente os fatores que se mostraram relevantes para os dados e reduziu o número destes por meio de quatro atitudes: (a) separação da faixa etária e do nível de escolaridade apenas no PE e junção no PB; (b) retirada de outros fatores distintos para cada variante; (c) eliminação das ocorrências da forma “quer” em “quer dizer”, no PE e (d) eliminação também do grupo “pressão paradigmática” por não se mostrar relevante em nenhuma das etapas do estudo. Para além de se revelarem opostos na realização do segmento, o português brasileiro e o europeu também escolhem fatores distintos para a influência sobre seu comportamento diante de (R): o primeiro elege fator intralingüístico – tonicidade da sílaba –, o segundo, um fator social – faixa etária.

No que se refere aos infinitivos verbais, as autoras também os mencionam como favorecedores de zero fonético – somente na vertente brasileira do português –, com peso relativo de .64 no estudo. E relembram que “esse condicionamento morfofonêmico tem sido apontado, em relação aos diferentes falares brasileiros, em estudos de orientação teórico-metodológica diversa” (*op. cit.*: 178), afirmação que ratifica sua constante expressividade em estudos sobre os róticos.

Conforme as próprias autoras concluem (*op. cit.*: 179):

Fica claro que, no PB, a tendência é a de eliminar o (R) e assim simplificar a estrutura silábica buscando o padrão (C)VC, enquanto no PE, a tendência é a de manter a estrutura (C)VC, hipótese que, de certa forma, parece encontrar respaldo no fato de o PE ser uma modalidade de reforço consonântico, ao passo que o PB tende a reforçar seu quadro vocálico

Fica ainda a possibilidade de se confirmarem essas vias lingüísticas opostas em outros contextos além do final de vocábulo.

Outros dois trabalhos voltados à análise de –R são o de LIMA (2003) sobre a cidade de Cameté e o de OLIVEIRA (2001), sobre Itaituba, ambas no estado do Pará. O primeiro se dedica ao fonema em contexto interno e em posição posvocálica, o segundo ao comportamento de /R/ na posição final absoluta de palavra, e possuem orientação da sociolingüística quantitativa.

A base do *corpus* de Lima vem do Atlas Geo-Sociolingüístico do Pará, cuja metodologia separa os informantes consoante sexo, idade e renda. A cidade de Cameté tem como peculiaridades ser a oitava no estado em relação ao número de habitantes e possuir a maior parte de sua população na zona rural. Dos seis tipos de “erre” selecionados a princípio, dois foram excluídos por baixa ocorrência: a fricativa velar e a vibrante múltipla. O autor trabalhou com duas faixas etárias (de 15 a 35 anos e mais de 45 anos), dois grupos de escolaridade (sem escolaridade e com segundo ou terceiro graus) e dois tipos de renda (baixa e média ou alta). Na parte das variáveis lingüísticas, optou por sete grupos distintos, realizando adaptações ou retiradas durante a análise dos dados. Ao apresentar os resultados, LIMA comenta que eles se assemelham aos de OLIVEIRA (2001) porque também encontra a fricativa glotal ou o zero fonético como as variantes preferidas, e acrescenta que o índice de tepe retroflexo do *corpus* é maior do que de outros estudos sobre o mesmo fenômeno (ao referir-se ao de CALLOU *et al.*,

1996, para Porto Alegre ou a capital paulista). Assim é que “a posteriorização do (r) [se dá] em gradação no sentido Sul-Norte do Brasil” (LIMA, *id.*: 64), pois nas localidades do sul do país ainda há forte manutenção de tepe ou de outras variantes anteriores, conforme o trabalho mostra por meio de um mapa comparativo.

Na seleção feita pelo VARBRUL quanto aos fatores sociais, a idade obteve a primazia, seguida, respectivamente, pelo sexo, a renda e a escolaridade. Já nos fatores lingüísticos, o modo de articulação da consoante seguinte foi o grupo mais relevante, acompanhado do ponto de articulação da consoante seguinte e a vogal precedente, nessa ordem. Lima acoplou os resultados obtidos com as variáveis sociais (excetuando-se o nível de escolaridade) em dois grupos: *inovador* (representado pelas mulheres jovens de renda média/ alta) e *conservador* (composto pelos homens mais velhos de renda baixa) e fez gráficos que demonstraram ser a faixa etária sempre a mais importante variável para diferenciá-los. Após isso, descreve um a um os sete fatores lingüísticos, dos quais vale ressaltar acerca do modo de articulação (o primeiro da lista) que o cancelamento do fonema é favorecido pelas fricativas, resultado distinto do que se vê em OLIVEIRA (*op. cit.*).

As conclusões a que o autor chega com seu estudo refletem um padrão geral sobre a pesquisa do /R/: trata-se de um fenômeno em estágio de mudança adiantado, em que o cancelamento atinge um percentual alto mesmo se referindo à posição interna dos vocábulos. Também não há como afirmar que dentre o âmbito social ou o lingüístico, um possui mais peso de influência do que o outro, e sim que todos contribuem para a propagação da mudança em questão.

Por sua vez, o estudo sobre a cidade de Itaituba, de OLIVEIRA (2001) detém-se apenas nos erres que findam vocábulos.

De todas as possibilidades de realização do segmento, só ocorreram zeros fonéticos (82%) e fricativas glotais [h] (14%), para os quais o programa computacional selecionou os fatores a seguir, de acordo com a ordem de importância: classe de palavra, modo de articulação da consoante seguinte, tonicidade e dimensão do vocábulo, escolaridade, idade, renda e sexo.

Oliveira chega às mesmas conclusões de CALLOU (1987), no que concerne às variáveis sociais, no sentido de que elas não estão dentre os primeiros fatores relevantes para a variação de -R. Em todas elas, entretanto, de certo modo houve uma fuga aos

resultados esperados: no caso da renda, por exemplo, os falantes de renda média deletam mais a consoante do que os de renda baixa (0.55 de peso relativo contra 0.44, respectivamente). Esse comportamento é explicado pela autora de dois modos: (i) os homens desse nível de renda estão ligados a atividades informais e (ii) essa alta produção de zero fonético já não se mostra um processo estigmatizado pela população de Itaituba.

A classe de palavra, como primeiro grupo escolhido, confirmou o favoritismo dos verbos para o cancelamento, que nesse estudo atingiu 0.56 de peso relativo (a única classe com peso relativo acima de 0.50).

Como conclusão, Oliveira assevera que o apagamento é um fenômeno muito abrangente e que, mesmo nos poucos casos de manutenção, a preferência é pelo ponto de articulação posterior. Ou, nas palavras da autora (*op. cit.*: 91):

Parece que esse apagamento é resultado dos processos de posteriorização e fricativação pelo qual passa o (r) final de vocábulo. A variante geralmente usada pelos falantes antes de se concretizar o apagamento, também nos nossos dados, é uma variante de caráter posterior e fricativo [...]

Pode-se, ainda, citar as pesquisas de MELO e RODRIGUES (2004) e MELO, CUNHA e RODRIGUES (2006), nos quais se observa a realização dos róticos em território brasileiro valendo-se do *corpus* fornecido pelos oito atlas lingüísticos então publicados no território nacional. No artigo de 2006, as autoras estudam as distintas realizações do fonema /R/ em nove estados nacionais, encontrando um farto processo de apagamento, atingindo 64% dos dados quando em contexto externo.

Embora não deixem de mencionar a falta de comparabilidade dos dados, visto que os atlas alcançam até quarenta anos de diferença nas publicações, o trabalho acaba por compor um quadro vasto sobre as realizações internas e externas dos róticos das regiões brasileiras. Assim é que, contrapondo o amplo cancelamento do fonema na posição externa – conforme mencionado dantes –, a posição interna das lexias só encontra 8% de zeros fonéticos.

Em relação ao grupo dos erres externos, a análise encontrou o “contexto antecedente” em primeiro lugar, quando a regra estabelecida foi o apagamento. Assim, confirmando asserções de outros estudos, a vogal anterior alta [i] atingiu o maior peso

relativo, de 0.96. Os outros três grupos, respectivamente escolhidos, foram: (a) a região, na qual o estado de Minas Gerais é o que mais cancela; (b) o contexto subsequente, sendo a pausa a de maior importância e (c) a dimensão do vocábulo, na qual as palavras monossílabas conservam mais o fonema.

Já os erres internos encontram também o contexto antecedente e a região como fatores relevantes na análise quantitativa, com a distinção de aquele estar em terceira posição e este, na primeira – em que novamente prevalece a vogal [i]. A posição intermediária cabe ao modo de articulação da consoante subsequente, com destaque para as oclusivas (0.58 de peso relativo).

Em comunicação apresentada no ENANPOLL de 2008, CUNHA faz um levantamento dos fenômenos fonético-fonológicos no território nacional, tomando os informantes masculinos e jovens (18 a 30 anos) das capitais brasileiras, com o *corpus* já recolhido pelo Projeto Atlas Lingüístico do Brasil. Nesse levantamento, a metodologia consiste em separar vocábulo a vocábulo as respostas pronunciadas por esses informantes e observar o comportamento das consoantes, das vogais e dos suprasegmentos. O objetivo primeiro desse trabalho foi de uniformizar as transcrições que o Projeto tem feito em todas as regiões do país, mas acabou por analisar também os róticos em todos os contextos nos quais aparecem (inicial intervocálico, inicial não-intervocálico – abrindo o vocábulo ou no meio dele –, coda interna ao vocábulo e coda externa ao vocábulo). Dois gráficos¹, particularmente, possuem relação direta com esta pesquisa – os que observam o fonema na posição de coda silábica e são reproduzidos a seguir:

¹ Registre-se que o eixo dos valores “y” corresponde ao número de palavras e não a porcentagens.

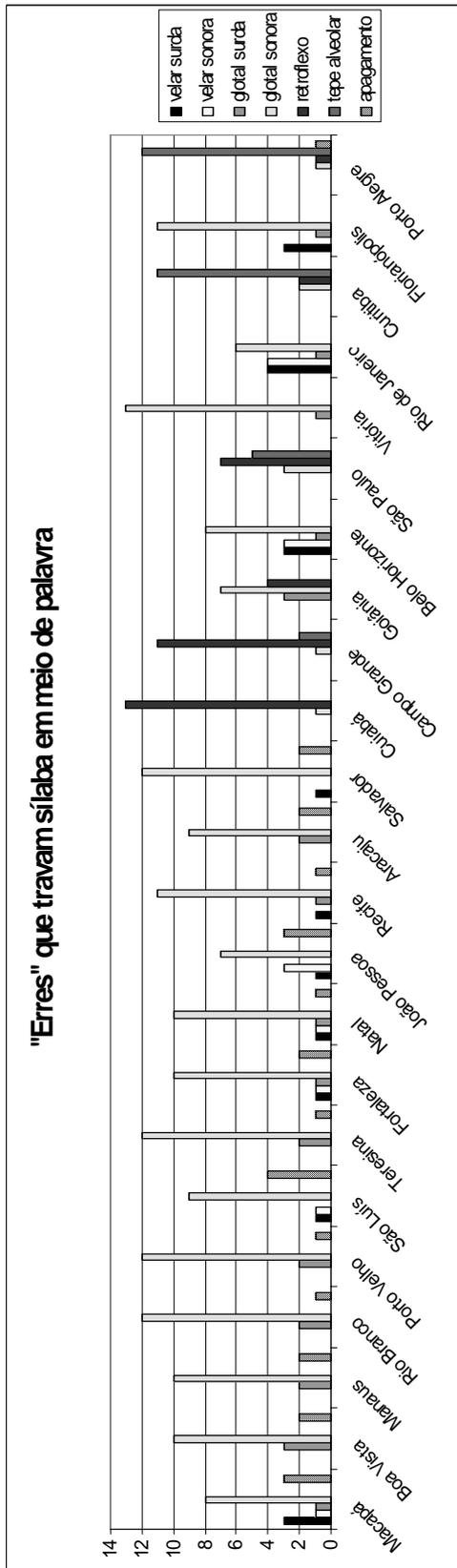


Gráfico 1: "Erres" que travam sílaba em meio de palavra no *corpus* do Projeto ALiB, nos informantes jovens.

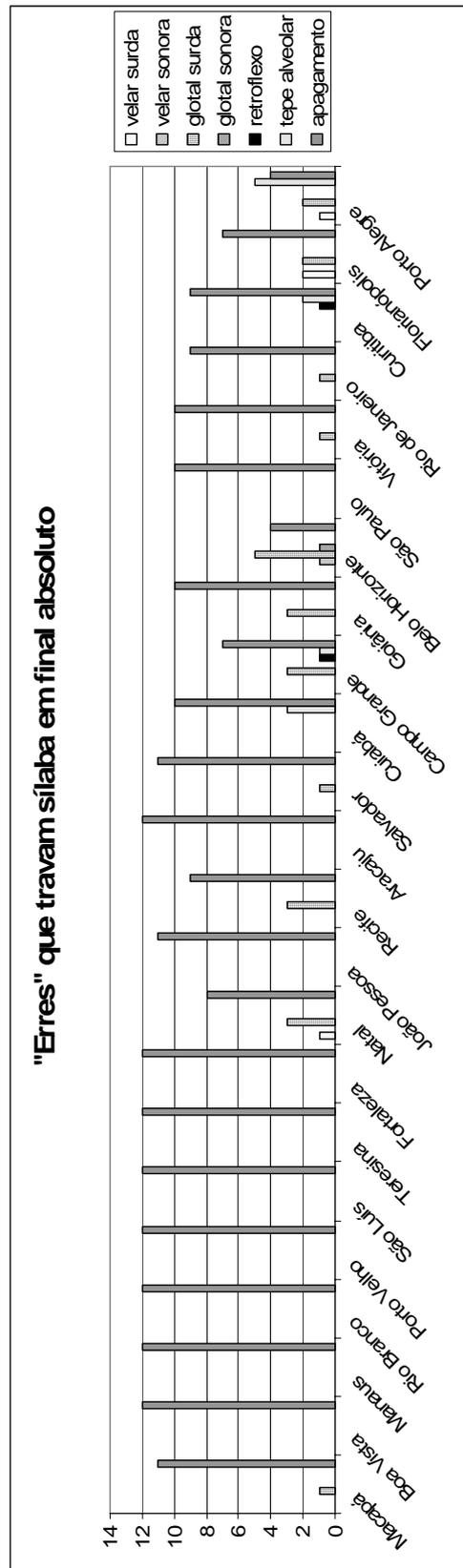


Gráfico 2: "Erres" que travam sílaba em final absoluto no *corpus* do Projeto ALiB, nos informantes jovens.

Do gráfico em que se observam os dados internos, 57% das ocorrências primaram pela fricativa glotal sonora (treze capitais) e em apenas quatro capitais as realizações não pertencem a esse modo de articulação – Cuiabá, Campo Grande, Curitiba e Porto Alegre. O cancelamento interno só ocorreu em capitais do Norte e do Nordeste, não aparecendo nas demais regiões, mas em nenhuma delas obteve maiores índices do que a manutenção.

Por sua vez, no contexto de coda final de vocábulo, o apagamento apareceu de modo categórico em dez capitais. Na região Norte e Nordeste, houve quatro capitais que ainda possuem dados de manutenção – Macapá, Natal, Recife e Salvador. Mesmo quando os informantes preferiram não cancelar o rótico, suas variantes favoritas foram as fricativas, com exceção de Porto Alegre, onde o tepe alveolar atingiu mais dados que o apagamento e do que as fricativas velar e glotal surdas.

Com o intuito de verificar se esses resultados – todos referentes a homens jovens de escolaridade baixa – se observavam também na fala dos informantes de faixa etária mais avançada, fizemos durante uma disciplina de Pós-Graduação (“Fonologia do Português”, ministrada pela Prof^a Cláudia Cunha) o mesmo levantamento. Por o foco recair sobre os róticos, as entrevistas foram ouvidas na íntegra, e transcritos somente os dados de /R/ nos mesmos contextos (inicial, intervocálico e posvocálico). Reproduzem-se, adiante, os dois gráficos² referentes aos róticos que travam sílabas, quer estejam no meio ou no fim da lexia (observe-se que em nosso levantamento há um número menor de capitais):

² Assim como os dois primeiros gráficos, os gráficos 3 e 4 têm, no eixo dos valores, o registro do número de vocábulos.

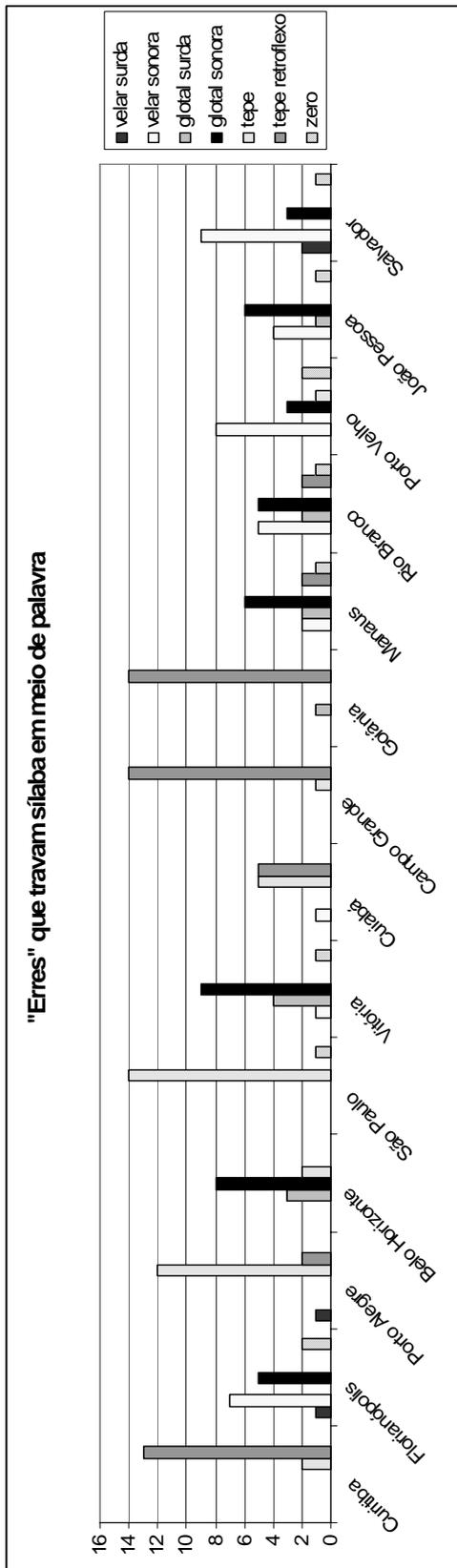


Gráfico 3: "Erres" que travam sílaba em meio de palavra no *corpus* do Projeto ALiB, nos informantes mais idosos.

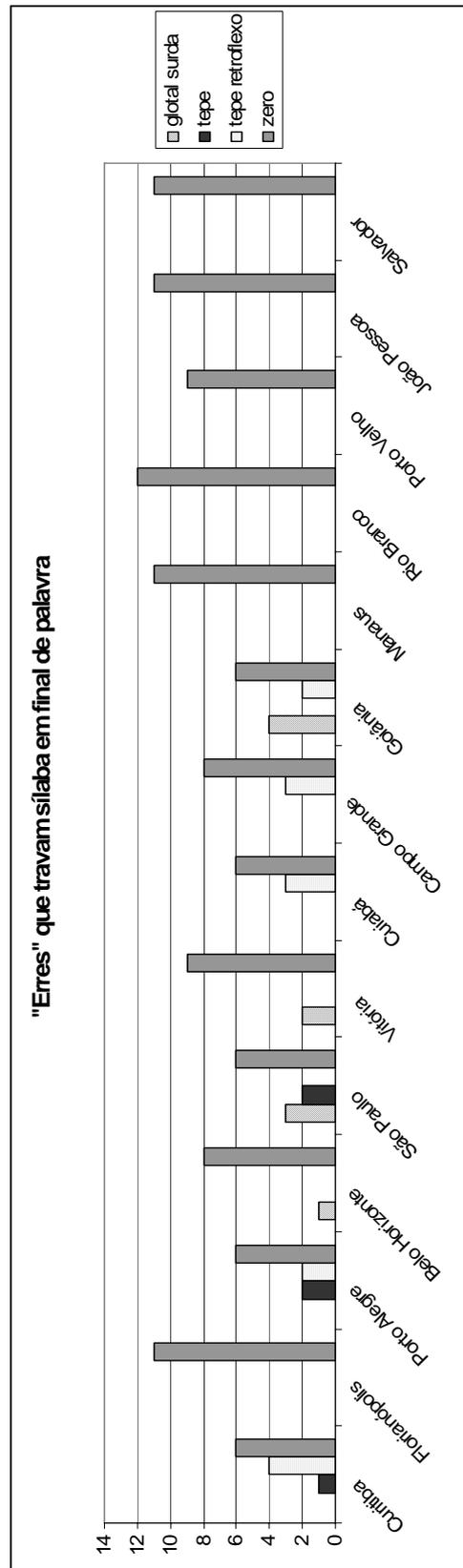


Gráfico 4: "Erres" que travam sílaba em final de palavra no *corpus* do Projeto ALiB, nos informantes mais idosos.

Conforme se verifica, no rótico posvocálico interno, houve maior número de realizações diferenciadas e as variantes anteriores encontram bastante espaço na fala dos homens mais velhos, tendo altos percentuais em São Paulo ou em Campo Grande, por exemplo.

Com relação aos dados em que o /R/ está no final do vocábulo, o apagamento se mostrou a variante favorita, não concorrendo com nenhuma outra em capitais como Manaus, João Pessoa ou Salvador. Casos de tepe retroflexo foram encontrados na região Centro-oeste e de tepe alveolar na região Sul e em São Paulo.

Unindo, portanto, os dois levantamentos, é possível dizer que: (i) os róticos mediais em coda conservam desde as variantes mais anteriores até o cancelamento, a depender da região onde ocorram, (ii) os mais jovens apresentam maiores porcentagens de fricativas glotais, enquanto os de mais idade apresentam-nas sempre ao lado de outras realizações, conservando consideravelmente o tepe e o retroflexo e (iii) os róticos finais estendem a regra de apagamento, independente da idade do falante, entretanto os da segunda faixa demonstram menos disparidade entre o zero e as variantes de manutenção.

Destacam-se, por fim, os dois estudos mencionados na introdução deste trabalho, somente no que remetem aos resultados sobre os róticos. LIMA (2006) estuda quatro municípios: Nova Iguaçu, Duque de Caxias, Magé e Itaboraí. Ao mencionar os “outros aspectos” dos falares dessas localidades, afirma às páginas 65 e 66:

O –R forte, pré-vocálico, concretiza-se como fricativa glotal, embora haja registros de aproximante velar. O mesmo ocorre com o –R pós-vocálico, devendo-se, no entanto, destacar que:

- registraram-se alguns raros casos de tepe, da vibrante múltipla e da aproximante retroflexa: [kaŋaɳvaw] por um informante do gênero feminino, de 3ª faixa etária; e [kwaɳtoɳz] e [barɳiʒ] por um informante de gênero masculino de 3ª faixa etária, ambos moradores da localidade de Magé;
- predomina o cancelamento nas formas verbais de infinitivo;
- ocorrem casos de assimilação do rótico pela fricativa alveolar, como se observa nas cartas *aniversário* (11/ 23), *terça* (11/ 24) e *março* (11/24).

Na tese de ALMEIDA (2008:130), embora o foco recaia, na análise, sobre o arquifonema /S/, há considerações sobre o comportamento dos róticos nas doze localidades³ pesquisadas:

No que concerne à variação do *R* inicial de vocábulo, nota-se a forte presença da fricativa velar surda em Porciúncula (ponto 2), Quissamã (ponto 11), Santa Maria Madalena (ponto 3) e Resende (ponto 12). Em São Francisco do Itabapoana (ponto 1), Três Rios (ponto 10), Valença (ponto 9) e Cabo Frio (ponto 4), há certo equilíbrio entre as variantes glotal e a velar. Em contrapartida, a fricativa glotal desvozeada é a mais freqüente nas duas cidades mais próximas da capital – Itaguaí (ponto 7) e Cachoeiras de Macacu (ponto 6) –, ainda em Paraty (ponto 8) e Cantagalo (ponto 5). Vale destacar que, nestas duas últimas localidades, existe uma distribuição por gênero bastante regular: as mulheres tendem a usar [h], enquanto os homens optam normalmente pelo [x].

Em coda silábica interna, são encontradas tanto as variantes [+ant] de -R quanto as [-ant]. A aproximante retroflexa, afora dados esparsos, concentra-se em Resende. Já o tepe, igualmente significativo em Resende, é extensivo às demais localidades – salvo Cabo Frio, Cachoeiras de Macacu, Valença e Três Rios –, notadamente em falantes faixa 3.

No que tange às variantes [-ant], a posição medial torna mais nítido o quadro já esboçado na análise da posição inicial: nos pontos 2, 3 e 11, os falantes, de um modo geral, preferem as variantes velares. As demais regiões – excluindo-se Resende, que se distingue das demais por conta da preponderância das variantes [+ant] – caracterizam-se pela utilização da aspirada nesse contexto.

Em posição final de vocábulo, como já se tem comprovado em outros estudos, é patente a tendência ao apagamento do *R*, especialmente nos casos de infinitivo verbal. Nos vocábulos pertencentes a outras classes, a incidência de cancelamento é bem menos expressiva, embora preponderante.

³ Os municípios pesquisados no *Micro* AFERJ são: São Francisco de Itabapoana, Porciúncula, Santa Maria Madalena, Cabo Frio, Cantagalo, Cachoeiras de Macacu, Itaguaí, Parati, Valença, Três Rios, Quissamã e Resende.

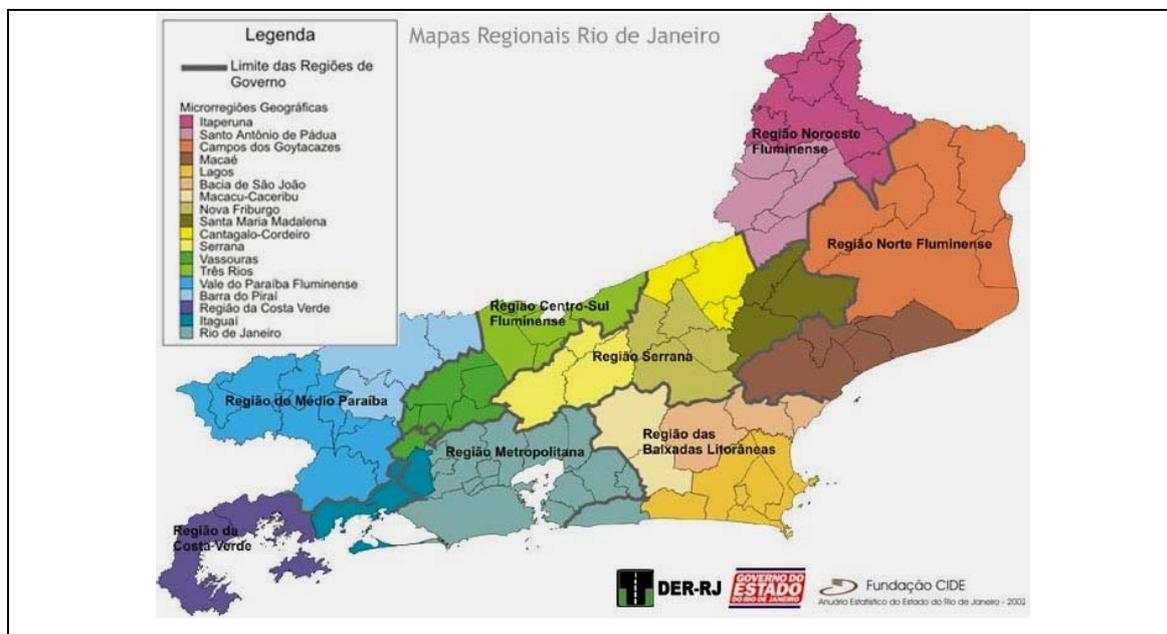
3. AS LOCALIDADES ESCOLHIDAS

O Estado do Rio de Janeiro é composto de noventa e dois municípios distribuídos em seus 43.696,054 km². Conta, atualmente, com uma população de mais de quinze milhões de habitantes e possui como capital a cidade de nome homônimo.

Os municípios são organizados em unidades maiores, as microrregiões, demonstradas no mapa 1. Em meio a outras possibilidades, o fenômeno aqui observado contemplou três desses municípios em regiões distintas, a saber: Petrópolis (da região Serrana), Itaperuna (da região Noroeste Fluminense) e Parati (da região da Costa Verde). A razão para essa escolha encerra duas justificativas:

- (a) o de serem pontos equidistantes no interior do estado, permitindo o estudo da variação e mudança dos róticos em um perímetro abrangente;
- (b) o de pertencerem à rede de pontos do Projeto Atlas Lingüístico do Brasil⁴, do qual fazemos parte, e permitirem comparações futuras quando da completa recolha nos 14 municípios selecionados pelo Projeto.

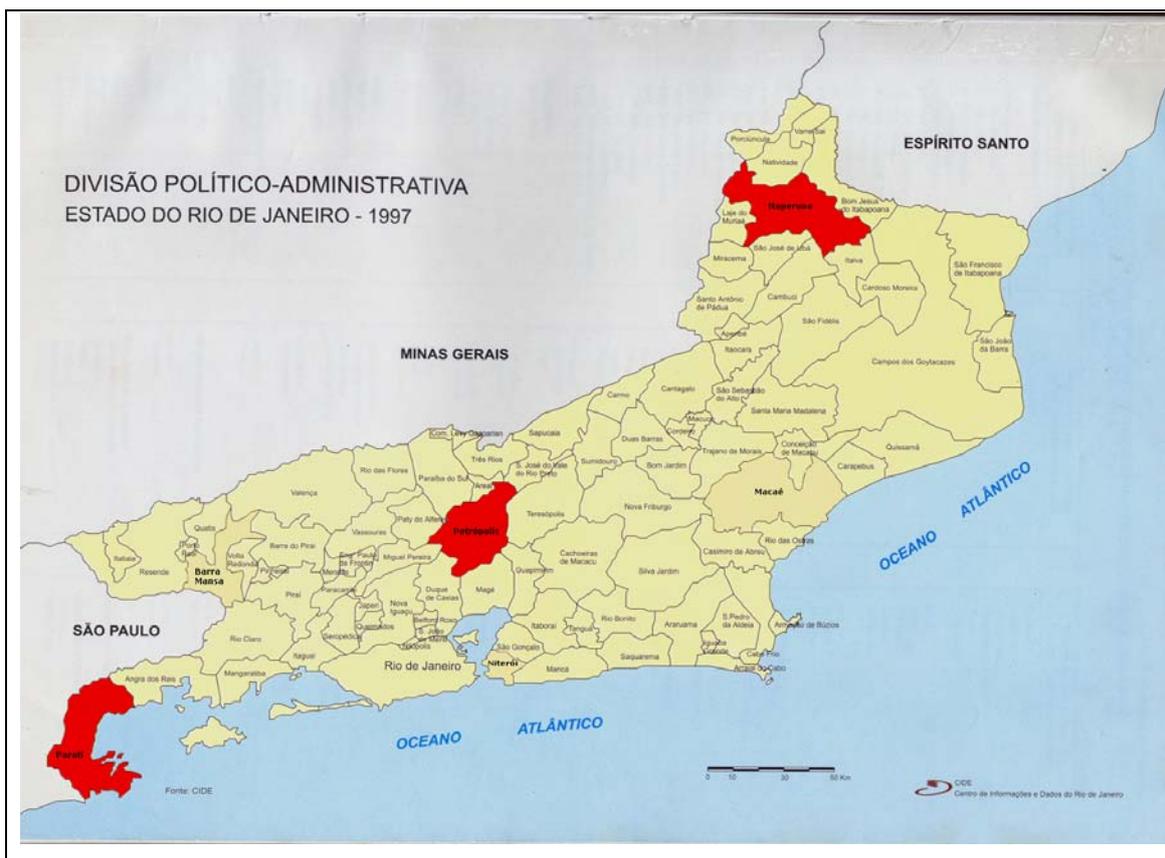
Essas localidades podem ser visualizadas nos mapas⁵ que se seguem:



Mapa 1: Divisão do estado do Rio de Janeiro por microrregiões.

⁴ Verificar anexo 1.

⁵ O primeiro mapa foi retirado do site <http://www.der.rj.gov.br/mapas/cide.html>.



Mapa 2: Divisão político-administrativa do Rio de Janeiro, com demarcação dos municípios do *corpus*.

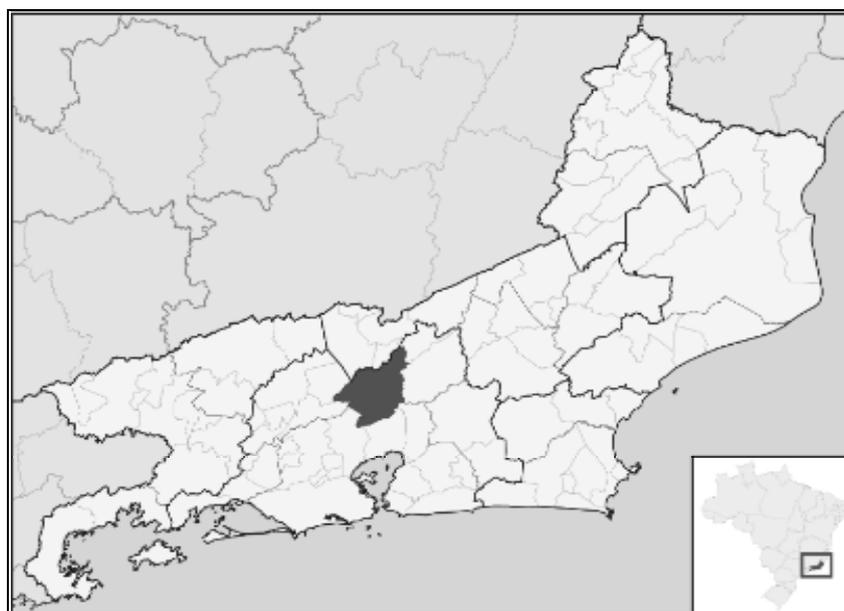
Para a exposição de cada município, utilizou-se a mesma ferramenta do IBGE empregada pelos pesquisadores do Projeto ALiB: a base de dados agregados SIDRA. Nela se podem encontrar tabelas específicas do território nacional, que o usuário pode delimitar de acordo com suas preferências (escolhendo se quer verificar os números totais ou segmentar as células). Em relação a informações históricas, a Biblioteca – outra ferramenta do site do IBGE⁶ –, fornece documentos em formato .pdf, que podem ser acessados com grande facilidade.

3.1. Petrópolis

A cidade de Petrópolis, conhecida por *Cidade Imperial*, tem uma área de 774.606 km². Destaca-se por seu caráter histórico, seus monumentos belíssimos do

⁶ A página inicial do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística é <http://www.ibge.gov.br/home/>. A base SIDRA e a Biblioteca virtual podem ser acessadas a partir dessa página, na coluna da esquerda.

período imperial e pelo clima ameno. No mapa a seguir, é possível verificar sua posição geográfica dentro do Estado.



Mapa 3: Localização da cidade de Petrópolis – RJ.

De acordo com a base SIDRA, Petrópolis localiza-se na mesorregião Metropolitana do Rio de Janeiro e na microrregião Serrana. A população estimada totaliza 306.645 habitantes, com base em informações de 2007.

Um dos tipos de tabela fornecido pela base segmenta a população de acordo com o sexo e os grupos de idade dos municípios. Posto que esses são dois fatores controlados na pesquisa, decidiu-se mostrá-la, a fim de que se tenha um perfil de que grupos são majoritários na localidade.

Tabela 205 - População residente por sexo e grupos de idade		
Município = Petrópolis - RJ		
Variável = População residente (Pessoas)		
Ano = 1991		
Sexo	Grupos de idade	
Homens	18 anos	2.374
	19 anos	2.243
	20 a 24 anos	11.651
	25 a 29 anos	11.073
	30 a 34 anos	10.054

	35 a 39 anos	8.963
	40 a 44 anos	7.988
	45 a 49 anos	6.123
	50 a 54 anos	5.325
	55 a 59 anos	4.345
	60 a 64 anos	3.823
	65 a 69 anos	2.744
	70 a 74 anos	1.799
	75 a 79 anos	1.110
	80 anos ou mais	825
Mulheres	18 anos	2.369
	19 anos	2.283
	20 a 24 anos	11.991
	25 a 29 anos	11.851
	30 a 34 anos	10.759
	35 a 39 anos	10.044
	40 a 44 anos	8.842
	45 a 49 anos	6.781
	50 a 54 anos	5.794
	55 a 59 anos	5.069
	60 a 64 anos	4.602
	65 a 69 anos	3.622
	70 a 74 anos	2.458
	75 a 79 anos	1.750
80 anos ou mais	1.634	

Tabela 1: População residente de Petrópolis, separada por sexo e faixa etária.

A faixa da população que ultrapassa os dez mil habitantes é de 20 a 34 anos, no caso dos homens, e de 20 a 39 anos, no grupo feminino. Observe-se que a última data em que essa segmentação foi realizada é o ano de 1991, o que certamente diferenciará as somas populacionais (como também a exclusão das faixas iniciais, de 0 a 17 anos).

Quanto ao aspecto histórico, o documento número 1758⁷ da Biblioteca virtual do IBGE, afirma que as primeiras terras concedidas no território datam do século XVII, mais precisamente em 1686. Nos séculos seguintes, surgiram as “Fazendas” e, somente

⁷ Encontrado no site <http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/dtbs/riodejaneiro/petropolis.pdf>

em 6 de fevereiro de 1830, o Imperador D. Pedro I adquire a Fazenda do Córrego Seco. Treze anos depois, criou-se um decreto que instituía uma população local (onde já havia se concentrado um grande número de colonos alemães) e a criação do palácio. Sobre o nome dado à localidade, o documento do IBGE afirma à página 2:

No mesmo ano, João Caldas Viana, exercendo a presidência da Província do Rio de Janeiro, mandou colocar na antiga fazenda do Córrego Seco dois cruzeiros de madeira com as inscrições: "Cruz de São Pedro de Alcântara de Petrópolis" e "Cruz da Capela dos Finados de Petrópolis", para indicar o local da futura Cidade, cujo nome, homenagem de Paulo Barbosa da Silva ao Imperador, passou a ser logo usado.

A cidade, com o passar das décadas, foi palco de atos e interesses políticos, dentre os quais se destaca a assinatura do "Tratado de Petrópolis", o qual trouxe à posse brasileira o estado do Acre.

Após sucessivas reformulações na divisão territorial ao longo do tempo, Petrópolis perdeu o distrito de São José do Vale do Rio Preto – que se tornou município em 1987 – e passou a ter, finalmente, apenas cinco distritos, em 1994: Petrópolis (sede), Cascatinha, Itaipava, Pedro do Rio e Posse. Em pesquisa prévia, descobriu-se que Pedro do Rio seria o distrito mais favorável para a composição do *corpus* da presente pesquisa, pois de acordo com dados estatísticos do IBGE é o que mais possui população tida como rural (de onde advêm, sobretudo, o perfil de informantes requerido).

Em relação à sua economia, destaca-se o turismo e o comércio. Enquanto algumas pessoas visitam a cidade para conhecer monumentos como o Museu Imperial de Petrópolis ou o Palácio de Cristal, outras vão até lá para adquirir, especialmente, peças de vestuário a preços mais acessíveis do que na capital, por exemplo. Dentre esses pontos de venda de roupas, é conhecida a Rua Tereza, com suas inúmeras lojas, dedicadas em sua maioria ao vestuário feminino. Algumas pessoas famosas também elevam o status da cidade, dentre os quais se destaca o avião Santos Dummont, cuja casa também é ponto turístico da cidade.

Uma das tabelas fornecidas pela base SIDRA fornece uma listagem com todos os segmentos econômicos e o número de empresas que cada um possui até o ano de 2006:

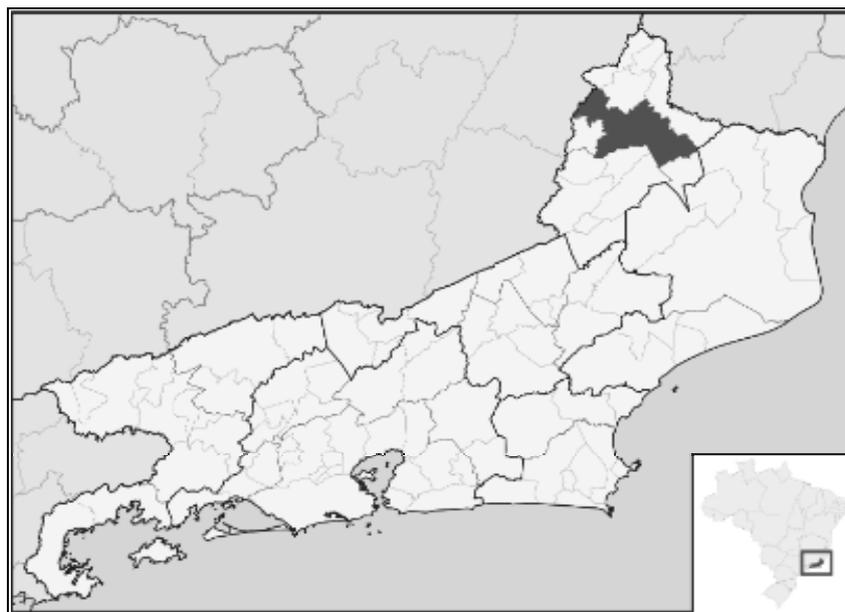
Tabela 2933 - Empresas e outras organizações, por ano de fundação, seção da classificação de atividades e faixas de pessoal ocupado total	
Município = Petrópolis - RJ	
Variável = Número de empresas (Unidade)	
Faixas de pessoal ocupado = Total	
Ano de fundação = Total	
Ano = 2006	
Classificação Nacional de Atividades Econômicas (CNAE)	
A Agricultura, pecuária, silvicultura e exploração florestal	41
B Pesca	5
C Indústrias extrativas	13
D Indústrias de transformação	1.325
E Produção e distribuição de eletricidade, gás e água	2
F Construção	217
G Comércio; reparação de veículos automotores, objetos pessoais e domésticos	4.372
H Alojamento e alimentação	866
I Transporte, armazenagem e comunicações	191
J Intermediação financeira, seguros, previdência complementar e serviços relacionados	71
K Atividades imobiliárias, aluguéis e serviços prestados às empresas	1.665
L Administração pública, defesa e seguridade social	6
M Educação	263
N Saúde e serviços sociais	282
O Outros serviços coletivos, sociais e pessoais	869
P Serviços domésticos	-
Q Organismos internacionais e outras instituições extraterritoriais	-

Tabela 2: Número de empresas de acordo com a especialidade em Petrópolis.

Dois setores se destacam no município: o comércio e as atividades imobiliárias. De acordo com alguns dos informantes, a cidade apresenta boa qualidade de vida, deixando a desejar unicamente no item “lazer”, pois disponibiliza poucas atividades aos petropolitanos.

3.2. Itaperuna

O município de Itaperuna, de acordo com as classificações do IBGE, localiza-se na mesorregião Noroeste Fluminense do Rio de Janeiro e na microrregião de nome homônimo (Itaperuna). Sua população é contada em 92.852 habitantes (para o ano de 2007), distribuídos em uma área de 1.105,566 km².



Mapa 4: Localização geográfica da cidade de Itaperuna – RJ.

O mapa que revela a distribuição populacional, segundo idade e sexo, tem o maior número de indivíduos nas faixas mais jovens – entre 20 e 34 anos –, como se vê:

Tabela 205 - População residente por sexo e grupos de idade		
Município = Itaperuna - RJ		
Variável = População residente (Pessoas)		
Ano = 1991		
Sexo	Grupos de idade	
Homens	18 anos	697
	19 anos	699
	20 a 24 anos	3.554
	25 a 29 anos	3.487
	30 a 34 anos	3.021

	35 a 39 anos	2.590
	40 a 44 anos	2.141
	45 a 49 anos	1.698
	50 a 54 anos	1.488
	55 a 59 anos	1.233
	60 a 64 anos	1.179
	65 a 69 anos	856
	70 a 74 anos	554
	75 a 79 anos	421
	80 anos ou mais	365
Mulheres	18 anos	793
	19 anos	715
	20 a 24 anos	3.597
	25 a 29 anos	3.731
	30 a 34 anos	3.165
	35 a 39 anos	2.784
	40 a 44 anos	2.232
	45 a 49 anos	1.808
	50 a 54 anos	1.484
	55 a 59 anos	1.379
	60 a 64 anos	1.296
	65 a 69 anos	888
	70 a 74 anos	673
	75 a 79 anos	466
80 anos ou mais	515	

Tabela 3: População residente de Itaperuna, separada por sexo e faixa etária.

O documento 1737⁸ da Biblioteca do IBGE relata brevemente a história desse município, que só ocorreu a partir do século XIX, com a chegada de um sargento oriundo de Minas Gerais – José Lannes (ou Lana) Dantas Brandão. Aos poucos, seus irmãos e outros familiares foram criando posses na localidade, sempre próximas ao Vale do Carangola. Por sua vez, o Vale do Muriaé foi habitado a partir de 1834 por outro parente de Brandão, com o qual vieram a esposa e alguns índios. O nome dado ao local é explicado à primeira página do documento:

⁸ Encontrado no site <http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/dtbs/riodejaneiro/itaperuna.pdf>

Em consequência dos melhoramentos realizados nas vias de comunicação e graças ao trabalho de seus habitantes, em 1885, o Governo cria um Município na região, elevando a freguesia de Nossa Senhora da Natividade à categoria de Vila, sob a denominação de Itaperuna, que, em língua indígena, quer dizer Pedra Preta ou tapir preto. Deve-se a escolha desse nome ao fato de os índios puris o aplicarem à região circunvizinha da chamada "Pedra do Elefante" situada em Porciúncula.

A vila de Natividade de Itaperuna tornou-se cidade em 1889, à qual foram anexados diversos distritos em poucos anos, tendo, no princípio do século XX (em 1911), um registro de doze distritos. Após trinta e três anos, esse número reduziu-se a sete distritos: Itaperuna, Boa Ventura, Comendador Venâncio, Itajara, Nossa Senhora da Penha, Raposo e Retiro do Muriaé.

Nos dias de hoje, um dos destaques turísticos da cidade é uma réplica do Cristo Redentor com vinte metros de altura e que pode ser vista de alguns pontos da cidade, incluindo a praça central. A aproximação com a capital também ocorre no clima, reconhecido pelos moradores como um dos mais quentes do Estado do Rio e que atinge, por vezes, máximas acima dos 40 graus.

A distância de 316 quilômetros até a cidade do Rio não impede existência de algumas faculdades em comum. Em Itaperuna, os estudantes contam com pólos de ensino onde universidades como a UFF ministram seus cursos.

Quanto à economia – que um dia já se destacou pelo plantio de café –, vê-se criação de gado e frigoríficos em muitos pontos, o que torna a pecuária e a produção de leite algumas das molas financeiras da cidade. O número de indústrias em cada setor é revelado a seguir:

Tabela 2933 - Empresas e outras organizações, por ano de fundação, seção da classificação de atividades e faixas de pessoal ocupado total	
Município = Itaperuna - RJ	
Variável = Número de empresas (Unidade)	
Faixas de pessoal ocupado = Total	
Ano de fundação = Total	
Ano = 2006	
Classificação Nacional de Atividades Econômicas (CNAE)	

A Agricultura, pecuária, silvicultura e exploração florestal	8
B Pesca	-
C Indústrias extrativas	14
D Indústrias de transformação	369
E Produção e distribuição de eletricidade, gás e água	-
F Construção	46
G Comércio; reparação de veículos automotores, objetos pessoais e domésticos	1.417
H Alojamento e alimentação	168
I Transporte, armazenagem e comunicações	46
J Intermediação financeira, seguros, previdência complementar e serviços relacionados	17
K Atividades imobiliárias, aluguéis e serviços prestados às empresas	205
L Administração pública, defesa e seguridade social	5
M Educação	84
N Saúde e serviços sociais	102
O Outros serviços coletivos, sociais e pessoais	268
P Serviços domésticos	-
Q Organismos internacionais e outras instituições extraterritoriais	-

Tabela 4: Número de empresas de acordo com a especialidade em Itaperuna.

Em números, as empresas relativas à agricultura e pecuária somam apenas oito e o setor de comércio é aquele que concentra a maior quantidade de empresas e organizações. A educação gera elogios nos moradores do município, mas o maior “orgulho” de alguns informantes é a área de saúde, que chega a disponibilizar até tratamentos dentários gratuitos.

3.3. Parati

O famoso município de Parati localiza-se na mesorregião Sul Fluminense e na microrregião da Baía da Ilha Grande, estando entre os destaques turísticos do Estado. Seja pelas praias belas, pelas várias ilhas ou pelo Centro Histórico, há em qualquer período do ano pessoas que vão lhe conhecer. Os turistas dispõem de um número grande

de hotéis e pousadas, espalhados pela cidade, misturados às casas locais, em ruas que, às vezes, nem parecem disponibilizar o serviço de hospedagem.

Todo esse destaque se realiza em uma cidade de área pequena – 928 km² – e com população que pouco vai além dos trinta e dois mil habitantes (em 2007 a contagem era de 32.838). A maior concentração de indivíduos está na faixa dos vinte anos, conforme a tabela a seguir demonstra:

Tabela 205 - População residente por sexo e grupos de idade		
Município = Parati - RJ		
Variável = População residente (Pessoas)		
Ano = 1991		
Sexo	Grupos de idade	
Homens	18 anos	312
	19 anos	214
	20 a 24 anos	1.089
	25 a 29 anos	974
	30 a 34 anos	956
	35 a 39 anos	928
	40 a 44 anos	735
	45 a 49 anos	500
	50 a 54 anos	442
	55 a 59 anos	321
	60 a 64 anos	245
	65 a 69 anos	221
	70 a 74 anos	130
	75 a 79 anos	93
80 anos ou mais	65	
Mulheres	18 anos	220
	19 anos	214
	20 a 24 anos	942
	25 a 29 anos	1.003
	30 a 34 anos	984
	35 a 39 anos	794
	40 a 44 anos	616
	45 a 49 anos	430
	50 a 54 anos	332

55 a 59 anos	295
60 a 64 anos	232
65 a 69 anos	182
70 a 74 anos	120
75 a 79 anos	86
80 anos ou mais	85

Tabela 5: População residente de Parati, separada por sexo e faixa etária.



Mapa 5: Localização geográfica do município de Parati – RJ.

Das três localidades escolhidas, é a cidade mais antiga, fundada oficialmente no ano de 1667. No documento de número 1756⁹ do acervo do IBGE, conta-se que a localidade já era habitada desde o século XVI por índios, mas somente no período da extração intensa do ouro em Minas Gerais, Parati tornou-se uma via obrigatória para os exploradores. Um grande comércio de itens alimentícios se fez no lugar, que logo prosperou.

Na segunda metade do século XVII, mais precisamente no ano de 1660, o Capitão Abreu faz um requerimento para a elevação ao posto de Vila, atitude que gerou

⁹ Disponibilizado em <http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/dtbs/riodejaneiro/parati.pdf>

represália da localidade de Angra, a quem eram submissos. E esse desejo de independência durou sete anos, até que por meio de uma “Carta Régia” virou realidade. Um outro fato que também marcou a história da população paratiense refere-se à divisão da administração entre Rio de Janeiro e São Paulo, a qual só se resolveu com o pagamento de um resgate.

A oscilação econômica de Parati é descrita em um dos parágrafos da segunda página do documento 1756, explicitando que a cidade

continuou importante porto de mar até fins do século XIX. As caravelas que vinham da Europa ali faziam escala quase obrigatória. Companhias líricas vinham da Europa representar no teatro de Parati, que também recebeu atores nacionais do vulto de João Caetano. Continuavam a chegar imigrantes às suas terras férteis. Por volta de 1863 ainda existiam 12 engenhos e 150 fábricas de aguardente. Com a abolição da escravatura, em 1888, e o êxodo dos trabalhadores rurais, verificou-se o colapso de sua economia, baseada na cultura da cana e do café. Em consequência do abandono das terras, vários cursos de água tiveram seus leitos obstruídos, ficando as várzeas férteis sujeitas a inundações.

O reerguer-se do município só ocorreu a partir da criação da estrada que liga Parati a Angra do Reis há mais de quarenta anos. Quanto à divisão territorial, compreende atualmente três distritos: Parati, Parati-Mirim e Tarituba.

Os dois bairros mais populosos da cidade – Parque das Mangueiras e Ilha das Cobras – formaram o foco da recolha de dados para essa pesquisa, nos quais maior parte das pessoas tem pouca renda e pouco estudo. O turismo e a pesca são os centros da economia local, sendo o primeiro o responsável pelo alto custo de vida da cidade.

Tabela 2933 - Empresas e outras organizações, por ano de fundação, seção da classificação de atividades e faixas de pessoal ocupado total	
Município = Parati - RJ	
Variável = Número de empresas (Unidade)	
Faixas de pessoal ocupado = Total	
Ano de fundação = Total	
Ano = 2006	
Classificação Nacional de Atividades Econômicas (CNAE)	
A Agricultura, pecuária, silvicultura e exploração florestal	4
B Pesca	1

C Indústrias extrativas	6
D Indústrias de transformação	56
E Produção e distribuição de eletricidade, gás e água	-
F Construção	17
G Comércio; reparação de veículos automotores, objetos pessoais e domésticos	531
H Alojamento e alimentação	289
I Transporte, armazenagem e comunicações	35
J Intermediação financeira, seguros, previdência complementar e serviços relacionados	1
K Atividades imobiliárias, aluguéis e serviços prestados às empresas	63
L Administração pública, defesa e seguridade social	2
M Educação	24
N Saúde e serviços sociais	5
O Outros serviços coletivos, sociais e pessoais	113
P Serviços domésticos	-
Q Organismos internacionais e outras instituições extraterritoriais	-

Tabela 6: Número de empresas de acordo com a especialidade em Parati.

Parati concentra pequeno número de empresas e organizações, posicionando, ainda assim, o comércio em primeiro lugar, como se vê na relação anterior. Por ter grande importância turística, o setor de alojamento e alimentação apresenta um número que excede a metade dos estabelecimentos do comércio, ocupando a segunda posição.

4. PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

A pesquisa dos róticos pauta-se na base teórica da Sociolinguística Laboviana. Em uma afirmação ampla, é possível compreendê-la como a teoria que tende a unir e esclarecer os níveis social e lingüístico, no que tange às relações que estabelecem entre si. Percebe a língua não como um elemento isolado e muito menos homogêneo, mas variado e influenciado por fatores como idade e sexo do falante, por exemplo.

Apesar de ter pouco mais de quatro décadas, a também chamada Teoria da Variação tem encontrado espaço nas pesquisas que anseiam descrever o funcionamento da língua em diferentes estratos. Assim é que nos vários níveis do sistema – fonética, morfologia, sintaxe, semântica e discurso – o formato quantitativo de análise dos *corpora* adequa-se aos objetivos desejados. Ao fazer uso dessa teoria, vêm à tona certos conceitos como *variável* e *variante*, *variação* e *mudança*, *comunidade lingüística*, nos quais nos deteremos adiante.

Uma vez percebida e aceita a condição múltipla das línguas, pode-se selecionar um fenômeno qualquer em que haja a coexistência de formas em um dado momento da história (sincronia) ou no decorrer do tempo (diacronia) e, assim, determinar regras ou tendências que permitam a sua existência. Nesse meio, entende-se *variante* como essas formas coexistentes e *variáveis* como os elementos internos ou externos à língua e que se relacionam com o fenômeno estudado. Dessa feita, será chamada *variável dependente* aquela que constitui o foco do estudo – na presente pesquisa, os tipos de “erre” –, a qual não varia de *per si* mas depende de outros fatores. Esses, por seu turno, podem ser intralingüísticos ou extralingüísticos e constituem o conjunto responsável pela pressão e influência sobre a *variável dependente*, então denominados de *variáveis independentes*.

Em relação à *comunidade lingüística*, há definições diversas, no entanto, a mais adequada parece ser a de um grupo de pessoas que compartilha “um conjunto de normas de uso que são expressas não apenas pelos julgamentos explícitos mas também pela uniformidade de esquemas de variação observados nas suas produções lingüísticas” (Labov, 1972 apud Thibault). Tal asserção permite individualizar o grupo acima de separações estritamente geográficas ou ligadas a etnias várias.

Para falar em *mudança*, faz-se necessário recorrer às origens do pensamento da heterogeneidade inerente, com o trabalho de Weinreich, Labov e Herzog – *Empirical Foundations for a Theory of Language Change*¹⁰ –, de 1968. Nele estão reunidas as vertentes de cada um dos autores bem como a revisão crítica das teorias da linguagem antecedentes, incluindo desde os neogramáticos à teoria gerativa de Chomsky. O pressuposto básico do estudo é que a língua varia internamente sem que isso implique na desestruturação de seu sistema, fato que leva os autores a encontrar lacunas nas demais teorias, quando estas se voltam ao fenômeno da mudança lingüística.

O primeiro nome rememorado é o de Hermann Paul, no final do século XIX, com seu trabalho centrado nos idioletos, os quais concebia como as unidades mais relevantes da língua. É a partir de sua existência que Paul formula outros conceitos, como o de “uso lingüístico” – espécie de média entre idioletos. No caso de mudanças fonéticas, o autor propunha a motivação do menor esforço, o que para Weinreich, Labov e Herzog não responde às questões de por que essa motivação não gerou mudanças antes ou por quais razões todos os usuários não a adotam (visto ser de mais fácil produção). O modelo acaba por separar subitamente o social do individual e concebe a junção de idioletos iguais como a definição de dialeto. Para além dele, Saussure, Bloomfield e Chomsky também entram no grupo de estudiosos que pouco contribuíram para o entendimento da mudança, pois pensam a língua como algo uno (mesmo quando mencionam dialetos e mudança) ou chegam a refutar o caráter variado das línguas.

Na segunda etapa do estudo, denominada “problemas com a mudança de estrutura” e, particularmente na fonologia, Weinreich *et al.* encontram entraves como o desprezo à fase transitória da mudança. Jakobson, Martinet e Halle são os nomes suscitados para essa consideração, sendo este último merecedor de avaliação positiva, a não ser por desconsiderar o conceito de heterogeneidade lingüística. Por fim, após as resenhas já mencionadas, apresentam, os três estudiosos, a sua própria vertente – que se traduz na união de três espécies de dados: os que advêm da geolingüística, os fornecidos pelos contatos entre línguas e, enfim, os da sociolingüística. Vertentes que nada mais são do que a linha de pesquisa de cada autor. Do primeiro grupo de dados, entende-se que as isoglossas revelam o *continuum*¹¹ e o estágio transitório da mudança histórica,

¹⁰ Utilizamos aqui a versão em português, traduzida por Marcos Bagno.

¹¹ Em Chambers & Trudgill (1982 :8), a noção do *continuum* merece destaque na explicação da Dialectologia.

sendo a transição revelada na interação de falantes com “sistemas diferentes”. Do segundo grupo, vem a rejeição ao idioleto, no sentido de cada usuário ter em si a convivência e competição de formas variadas (daí a ilusão de se achar que ele também seria um ser homogêneo). E do terceiro, mostram-se indispensáveis as variáveis lingüísticas e sociais na compreensão do fenômeno de mudança.

E assim, olhando a língua despidos de ideais de unicidade, os autores acabam por reformular o método de estudo que não apenas facilita a compreensão no lado histórico corrente, mas também o funcionamento da língua dentro de cada espaço de tempo, tentando rearrumar os fatos lingüísticos ao lado da sua “evolução” histórica. Ao final do estudo, os autores propõem sete princípios para o entendimento da mudança (*op. cit.*: 125-6), dos quais selecionamos três reproduzidos a seguir:

3. Nem toda variabilidade e heterogeneidade na estrutura lingüística implica mudança; mas toda mudança implica variabilidade e heterogeneidade.

4. A generalização da mudança lingüística através da estrutura lingüística não é uniforme nem instantânea; ela envolve a covariação de mudanças associadas durante substanciais períodos de tempo, e está refletida na difusão de isoglossas por áreas do espaço geográfico.

[...]

7. Fatores lingüísticos e sociais estão intimamente inter-relacionados no desenvolvimento da mudança lingüística. Explicações confinadas a um ou outro aspecto, não importa quão bem construídas, falharão em explicar o rico volume de regularidades que pode ser observado nos estudos empíricos do comportamento lingüístico.

A fim de complementar as idéias já expostas e descrever um quadro geral da teoria escolhida, valemo-nos ainda do verbete “Sociolingüística”, de Pierrette Thibault. Em poucas páginas, o autor explicita as origens e os interesses específicos da área. O início remete, como não poderia deixar de ser, à figura de William Labov, bem como a relação inegável com a Dialectologia, na linha européia. Três itens são essenciais para a pesquisa: a comunidade lingüística (cuja definição já foi aqui referida), a modalidade oral das línguas e a conseqüente mudança que se verifica no sistema. Dentre as contribuições que a teoria gera estão o ensino de língua materna, o qual é beneficiado quando, na contramão da proposta de Bernstein sobre “déficit” das crianças da classe popular, entende-se a ordenação peculiar da língua oral verificada em todas as camadas da sociedade. Outro lado da Sociolingüística detém-se no contato entre línguas e na

explicação, sobretudo, do bilingüismo, lembrando o precursor Weinreich e outros estudos como o de Klein e Dittmar sobre o alemão. A última seção – e a que mais nos interessa – é a do conhecimento da variação interna e sistemática da língua, propagando a mudança em duas direções: quando todos a adotam ou quando uma parcela a propaga (a dos usuários mais jovens). No campo da fonética muito mais do que na sintaxe, por exemplo, os fenômenos variáveis e a implantação da mudança se dão mais nítida e rapidamente. Vale lembrar, enfim, a crítica de Thibault (*op. cit.*: 8) acerca dos atuais rumos da teoria, quando afirma que

Ela continua, no entanto, escassa de instrumentos satisfatórios para dar conta do papel da norma, da mobilidade social e das pressões ligadas às diversas situações sobre a evolução das comunidades lingüísticas.

Com todos esses estudos tão conscientes de como enxergar a língua em sua real multiplicidade alcança-se, então, o conjunto de pressupostos que guiam nossa pesquisa sobre os róticos do falar fluminense. Reflete-se, na presente pesquisa, a tentativa de descrever esse fenômeno variável, abstendo-se de uma posição valorativa e da estigmatização de variantes menos aceitas socialmente. Ao se falar em língua e uso, não é possível – a menos que se queira fechar os olhos para a verdade – assumir um ideal perfeito e uno. Um estudo que ao menos tente descrever e estabelecer elementos norteadores das formas diversas trará uma contribuição descritiva que pode ser prestativa a objetivos vários, como nos segmentos escolares iniciais ou na formação de professores de língua materna.

A despeito de se ter a caracterização geral da teoria, precisa-se também considerar que a linha laboviana de pesquisa é voltada para a análise a quantitativa de dados. Assim, consegue-se descobrir qual o peso que um fator intra ou extralingüístico exerce sobre a variável dependente estudada. Como esse cálculo supera em complexidade o das percentagens, faz-se uso de um programa computacional de estatísticas – neste caso, o pacote computacional VARBRUL, chamado GoldVarb em sua versão atual. Desse modo, é possível observar o funcionamento de cada grupo de fator postulado para a análise e, ao final, descobrir quais deles são os mais importantes para a variação daquele fenômeno. NARO (2007:25) reflete que sem a posição interpretativa do pesquisador, pouco adianta a exatidão dos resultados do programa, ao dizer que

As suas limitações [da Teoria da Variação] são as do próprio lingüista, a quem cabe a responsabilidade de descobrir quais são os fatores relevantes, de levantar e codificar os dados empíricos corretamente e, sobretudo, de *interpretar* os resultados numéricos dentro de uma visão teórica da língua. O progresso da ciência lingüística não está nos números em si, mas no que a análise dos números pode trazer para nosso entendimento das línguas humanas. [grifo nosso]

Cabe, pois, à ferramenta humana, a parte mais importante do estudo para que a descrição seja efetivamente confiável. Para que essa etapa final seja bem-sucedida, é preciso que todo o processo anterior também seja bem pensado. A escolha dos usuários dentro da comunidade lingüística, diante desse olhar quantitativo, pode se dar de dois modos: aleatória simples ou aleatória estratificada. No caso da primeira, escolhem-se quaisquer falantes por sorteio, gerando possibilidades idênticas de um ou outro ser escolhido; na estratificada, selecionam-se quantidades iguais de acordo com os critérios pré-estabelecidos (por exemplo, sexo, classe social), estabelecendo um número mínimo para cada uma dessas “células”. As coletas desses dados também podem ser feitas por diferentes meios (entrevistas *in loco*, testes escritos etc.).

A Teoria da Variação consta ainda da preocupação com a escolha das variáveis lingüísticas e extralingüísticas. Quanto ao segundo tipo, três variáveis especialmente, sempre encontram espaço privilegiado: o sexo, a faixa etária e a escolaridade, os quais foram determinantes em estudos citados por Chambers e Trudgill (1982).

De algum modo, a Sociolingüística parece criar origens da Dialectologia. O percurso, por exemplo, de preferências por localidades rurais ou dos informantes que eram, no princípio, sempre os mais velhos da localidade por variações no âmbito urbano e na estratificação dos falantes escolhidos para as pesquisas demonstram essa progressão científica em que a teoria encontra abrigo atualmente.

5. METODOLOGIA

A presente pesquisa preenche todas as etapas de um estudo baseado na Teoria da Variação: vai desde a composição do *corpus* até análise dos resultados, passando pelas etapas de transcrição e codificação.

Para além de se valer de um conjunto de dados inéditos, conseguirá atender a outras pesquisas que visem à variação no âmbito fonético-fonológico dentro do território fluminense.

5.1. Os informantes

Em cada um dos três municípios que compõem essa pesquisa, foram entrevistados dezoito informantes de escolaridade básica (até a sétima série do Ensino Fundamental), divididos igualmente pelas seguintes características:

- (a) ambos os sexos;
- (b) três faixas etárias: 18 a 35 anos, 36 a 55 anos e 55 anos em diante;

Estipulou-se *três* como número mínimo de informantes que representassem um único conjunto de características, de modo a garantir a validação estatística dos resultados. Os informantes ainda deveriam ter nascido no local pesquisado e não ter vivido muito tempo fora da cidade, como também ter a arcada dentária em boas condições (para não prejudicar a produção fonética dos segmentos). Nas três localidades, os indivíduos da primeira faixa etária (de 18 a 35 anos) foram os mais difíceis de encontrar, o que evidencia a maior facilidade aos estudos nos dias atuais, fato que permite à maioria completar o Ensino Médio.

Em esquema, tem-se a organização:

	Até 7ª série do E. Fundamental	
Faixa 1	3 homens	3 mulheres
Faixa 2	3 homens	3 mulheres
Faixa 3	3 homens	3 mulheres

Cada uma das 54 pessoas inquiridas respondeu, inicialmente, a uma *Ficha do informante*¹², a fim de que, em etapas vindouras, pudesse se saber características sócio-econômicas e culturais, como, por exemplo, a profissão que exerce ou o acesso a meios de entretenimento (cinema, teatro, shows, dentre outros). Com o intuito de que se tenha um breve conhecimento social desses informantes, em sua totalidade de classes baixas, disponibiliza-se abaixo um quadro organizado segundo a faixa etária, o sexo e a profissão de cada um:

INFORMANTE	SEXO	IDADE	PROFISSÃO
Município: Petrópolis			
P. V. B.	Mulher	18 anos	do lar
S. F.	Mulher	30 anos	do lar
M. C. B.	Mulher	34 anos	costureira
C. B. S.	Mulher	37 anos	doméstica
V. R. V.	Mulher	39 anos	doméstica
M. C.	Mulher	44 anos	doméstica
M. T. F.	Mulher	57 anos	do lar
M. G. B.	Mulher	61 anos	aposentada
S. F. S.	Mulher	67 anos	do lar
J. B. N.	Homem	18 anos	estudante
A. L. S.	Homem	31 anos	pedreiro
J. A. F.	Homem	32 anos	estoquista
A.	Homem	42 anos	serralheiro
M. A. F.	Homem	44 anos	segurança
P. B. S.	Homem	44 anos	pedreiro
S. O.	Homem	66 anos	porteiro
V. G.	Homem	67 anos	lanterneiro aposentado
M. A. S.	Homem	77 anos	motorista aposentado

¹² Ver anexo 2.

Município: Itaperuna			
P. B. S.	Mulher	23 anos	autônoma
M. C. J. O.	Mulher	24 anos	do lar
T. A.	Mulher	32 anos	manicure
M. H.	Mulher	38 anos	do lar
A. F. S.	Mulher	40 anos	doméstica
L. L. B.	Mulher	48 anos	merendeira
S. L. B.	Mulher	56 anos	do lar
L. M. S.	Mulher	60 anos	pensionista
G. S.	Mulher	73 anos	costureira/ do lar
V. P.	Homem	18 anos	empacotador
A. L. B.	Homem	30 anos	funileiro
N. C.	Homem	35 anos	lavrador
G. L. O.	Homem	37 anos	pedreiro
M. H. S. B.	Homem	39 anos	lanterneiro
C. D. A.	Homem	49 anos	(não informado)
L. L. S. B.	Homem	59 anos	lanterneiro
M. P.	Homem	63 anos	armador
V. P. B.	Homem	69 anos	aposentado
Município: Parati			
V. B. O	Mulher	28 anos	arrumadeira
R. C. S.	Mulher	31 anos	arrumadeira
S. S. R.	Mulher	32 anos	pescadora
R. C.	Mulher	46 anos	doméstica
P. M. A.	Mulher	48 anos	do lar
S. S. B	Mulher	55 anos	doméstica

C. S.	Mulher	66 anos	doméstica aposentada
M. G. S.	Mulher	68 anos	do lar
M. B. A.	Mulher	80 anos	doméstica aposentada
T. L. F.	Homem	18 anos	estudante
L. P. C. S.	Homem	29 anos	office boy
S. V. C.	Homem	30 anos	pedreiro
F. L. O.	Homem	36 anos	vendedor
F. M. S.	Homem	47 anos	pedreiro
I. C. L.	Homem	51 anos	pescador
H. G.	Homem	66 anos	comerciante
B. R.	Homem	70 anos	carpinteiro

Tabela 7: Profissão dos informantes utilizados na pesquisa, organizada segundo sexo e idade.

A tabela é organizada por ordem de idade, separando também os sexos dos informantes. Nela, observa-se que boa parte dos informantes mais velhos já se encontra aposentado, enquanto os mais novos dividem-se entre profissões de baixo rendimento, como o serviço de doméstica (no caso das mulheres) ou de pedreiro (no caso dos homens).

5.2. O método de recolha dos dados

Para pesquisar as realizações dos róticos, pensou-se em aplicar um questionário de perguntas diversificadas, que contivesse, em todas as respostas, o segmento desejado. Como isso poderia explicitar para os informantes o objeto do estudo e como o *corpus* seria compartilhado para outro estudo fonético¹³, optou-se por uma entrevista¹⁴ composta de duas fases:

¹³ A dissertação de Mestrado de Deisiane Rodrigues dos Santos, em fase de elaboração, sobre o –S implusivo.

¹⁴ Ver no anexo 3 a íntegra dos Questionários aplicados na recolha.

- (a) O Questionário Fonético-Fonológico do Projeto ALiB com 159 questões, das quais vinte e sete atendem ao foco desse estudo (/R/ em coda silábica);
- (b) Os Temas para Discursos Semidirigidos¹⁵, também constantes do Questionário ALiB, que abrangem quatro questões destinadas a produções de textos orais espontâneos.

Vale dizer que essas quatro questões serviram apenas de base, uma vez que em todas as entrevistas produziram-se outras perguntas suscitadas durante a conversa, que estivessem de acordo com a história do informante ou seus gostos, por exemplo. Assim, muitas vezes ele era levado a contar sobre a política da cidade ou ensinar receitas culinárias, dentre outras opções.

De um modo geral, as entrevistas possuem de quarenta minutos a uma hora de duração e foram consideradas para a recolha em sua totalidade, já que, a qualquer momento – desde as respostas da Ficha do Informante até o final – era possível obter vocábulos com o fonema em foco.

Por se tratar de uma pesquisa de campo e com vistas a facilitar a recolha, as entrevistas foram gravadas em gravadores manuais para fita cassete, da marca Panasonic (modelo RQ-L31). Como todas as gravações deveriam ser manuseadas com facilidade, após o retorno das viagens, foram transferidas para o computador por meio do programa Sound Forge 9.0 e, assim, gravadas em CDs avulsos. Dessa forma, tornou-se mais rápido o acesso a lexias isoladas (no caso de dúvidas sobre produção), como também a qualidade auditiva ganhou mais nitidez.

O *corpus* foi constituído em sua totalidade no ano de 2008. Para o município de Petrópolis, dada a sua proximidade com a capital, foram realizadas três viagens; já Itaperuna e Parati necessitaram de uma viagem cada, com duração de quatro e três dias, respectivamente.

5.3. Transcrição e codificação dos dados

Todas as entrevistas foram consideradas em sua totalidade e os dados obtidos foram transcritos foneticamente em tabelas distintas, de acordo com o tipo de discurso

¹⁵ Conferir a última parte do anexo 3.

de onde provinham (do Questionário Fonético-Fonológico ou de elocuições semidirigidas). No que se refere à transcrição fonética, utilizou-se, como guia, o IPA (ou Alfabeto Fonético Internacional). Nos casos de /R/ finalizador de vocábulos, foram também transcritas grafematicamente as palavras que o seguiam, uma vez que a pausa é apenas um dos contextos subseqüentes previstos para análise.

Em seguida, criaram-se arquivos de codificação com todas as ocorrências de cada localidade. Excluíram-se dos dados aqueles em que a realização do tepe alveolar [r] se dava por processo de ressilabação, isto é, em que o contexto passava de coda a ataque de sílaba, como em “mar azul”, por exemplo.

O arquivo de especificações utilizado na presente análise pode ser encontrado nos anexos; no entanto, para que se consiga visualizar com mais vagar os grupos de fatores escolhidos, cada um é elencado na sessão que se segue.

5.4. Os grupos de fatores utilizados

5.4.1. A variável dependente

Na etapa inicial, previram-se apenas quatro variantes para as realizações do fonema /r/:

- o apagamento (∅): “chamar” [ʃama];
- o tepe alveolar [r]: “porta” [pɔrtə];
- a fricativa velar [x], [χ]: “barco” [baxk];
- a fricativa glotal [h], [ħ]: “ferendo” [feveð].

Somente após a recolha do *corpus* do município de Parati, mais uma variante foi incluída: o tepe retroflexo [ɻ], encontrado na fala de alguns de seus informantes. Espera-se, todavia, encontrar as maiores porcentagens de ocorrência nas variantes de caráter [-anterior], em especial, o zero fonético em erres externos dos vocábulos.

5.4.2. As variáveis independentes

Neste grande grupo, inserem-se as variáveis que correspondem aos fatores sociais e as que pertencem ao nível estritamente lingüístico, dentre os quais procuram-se aqueles que mais influenciam as variações dos róticos fluminenses. Na presente análise, totalizam quinze conjuntos de possibilidades, discriminados a seguir.

a) O sexo do informante

Esta variável busca estabelecer qual grupo de falantes – o de homens ou o de mulheres – lidera a tendência à lenização do fonema, explicada no processo de transformação da preferência do modo de articulação “vibrante” e o ponto de articulação “alveolar” à produção branda da fricativa glotal ou o zero fonético.

b) A faixa etária

Conforme explicitado no item “5.1”, essa pesquisa contempla três faixas de idade: 18 a 35 anos, 35 a 55 anos e 56 anos em diante. Espera-se verificar qual dos três grupos – os jovens, os adultos ou os mais idosos –, tendem a liderar a mudança no sentido do cancelamento do fonema.

c) Localidade

Nesse grupo, alocam-se os informantes de acordo com a localidade de onde provêm: Petrópolis (P), Itaperuna (I) e Parati (A). Como todos os informantes atendem ao pré-requisito de possuírem pouco estudo, cabe descobrir em qual dos três municípios a mudança encontra maior espaço.

d) Tipo de discurso

Essa variável controla a origem do inquérito em que estão os vocábulos. Há duas possibilidades:

- os dados advindos do Questionário Fonético-Fonológico, que são mais objetivos, posto que a pergunta destina-se a uma lexia específica.
- os dados provenientes do que se denominou “Discurso Semidirigido”, os quais aparecem em toda a entrevista, cada vez que o falante discorre sobre algum tema, tendo sua parte principal ao término do QFF.

Visto que o segundo conjunto é menos controlado, tem-se por hipótese o maior índice de relevância nos dados do Semidirigido, conforme a regra estabelecida de posteriorização e possível enfraquecimento ou queda.

e) Posição do –R no vocábulo

Há duas posições possíveis para erres em travamento de sílaba: internos aos vocábulos ou no exterior deles. Em ambos os casos, há possibilidade de não realização do fonema, embora no segundo haja ampla tendência ao zero fonético. Essa diferenciação de comportamento obriga-nos a separar os dados e investigar quais outras variáveis implicam no estágio de mudança em cada posição de /R/.

f) Número de sílabas do vocábulo

A codificação prevê 4 tipos de vocábulos quanto ao número de sílabas: de uma sílaba (monossílabos), 2 sílabas (dissílabos), 3 sílabas (trissílabos) e 4 sílabas ou mais (polissílabos). Intenta-se verificar até que ponto a extensão de uma lexia permite conservar ou não um segmento fônico que fecha a sílaba.

g) Tonicidade do vocábulo

Há quatro tipos de tonicidade previstos: palavras oxítonas tônicas, palavras paroxítonas, palavras proparoxítonas e palavras oxítonas átonas. De todas elas, as oxítonas – em conjunto com a classe dos verbos – tem alcançado valores altos em outras pesquisas, quando a regra é a mesma aqui postulada (o apagamento).

h) Tonicidade da sílaba

Essa variável separa as lexias de acordo com a sílaba ocupada pelo /R/ em relação à tonicidade. Assim, tem-se: a sílaba tônica propriamente dita, a sílaba postônica, e as sílabas pretônicas 1, 2 e 3 (consoante sua distância da tônica).

i) Contexto/ vogal antecedente

Listam-se os sete segmentos vocálicos, organizados abaixo segundo altura e localização articulatória:

□i□	□u□
□e□	□o□
□□□	□□□
□a□	

Consideram-se também os segmentos □i , u□ quando [- silábicos].

j) Contexto subsequente

Essa variável contempla todos os segmentos que podem estar à direita do rótico, incluindo fones vocálicos e consonantais. Totalizam 31 variantes:

□a□
□ə□
□e□
□□□
□i□
□o□
□□□
□u□
Vogal nasalizada
□p□
□b□
□t□
□d□
□k□
□□□
□f□

[v]
□s□
□z□
□□□
□□□
□t□□
□d□□
□l□
□j□
□m□
□n□
□□□
Vibrante alveolar / uvular
Fricativa velar / uvular / glotal
pausa

l) Modo de articulação da consoante subsequente

Em relação ao modo de articulação, definido como o “tipo de obstrução da corrente de ar causada pelos articuladores durante a produção de um segmento” (CRISTÓFARO, 2002: 32), consideram-se seis variantes: oclusivas, fricativas, nasais, laterais, africadas e vibrantes.

m) Ponto de articulação da consoante subsequente

Além de controlar o modo de articulação, a consoante também é considerada de acordo com o ponto de articulação (o lugar onde ocorre a interação entre o articulador ativo e o passivo). São sete fatores: labial, alveolar, pós-alveolar, palatal, velar, uvular e glotal.

n) Sonoridade do segmento subsequente

Estudam-se quatro possibilidades: duas em relação a consoantes (surda ou sonora), uma que representa a vogal e a pausa.

o) Composição morfológica do vocábulo

Nessa variável, verifica-se a quantidade de elementos que forma o vocábulo, compreendendo quatro níveis:

- lexia simples;
- lexia complexa composta de 2 elementos;
- lexia complexa composta de 3 elementos;
- lexia complexa composta de 4 elementos.

p) Classe gramatical do vocábulo

O último grupo de variantes faz parte de uma segmentação sempre referida nos estudos de róticos, que é classe gramatical a qual pertencem as palavras com /R/ em coda. Embora as gramáticas mais tradicionais considerem dez classes (incluindo a interjeição), neste trabalho fazem-se duas divisões essenciais: nomes e verbos, sendo as demais classes agrupadas sob um único rótulo. Quanto aos verbos, distinguem-se quatro divisões: infinitivo, gerúndio, particípio (as três formas nominais) e formas conjugadas.

6. ANÁLISE DOS RESULTADOS

Terminadas as codificações, obteve-se o total de **5972** dados, distribuídos em quatro variantes, como mostrado no gráfico que se segue:

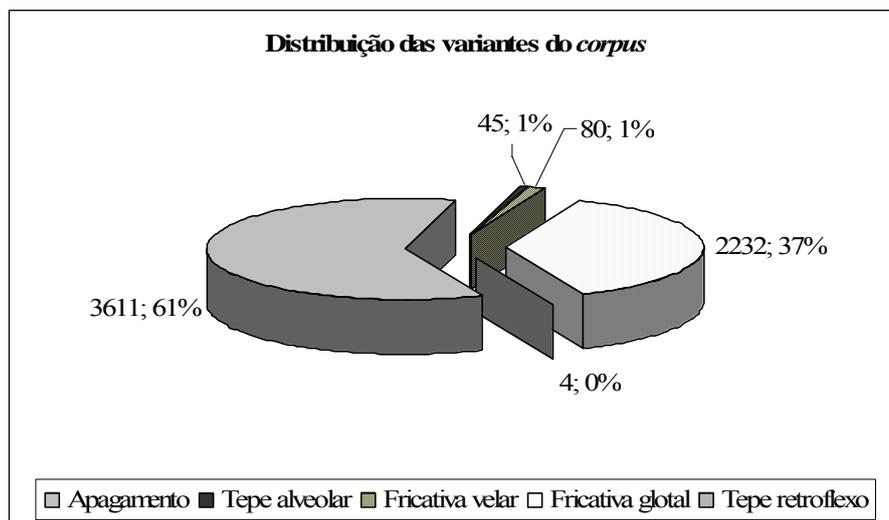


Gráfico 5: Distribuição do *corpus* segundo variantes encontradas.

Como se pode ver, o processo de cancelamento do fonema predomina nas realizações de /R/ em coda nos três municípios fluminenses, com porcentagem de 61% . Na soma dos percentuais da manutenção, alcançam-se 39% (as quatro ocorrências de retroflexo quase nada significam diante dos milhares de dados obtidos). É preciso mencionar que, na recolha dos dados, nos dois municípios primeiramente entrevistados – Petrópolis e Itaperuna – não houve as produções anteriores (tepe alveolar e tepe retroflexo), ao passo que, em Parati, a presença dos segmentos anteriores se mostrou evidente desde a primeira entrevista feita.

Após a apresentação geral das variantes, é preciso organizar o modo como as análises se dão neste capítulo. A começar, as realizações com traço [+ anterior] são apresentadas separadamente, por possuírem freqüência de realização muito baixa. Em seguida, a análise se biparte em dois grandes grupos: (i) os resultados de acordo com o apagamento ou manutenção do segmento e (ii) a comparação entre os dois pontos de articulação das fricativas – velar ou glotal. Atente-se que para o segundo grupo não se separaram os fones conforme a sonoridade, isto é, se a produção se fez com vibração

das cordas vocais (estado sonoro ou vozeado) ou sem essa vibração, em repouso (estado surdo ou desvozeado).

Outro fato importante é o comportamento díspare entre os “erres” que se encontram em posição interna dos vocábulos dos que se acham em final absoluto de palavra. Assim é que, dentro dos dois grandes grupos mencionados dantes, haverá tal bipartição, de modo que seja possível visualizar adequadamente cada contexto lingüístico, ratificando, portanto, o que CALLOU (1987:119) apontava: “Preferimos analisar separadamente esse contexto [posição final de vocábulo] já que a distribuição do /R/ apresenta aí aspectos particulares”. A seguir, mostram-se as porcentagens atingidas por cada grupo de realizações:

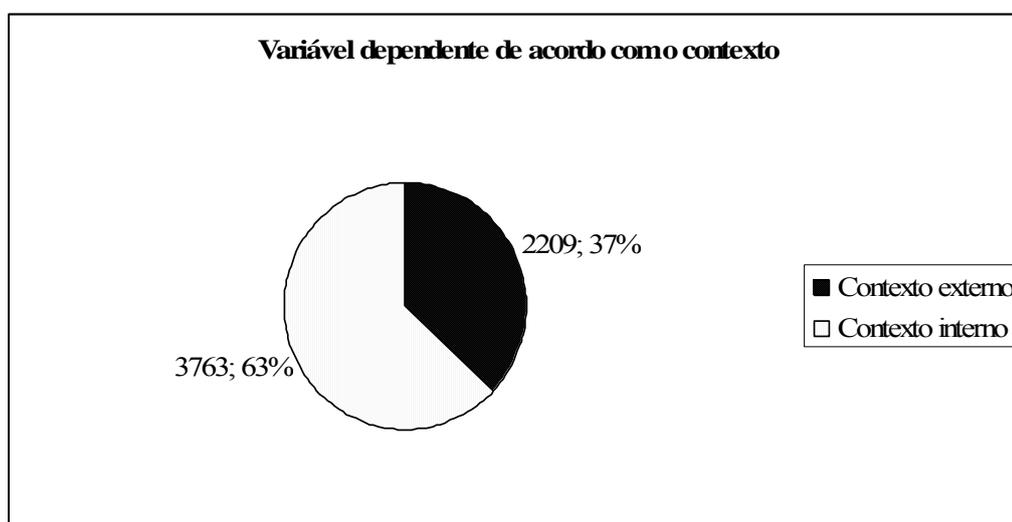


Gráfico 6: Distribuição do *corpus* segundo o contexto em que se encontra o fonema.

O terceiro e último critério essencial para análise dos dados é o tipo de discurso em que se insere a realização, uma vez que os dados provenientes do Questionário Fonético-Fonológico (QFF) apresentam considerável preocupação do informante sobre a palavra produzida; em contrapartida, aqueles que advêm do Discurso Semidirigido alcançam maior espontaneidade. No presente *corpus* menos de um quarto de /R/ pertence ao primeiro grupo, conforme se visualiza no gráfico adiante:

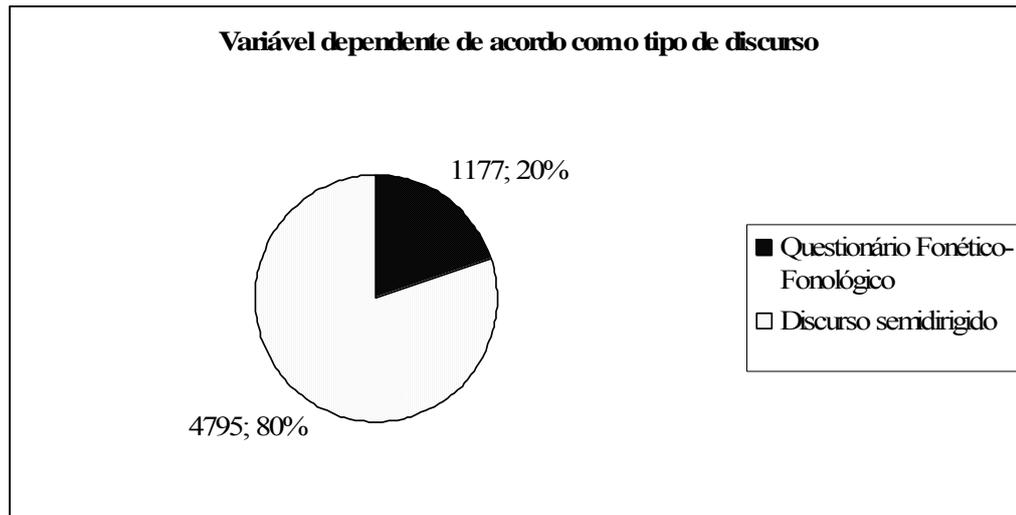
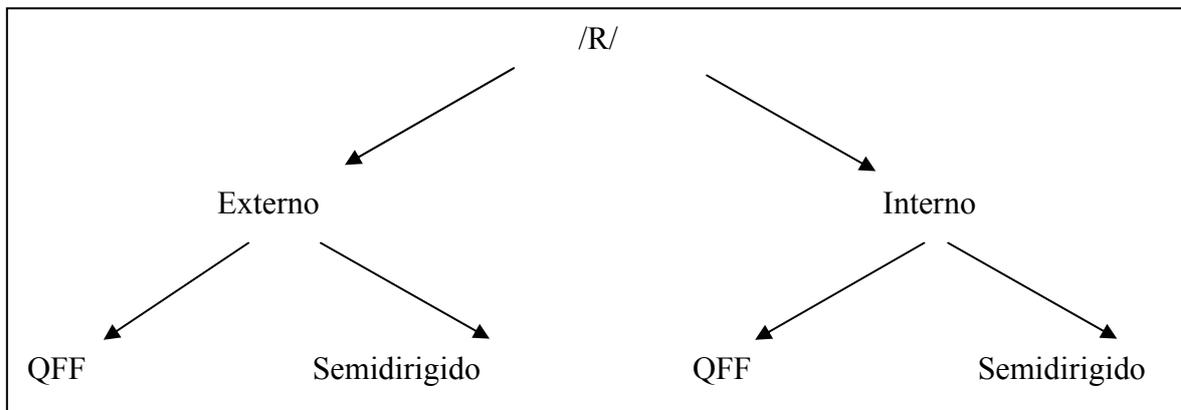


Gráfico 7: Distribuição do *corpus* segundo o tipo de discurso em que o fonema é produzido.

Compreendida a necessidade de separação, mostra-se, em forma de esquema, as subdivisões deste *corpus* na atual análise:



Assim, constituíram-se os subconjuntos de dados submetidos à análise, cujos resultados se expõem a partir da seção “6.2”.

6.1. As variantes anteriores

Em todas as quase seis mil ocorrências, menos de 2% correspondem aos “erres” com produção que não tenha caráter posterior. Há quarenta e cinco dados de tepe alveolar [r] e somente quatro de tepe retroflexo [r̥].

Sabendo-se que das três localidades, apenas Parati apresentou essas realizações, é possível estabelecer, sumariamente, sua distribuição consoante os fatores estabelecidos para a totalidade dos dados. No caso do sexo do informante, por exemplo, a distribuição dos tepes alveolares é quase igualitária; já a faixa etária mais velha é a predominante nesses usos de /R/, como se verifica na tabela abaixo:

	[r]		[r̥]	
Homem	23/ 45	51%	3/ 4	75%
Mulher	22/ 45	49%	1/ 4	25%
Faixa 1	5/ 45	11%	--	--
Faixa 2	2/ 45	5%	--	--
Faixa 3	38/ 45	84%	4/ 4	100%

Tabela 8: Distribuição de tepes alveolares e retroflexos segundo os fatores sexo e faixa etária.

No que concerne à diferença entre contextos internos e externos, verifica-se a preferência pelo uso de tais variantes em contexto interno, pois existe apenas um dado de tepe alveolar em final de palavra (na lexia “por”, produzida por informante de sexo feminino da terceira faixa) e os demais 48 distribuem-se nas sílabas internas dos vocábulos. Salienta-se que, devido ao número parco de dados, nenhuma rodada quantitativa foi feita no programa GoldVarb, e a opção de explicitá-los separadamente nesta seção também se deve a esse motivo. Quanto ao tipo de discurso, os quatro casos de retroflexo são achados somente no QFF; os de tepe alveolar possuem treze dados, no QFF, e trinta e dois no Semidirigido.

A distribuição do tepe alveolar e do tepe retroflexo pelos demais grupos de fatores é apresentada a seguir:

a) Tepe alveolar

- Lexias de duas sílabas e paroxítonas são as que mais apresentam ocorrência de [t];
- Os dados concentram-se na sílaba tônica (24 dados) ou na primeira pretônica (16 dados);
- As vogais anterior média alta [e] e central baixa [a] possuem 11 ocorrências cada, seguidas da posterior média baixa [ɔ], com 8 casos;
- O modo de articulação oclusivo – com predominância do fonema [t] – também se destaca dos outros por concentrar 71% das ocorrências, o que leva o ponto de articulação alveolar a ficar em primeira posição;
- Todos os 45 dados pertencem a lexias simples;
- A classe dos nomes atinge 69% dos dados totais de tepe alveolar, embora em todas as demais classes haja esse tipo de produção.

É importante corroborar que desde o início da transcrição ignoraram-se os tepes que iniciavam novas sílabas e estes aqui referidos mantêm-se exclusivamente na posição de travamento silábico.

b) Retroflexo

- Lexias com duas ou três sílabas comportam dois dados cada de [ɖ];
- Oxítonas ou paroxítonas também dividem de modo igual as realizações;
- Três dados possuem como vogal antecedente a anterior média alta [e] e somente um possui a vogal [a];
- Contexto subsequente, modo e ponto de articulação da consoante subsequente dividem os dados de forma dispersa, tendo, no máximo, duas ocorrências para um mesmo fator (é o caso das oclusivas);
- Todos os dados também são de lexias simples, assim como no tepe alveolar;
- Quatro classes gramaticais têm um dado cada: nome, verbo no infinitivo, gerúndio e o grupo nomeado “outros casos”.

As explicitações anteriores, a despeito de distribuírem esses dados no leque de variantes do *corpus*, trazem à memória estudos produzidos no português que refletem sobre as produções tantas vezes minoritárias de [ʁ] e [ʁ̥]. Sobre o “erre” retroflexo, a referência recai na figura de Amadeu Amaral e a obra *O dialeto caipira*, de 1920. Passados mais de oitenta anos da publicação, um artigo de BRANDÃO (2007) percorre mais uma vez as “trilhas do -R retroflexo”, citando este e outros estudos sobre o fenômeno e pesquisando nos atlas publicados no Brasil as áreas atingidas por tal produção fônica. Como bem salienta a autora (*op. cit.*: 268):

Hoje, parece importante retomar a questão de sua distribuição geográfica, pois, como testemunham os atlas linguísticos regionais já publicados e diversos outros estudos, seu alcance espacial parece ser mais amplo do que se supunha.

Para habitantes da capital do estado do Rio de Janeiro, torna-se muitas vezes surpreendente que produções tão marcadas ocorram ainda dentro das fronteiras do dialeto fluminense. Em atlas recente sobre municípios da região metropolitana do Rio – o *Atlas Fonético do entorno da Baía de Guanabara* (LIMA, 2006) –, nenhum dado de retroflexo foi encontrado. Na tese de ALMEIDA (2008), o município de Resende se mostra propício a essa realização. Por sua vez, a tese de BRANDÃO (1988) – que a autora retoma em seu artigo – acerca dos falares pesqueiros do município de Campos, demonstra três contextos em que tal produção ocorre, revelando ser

uma característica presente no falar dessas comunidades, sobretudo nos contextos V—V e (C) (C) V—no interior do vocábulo. No terceiro caso (C—V), torna-se menos produtivo, cedendo lugar, mesmo entre aqueles que o têm como pronúncia corrente, ao tepe alveolar ou ao apagamento. (BRANDÃO, 2007: 11)

Mais à frente, em pesquisas sobre o -R em travamento silábico, surgem os dois fones aqui mencionados (o tepe alveolar e o retroflexo), observados nas regiões Norte e Noroeste do estado. Os contextos que mais favorecem essas realizações de traço [+ant], de acordo com BRANDÃO (2007: 276) são “a faixa etária e a área geográfica”. Quanto ao primeiro grupo, a faixa mais velha atinge um peso relativo de 0.79; a área geográfica demonstra que “as variantes [+ant], entre elas o tepe, predominam nas comunidades de

perfil mais rural, quer litorâneas, quer interioranas, enquanto as [-ant] nas áreas menos rurais, isto é, mais urbanizadas” (p. 276-7).

Ainda que em nossa pesquisa não se tenha podido proceder à análise quantitativa mais profunda das variantes dado o pequeno número de ocorrências, é possível perceber a relevância dos fatores faixa etária e localidade, cuja influência é apontada por Brandão. Em outras palavras: destaca-se, no *corpus* desse trabalho, uma região – Parati – e uma faixa etária – a mais velha –, em que há uma preservação desses segmentos anteriores .

Uma razão que pode motivar Parati à utilização de tais fones é sua proximidade com o estado de São Paulo, considerado desde as iniciais pesquisas um reduto do “erre” retroflexo, em especial. Ainda que os informantes usados na presente análise não tenham morado muitos anos fora do município de Parati, alguns relatam a forte migração de pessoas entre as cidades paulistas e o município. Outra explicação possível seria a profissão de pescador que permeia muitas famílias de baixa renda (pais e mães de vários informantes tinham ou têm esse tipo de trabalho), se comparada tal motivação ao número considerável desses segmentos na tese de Brandão sobre o falar pesqueiro de Campos.

6.2. Processo de apagamento

O primeiro conjunto de rodadas binárias efetuado no programa GoldVarb levou sempre em conta a regra apagamento *versus* manutenção, seja em dados de /R/ externos ou internos. Todos os tipos de realizações que não foram de zero fonético foram amalgamadas em um único grupo, retirando-se também os *knockouts* (casos em que deixa de existir variação e os usos são categóricos). Com o auxílio do programa TSORT, que também pertence ao pacote de programas do VARBRUL – atual GoldVarb –, os quatro conjuntos analisados a seguir foram separados em arquivos individuais.

6.2.1. –R externo

6.2.1.1. O –R externo no Questionário Fonético-Fonológico

O total de dados de “erres” em fim de vocábulo no Questionário Fonético-Fonológico é de **504**. Abaixo se mostram os percentuais de acordo com a regra estabelecida de cancelamento.

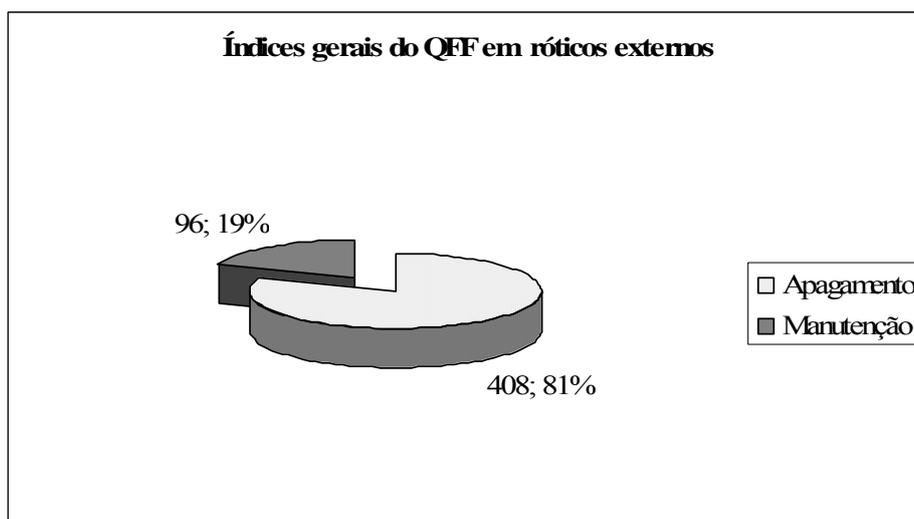


Gráfico 8: Distribuição dos dados externos no Questionário Fonético-Fonológico.

Antes de explicitar os resultados das rodadas binárias, é interessante listar quais vocábulos do QFF dão origem aos 504 dados do gráfico anterior:

1. varrer – questão 18;
2. colher (substantivo) – questão 25;
3. liquidificador – questão 26;
4. botar – questão 36;
5. montar – questão 43;
6. calor – questão 61;
7. trabalhar – questão 80;
8. rasgar – questão 88;

9. mulher – questão 129;
10. beijar – questão 146;
11. encontrar – questão 151;
12. perguntar – questão 152;
13. sair – questão 153.

Dois grupos mostraram-se relevantes para justificar os 81% de cancelamento registrados no QFF: a localidade e a classe gramatical, respectivamente.

No que concerne aos três municípios da amostra, a localidade de Parati com suas 164 ocorrências foi a única com peso relativo acima de 0.5, consoante se vê na tabela¹⁶ a seguir:

Localidade	Apl./ Oco.	Perc.	P.R.
Petrópolis	135/ 188	71%	0.348
Itaperuna	124/ 152	82%	0.487
Parati	149/ 164	91%	0.683

Tabela 9: Fator localidade em dados de QFF externo.

O segundo grupo elegido, a classe gramatical dos vocábulos, revela a tendência ao zero fonético em lexias que são verbos no infinitivo, atingindo 0.558 de P.R. Nestes dados as demais classes não aparecem porque só existem substantivos e verbos como respostas do QFF cujos /R/ aparecem ao final da palavra. No entanto, mesmo tendo pouca relevância para o programa, a classe dos nomes tem um percentual elevado de aplicação da regra, conforme se vê na tabela, com 75% de apagamento:

¹⁶ Nesta tabela, bem como nas demais utilizadas na análise, encontram-se as abreviaturas *Apl.* (aplicação), *Oco.* (ocorrências), *Perc.* (percentual) e *P.R.* (peso relativo). A primeira indica o número de dados em que a variante ocorrida corresponde à regra postulada para análise; a segunda, revela o total de vezes em que a variante ocorreu; o percentual, por sua vez, demonstra a porcentagem de aplicação em relação ao total de ocorrências; e o peso relativo aponta um valor numérico de probabilidade que concorre para a interpretação dos resultados – a relevância só acontece quando este valor se iguala ou supera 0.5.

Classe gramatical	Apl./ Oco.	Perc.	P.R.
Nomes	138/ 184	75%	0.400
Verbo no infinitivo	270/ 320	84%	0.558

Tabela 10: Fator classe gramatical em dados de QFF externo.

A escolha por utilizar o QFF do ALiB, o qual prevê diversos outros processos fonético-fonológicos, e não usar um questionário estritamente dirigido a respostas com o foco da presente pesquisa parece não ter invertido o que já se espera para esse contexto final, que é o maior número de realização fonética □. Vale, porém, afirmar que esse percentual de 81% ainda é menor que o percentual total de cancelamento para todos os dados externos do *corpus*, de 92%. Isso confirma ainda a hipótese de maior vigilância do informante sobre sua fala em questionários objetivos – neste caso, tanto o informante quanto o documentador estão buscando um único vocábulo, sem a possibilidade de permuta.

6.2.1.2. O –R externo no Discurso Semidirigido

As ocorrências que provêm do Discurso Semidirigido tanto são em maior número do que o QFF, quanto permitem observar mais grupos de fatores que exercem influência sobre a regra de cancelamento. Há **3.259** dados nesse contexto, dos quais quase a totalidade preenche a expectativa do zero fonético:

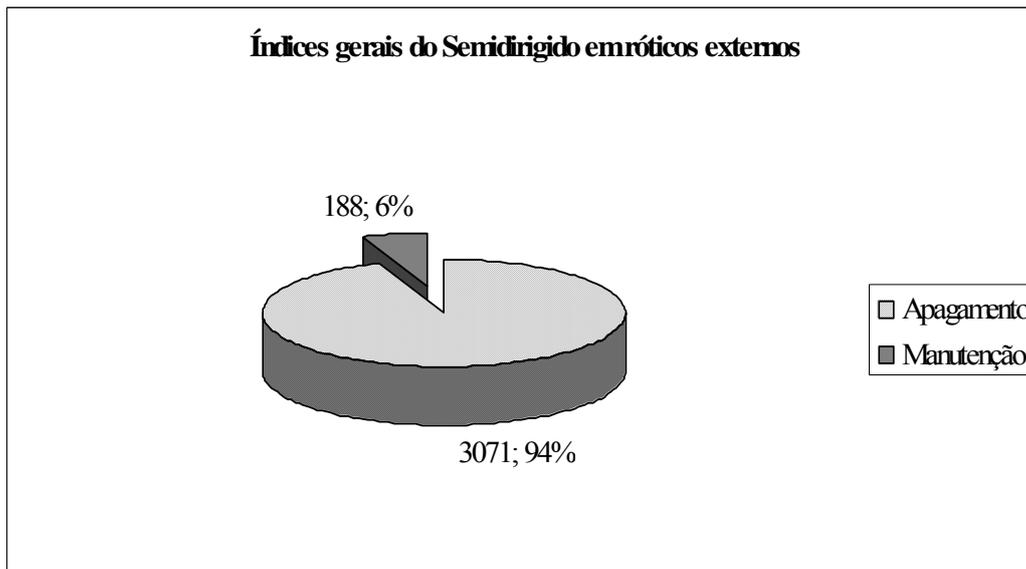


Gráfico 9: Distribuição dos dados externos no Discurso Semidirigido.

Na rodada binária, seis grupos foram escolhidos pelo programa como favorecedores dos 3071 dados de apagamento nesse contexto. O primeiro deles é a vogal que antecede o segmento em foco, das quais a anterior alta [i] demonstra forte probabilidade de levar ao cancelamento:

Vogal antecedente	Apl./ Oco.	Perc.	P.R.
[a]	1719/ 1786	96%	0.382
[e]	736/ 751	98%	0.582
[ø]	94/ 100	94%	0.646
[i]	278/ 279	99%	0.947
[o]	61/ 80	76%	0.485
[o]	180/ 211	85%	0.397
[u]	03/ 52	6%	0.047

Tabela 11: Fator vogal antecedente em dados do Semidirigido externo.

Em CALLOU (1987), embora o πi não figure na primeira colocação, e sim a vogal anterior média baixa $\pi\pi$ com 0.647, a configuração das vogais que mais favorecem esse zero é a mesma: traço [+ anterior] juntamente com o traço [- arredondado].

Um segundo grupo, já previsto em outras pesquisas, foi aqui reiterado: a classe gramatical do vocábulo. Em nossas codificações, havia seis possibilidades, sendo quatro referentes à classe dos verbos. Duas foram excluídas por *knockout* – os verbos no particípio e os no gerúndio – e as demais confirmaram tendências anteriores:

Classe gramatical	Apl./ Oco.	Perc.	P.R.
Nome	355/ 422	84%	0.171
Verbo conjugado	30/ 32	94%	0.359
Verbo no infinitivo	2609/ 2657	98%	0.597
Outros casos	77/ 148	52%	0.080

Tabela 12: Fator classe gramatical em dados do Semidirigido externo.

Vê-se quão grande é o número de lexias que, nos relatos pessoais dos informantes, compreendem verbos no infinitivo. O apagamento nesse contexto é quase categórico e é o único que alcança relevância no GoldVarb, com P.R. acima de 0.5. Mesmo dentre os falantes cultos, ocorre pouca preocupação na preservação dessa marca morfológica, visto que a tonicidade distingue, na fala, formas finitas das não finitas. É por essa razão que nos dados de CALLOU (*op. cit.*) esse mesmo conjunto de vocábulos alcança 0.729 de peso relativo. Se se quer pensar em falantes cultos e não cultos, os informantes do português brasileiro em BRANDÃO, CUNHA e MOTA (2003) também só demonstram um P.R. relevante nos verbos no infinitivo, com 0.63. OLIVEIRA (2001:55) assevera:

Há que se dizer também, que os falantes parecem não envidar esforços na realização dessa variável, pois sua ausência não provoca ambigüidade, diferentemente do que aconteceria em posição posvocálica não final, onde, em alguns casos, a ausência dessa forma poderia provocá-la, como em *persa e peça*. O

contexto morfossintático, além da intensidade, é um dos responsáveis pela desconstrução de qualquer confusão entre *canta* (verbo cantar no presente do indicativo) e *cantá* (verbo cantar no infinitivo), pois ocorrem em contextos distintos.

De um modo geral, infere-se que não importa o grau de escolaridade para que esse cancelamento do infinitivo verbal se dê. Na presente pesquisa, os dados de QFF também possuem diversas formas verbais que visam saber se esse zero fonético se dá. E 84% dos 320 dados advindos do Questionário Fonético-Fonológico ratificam essa importância da classe no que concerne à não preservação do /R/, mesmo estando em uma situação mais controlada. Observando o gráfico abaixo, percebe-se a mesma tendência, porém com menor percentual no QFF:

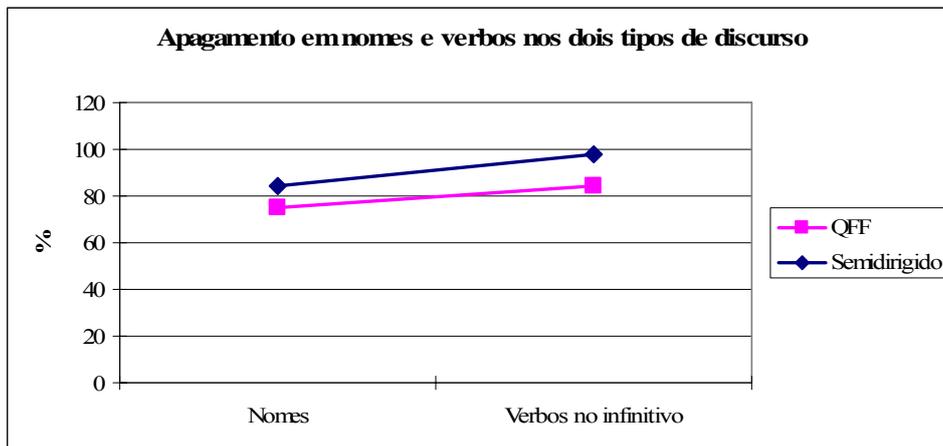


Gráfico 10: Comparação entre os tipos de discurso nas classes de nomes e verbos.

O terceiro grupo influenciador da regra foi a localidade, que também elegeu Parati como único lugar relevante na aplicação da regra, bem como ocorrera no QFF. Pela tabela a seguir se percebe quão semelhantes são os pesos relativos para ambos os tipos de discurso:

Localidade	Apl./ Oco.	Perc.	P.R.
Petrópolis	1102/ 1196	92%	0.346
Itaperuna	816/ 874	93%	0.435
Parati	1153/ 1189	97%	0.697

Tabela 13: Fator localidade em dados do Semidirigido externo.

Rememora-se que a localidade foi o único fator extralingüístico a aparecer na seleção estatística. Os demais serão apresentados à parte por serem de recorrente valor nos estudos de processos fonético-fonológicos.

Após essa seleção a favor da cidade de Parati, o GoldVarb voltou seus olhos aos fatores lingüísticos e elegeu o número de sílabas do vocábulo como quarto colocado a favor do apagamento. Nesse grupo há uma gradação clara das lexias de uma sílaba até as de quatro sílabas ou mais, como se observa:

Nº de sílabas do voc.	Apl./ Oco.	Perc.	P.R.
Uma	402/ 484	83%	0.214
Duas	1840/ 1916	96%	0.518
Três	699/ 723	97%	0.623
Quatro ou mais	130/ 136	96%	0.717

Tabela 14: Fator número de sílabas do vocábulo em dados do Semidirigido externo.

É sempre bom se perguntar se há influência de outros grupos para que certos resultados sejam compreendidos. A despeito de em outras pesquisas essa gradação se dar (ver CALLOU: 1987, OLIVEIRA: 2001), decidiu-se por unir o segundo e o quarto fatores elegidos para compreender que tipos de classes permeiam esses tamanhos de vocábulos. Por meio da função *crosstab* (ou tabulação cruzada), que permite cruzar fatores distintos do arquivo de células –, encontra-se a seguinte relação:

		1 sílaba		2 sílabas		3 sílabas		4 ou mais sílabas		Total		
		Oco.	%	Oco.	%	Oco.	%	Oco.	%	Oco.	%	
INFINITIVO	Apagam.	361	98	1568	98	608	98	72	99	2609	98	
	Manut.	8	2	28	2	11	2	1	1	48	2	
	Total	369		1569		619		73		2657		
		Apagam.	29	75	181	86	87	89	58	92	355	84

NOME	Manut.	22	43	29	14	11	11	5	8	67	16
	Total	51		210		98		63		422	
VERBO CONJUGA- DO	Apagam.	9	82	21	100	0	0	0	0	30	94
	Manut.	2	18	0	0	0	0	0	0	2	6
	Total	11		21		0		0		32	
OUTROS CASOS	Apagam.	3	6	70	79	4	67	0	0	77	52
	Manut.	50	94	19	21	2	33	0	0	71	48
	Total	53		89		6		0		148	
Total	Apagam.	402	83	1840	96	699	97	130	96	3071	94
	Manut.	82	17	76	4	24	3	6	4	188	6
	Total	484		1916		723		136		3259	

Tabela 15: Cruzamento dos grupos classe de palavras e número de sílabas do vocábulo.

Olhando apenas para as palavras de quatro sílabas, vê-se que só se distribuem entre nomes e verbos no infinitivo. Nestes, a porcentagem de zero é alta independente do número de sílabas, sempre em 98% ou 99%; naqueles, verifica-se a mesma gradação que alcançam os pesos relativos da melhor rodada binária descrita anteriormente:

1 sílaba: 57% → 2 sílabas: 86% → 3 sílabas: 89% → 4 sílabas: 92%

Com tais informações, é plausível estabelecer a correlação direta entre os dois grupos e afirmar: (i) os verbos no infinitivo levam ao cancelamento do fonema na maioria das realizações e (ii) nos nomes, a importância do número de sílabas se mostra verdadeiramente relevante.

O penúltimo fator da análise corresponde ao contexto subsequente, no qual se elencam todas as possibilidades consonantais e vocálicas, além da pausa absoluta. Por essa razão, todas as palavras que seguiam imediatamente à direita das lexias foram registradas nos arquivos de transcrição. Retirados os casos categóricos, sobraram os dezesseis contextos da tabela:

Contexto subsequente	Apl./ Oco.	Perc.	P.R.
□b□	40/ 41	98%	0.859
□p□	101/ 103	98%	0.618

□t□	56/ 60	93%	0.639
□d□	48/ 55	87%	0.216
□k□	124/ 135	92%	0.457
□f□	45/ 54	83%	0.318
□v□	14/ 16	88%	0.706
□s□	45/ 60	75%	0.415
□l□	46/ 47	98%	0.600
□m□	129/ 134	96%	0.553
□n□	280/ 294	95%	0.401
□d□□	68/ 77	88%	0.403
□a□	241/ 242	99%	0.941
□o□	18/19	95%	0.361
Vogal nasal	240/ 241	99%	0.862
Pausa	1304/ 1408	93%	0.327

Tabela 16: Fator contexto subsequente em dados do Semidirigido externo.

Em oito contextos, o peso relativo fica acima dos 0.5, fato que poderia levar à mesma asserção de CALLOU (1987:141) de que a regra tem “probabilidade de aplicar-se independentemente do contexto seguinte (em qualquer dos três casos [vogal, consoante e pausa], a probabilidade é sempre maior que .5)”. Entretanto, vê-se aqui a preferência pelas vogais quando o /R/ deixou de ser produzido. Um terceiro estudo já citado – sobre os “erres” de Itaituba, de OLIVEIRA (2001) – vem corroborar essa primazia das vogais. A autora retoma os resultados de VOTRE (1978) dizendo que ambas as pesquisas possuem resultados similares, nos quais a presença de uma vogal inibe a realização do rótico, em vez de transformá-lo em um tepe (no processo de ressilabação). De fato, bastantes infinitivos em nosso *corpus*, ao serem sucedidos por uma vogal, bloqueiam a presença de /R/, como nos exemplos:

colocar ovo → □koloka□ov□□
falar o → □fa□la□□
procurar emprego → □p□oku□ai□□p□e□□□

A pausa acaba por ser um dos contextos em que o segmento não se obriga a preservar – em nossos resultados o P.R. é de 0.327 – estando em um patamar distinto dos resultados de Callou.

A última colocação pertence ao grupo tonicidade do vocábulo, para o qual as oxítonas estão com peso relativo de 0.503.

Tonicidade do vocábulo	Apl./ Oco.	Perc.	P.R.
Paroxítono	18/23	78%	0.182
Oxítono	3052/ 3186	96%	0.503

Tabela 17: Fator tonicidade do vocábulo em dados do Semidirigido externo.

Como é sabido que a classe gramatical dos verbos, quando no infinitivo, apresenta grande relevância para que a regra seja cumprida, pensou-se em mais uma vez realizar o cruzamento desses dois grupos – a classe gramatical do vocábulo e a tonicidade do vocábulo –, pois a forma não finita implica na tonicidade recair na última sílaba do verbo. Assim, tem-se:

		Verbos no Infinitivo		Nomes		“Outros casos”		Verbos conjugados		Total	
		Oco.	%	Oco.	%	Oco.	%	Oco.	%	Oco.	%
OXÍTONAS	Apagam.	2609	98	338	84	75	77	30	94	3052	96
	Manut.	48	2	62	16	22	23	2	6	134	4
	Total	2657		400		97		32		3186	
PAROXÍTONAS	Apagam.	0	0	17	77	1	100	0	0	18	78
	Manut.	0	0	5	23	0	0	0	0	5	22
	Total	0	0	22		1		0	0	23	
Total	Apagam.	2609	98	355	84	76	78	30	94	3070	96
	Manut.	48	2	67	16	22	22	2	6	139	4
	Total	2657		422		98		32		3209	

Tabela 18: Cruzamento dos grupos classe de palavras e tonicidade do vocábulo.

Há 3.186 oxítonas no *corpus*, das quais 96% (3.052 dados) apresentam cancelamento do /R/. Desse número total, 85% são de verbos no infinitivo (2.609 dados). Mais uma vez a correlação se dá, visto que as oxítonas são verdadeiramente favorecedoras do \square , mesmo quando a classe não é a de verbos, sempre acima dos 70%.

6.2.2. –R interno

6.2.2.1. O –R interno no Questionário Fonético-Fonológico

Quanto ao número de ocorrências internas de /R/ no Questionário Fonético-Fonológico, há **673** dados. Destes, somente 4% deixam de manifestar o rótico na coda da sílaba.

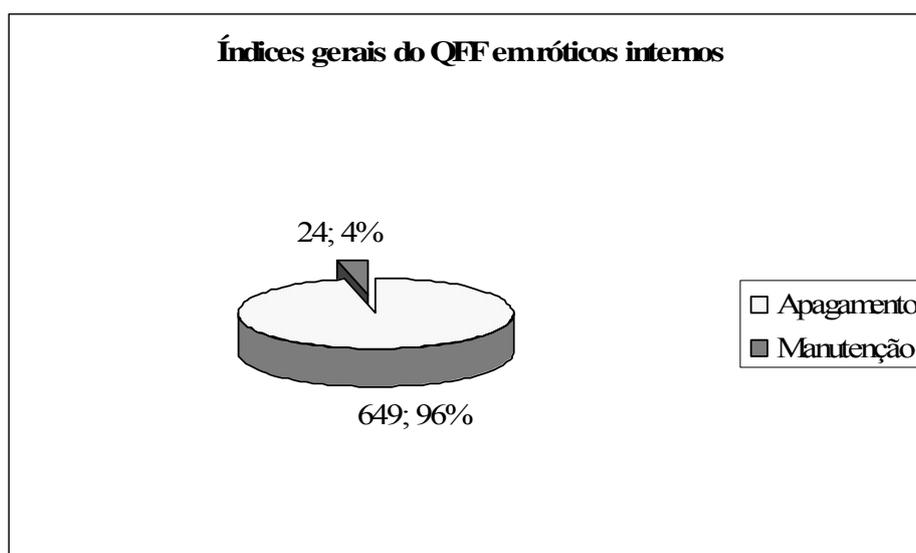


Gráfico 11: Distribuição dos dados internos no Questionário Fonético-Fonológico.

As palavras que dão origem a esses dados são listadas a seguir:

1. torneira – questão 12;
2. gordura – questão 22;
3. fervendo – questão 27;
4. árvore – questão 39;

5. borboleta – questão 46;
6. tarde (advérbio) – questão 62;
7. catorze/ quatorze – questão 65;
8. pernambucano – questão 92;
9. certo – questão 105;
10. perdão – questão 110;
11. perfume – questão 144;
12. dormindo – questão 148;
13. perdida – questão 150;
14. perguntar – questão 152;
15. esquerdo – questão 158.

Na análise binária quantitativa, nove grupos foram abandonados, a saber:

- Sexo do informante;
- Localidade;
- Número de sílabas do vocábulo;
- Tonicidade da sílaba;
- Contexto antecedente;
- Modo de articulação da consoante subsequente;
- Ponto de articulação da consoante subsequente;
- Sonoridade do segmento subsequente;
- Classe gramatical do vocábulo.

Os dois escolhidos são o contexto subsequente e a idade do informante, nessa ordem.

Contexto subsequente	Apl./ Oco.	Perc.	P.R.
□n□	1/88	1%	0.286
□v□	1/ 91	1%	0.284
□z□	20/ 48	42%	0.974

□m□	1/ 44	2%	0.445
-----	-------	----	-------

Tabela 19: Fator contexto subsequente em dados do QFF interno.

A fricativa alveolar sonora [z] destoa dos outros contextos, com um peso relativo alto (0.974) e isso se deve, muitas vezes, à resposta da questão 65 do QFF – “O que é que vem depois do treze? R: Catorze/ Quatorze” –, a qual concentra quase metade das ocorrências com apagamento.

Por sua vez, o segundo grupo de fatores, a faixa etária do informante, insere um contexto extralingüístico na influência da regra postulada:

Faixa etária	Apl./ Oco.	Perc.	P.R.
Faixa 1	7/ 234	3%	0.489
Faixa 2	3/ 226	1%	0.229
Faixa 3	14/ 213	7%	0.792

Tabela 20: Fator faixa etária em dados do QFF interno.

Percebe-se que a faixa três, embora com percentual baixo, é aquela que mais se permite deletar o rótico no interior dos vocábulos. A faixa intermediária é a que menos alcança representatividade quanto à não realização de /R/.

6.2.2.2. O –R interno no Discurso Semidirigido

No Discurso Semidirigido, os dados de /R/ interno somam **1.533** ocorrências. Ainda confirmando a tendência à preservação encontrada no QFF, somente 106 dados excluem o segmento:

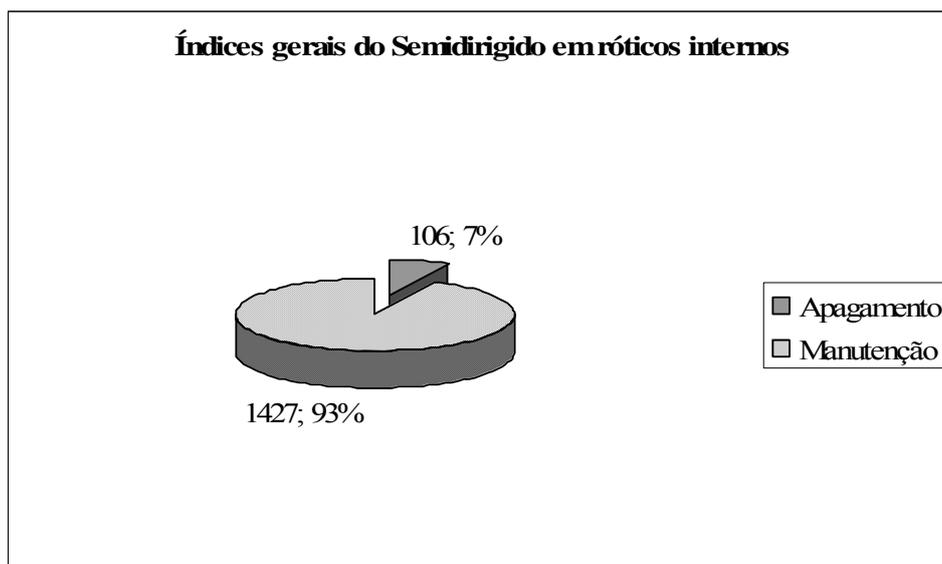


Gráfico 12: Distribuição dos dados internos no Discurso Semidirigido.

Procurando saber o que leva esses 7% de apagamento dos róticos, mais uma vez foi feita a rodada binária no GoldVarb, que selecionou sete grupos de fatores. O primeiro deles é o contexto antecedente, representado na tabela abaixo:

Contexto antecedente	Apl./ Oco.	Perc.	P.R.
□a□	10/ 376	3%	0.171
□e□	19/ 367	5%	0.267
□□□	3/ 90	3%	0.874
□i□	4/ 72	6%	0.744
□□□	4/ 181	2%	0.958
□o□	2/ 261	0,7%	0.091
□u□	64/ 186	34%	0.982

Tabela 21: Fator contexto antecedente em dados do Semidirigido interno.

A pesquisa de LIMA (2003) apresenta para a cidade de Cameté esse grupo em terceira colocação e os pesos relativos são baixos, com as duas vogais médias anteriores como as mais favoráveis ao □: a anterior média fechada □e□ tem 0.298, a média aberta □□□, 0.320. Em nosso *corpus*, por sua vez, atingem maiores P.R. as duas médias baixas □□□ e □□□, bem como as altas □i□ e □u□ – mostrando independência em relação

ao traço [+ anterior] ou [- anterior]. Especificamente quanto aos casos em que a arredondada posterior alta [u] antecede o rótico, ocorrem muitos zeros fonéticos na mesma lexia: o vocábulo “porque”.

O entorno do segmento em questão parece ser o mais importante no momento de optar pelos fatores principais, pois o contexto subsequente aparece logo a seguir das vogais que precedem os róticos. Na tabela, revelam-se os dez contextos em que se dá a variação:

Contexto subsequente	Apl./ Oco.	Perc.	P.R.
[t]	1/ 244	0,4%	0.072
[d]	1/ 97	1%	0.039
[k]	53/ 248	21%	0.613
[v]	10/ 113	9%	0.998
[s]	16/ 125	13%	0.869
[ʃ]	8/ 31	26%	0.665
[z]	12/ 26	46%	0.999
[n]	1/ 156	0,6%	0.249
[dʃ]	3/ 43	7%	0.879
[tʃ]	1/ 144	0,7%	0.175

Tabela 22: Fator contexto subsequente em dados do Semidirigido interno.

Nesse grupo, embora a africada [dʃ] apareça em segunda opção – com P.R. de 0.879 –, o domínio pertence às fricativas. Bem como no QFF, a fricativa alveolar sonora [z] possui o maior índice a favor da concretização da regra (0.999). A sua correspondente surda [s] não fica tão atrás, com seus 0.869 de P.R. Observando o arquivo de células, verificou-se que havia vinte e seis ocorrências de palavras seguidas de [z] e, então, optou-se por procurá-las no arquivo de codificações a fim de descobrir em quais lexias esse contexto favorece o zero fonético. Eis as realizações de acordo com as localidades:

- Petrópolis:
- “catorze”: 4 ocorrências com manutenção;
 - “devagarzinho”: 1 ocorrência com apagamento;
 - “mulherzada”: 1 ocorrência com apagamento;
 - “lugarzinho”: 1 ocorrência com apagamento;
 - “deverzinho”: 1 ocorrência com apagamento.
- Itaperuna:
- “lugarzinho”: 1 ocorrência com apagamento;
 - “devagarzinho”: 1 ocorrência com apagamento;
 - “colherzinha”: 1 ocorrência com apagamento;
 - “melhorzinho”: 1 ocorrência com apagamento;
 - “catorze”: 2 ocorrências com manutenção;
 - “menorzinho”: 1 ocorrência com apagamento.
- Parati:
- “celularzinho”: 1 ocorrência com apagamento;
 - “lugarzinho”: 1 ocorrência com apagamento;
 - “maiorzinho”: 1 ocorrência com apagamento;
 - “catorze”: 8 ocorrências com manutenção.

Com esses vinte e seis vocábulos, é possível fazer as seguintes generalizações:

- os doze dados de cancelamento de /R/ pertencem a palavras no diminutivo, em que o fonema aparece diante do sufixo alomórfico “zinho”;
- a lexia “catorze” foi a única a manter o segmento nas 14 vezes em que aparece, o que não significa que é um vocábulo sempre a conservar o rótico, já que nos dados do Questionário Fonético-Fonológico, ocorrem muitos zeros (42% do total).

Mais uma vez retomando LIMA (*op. cit.*: 70), para quem o modo de articulação da consoante subsequente foi o primeiro fator lingüístico elencado, lê-se a asserção:

A ocorrência da variante [r̥] demonstra ser fortemente condicionada pelas consoantes fricativas (PR de .881), sendo desfavorecida, em ordem decrescente, pelas consoantes nasal, africada e oclusiva. A retroflexa tem o maior PR quando a

consoante seguinte é nasal (.550) e o menor quando a consoante seguinte é fricativa (.033). A realização da variante [ɹ] demonstra sofrer forte condicionamento das variantes africadas (PR de .524) e oclusivas (PR de .453), sendo desfavorecida diante das fricativas (PR de .016) e das nasais (PR de .174).

Como aqui se faz apenas a oposição binária de apagamento *versus* manutenção, é possível corroborar em parte a afirmação de Lima: (i) todas as fricativas do nosso *corpus* tem considerável peso relativo para o apagamento, (ii) a nasal [ɹ] já não mais favorece a regra, com P.R. de 0.249, (iii) as africadas ocupariam tranquilamente a terceira posição, não fosse o [d] seguir imediatamente a fricativa [z] nos pesos gerais e (iv) as oclusivas não favorecem o apagamento do /R/, com exceção da oclusiva velar [k], com 0.613 – aventa-se a hipótese de que esse resultado expresse a relação entre [k] e as ocorrências de “porque”, as quais elevaram também o peso relativo da vogal posterior [u], como dito antes.

Logo em seguida, aparece o fator número de sílabas do vocábulo, como se vê:

Nº de sílabas do voc.	Apl./ Oco.	Perc.	P.R.
Duas	54/ 758	7%	0.326
Três	18/ 495	4%	0.504
Quatro	34/277	12%	0.877

Tabela 23: Fator número de sílabas do vocábulo em dados do Semidirigido interno.

No interior dos vocábulos, ocorre a gradação de quanto menor o vocábulo, menor a chance de o rótico não se manifestar. Esses resultados para a quantidade de sílabas parecem se confirmar em todas as análises de róticos nos dados no português brasileiro a que se teve acesso. Transformando os P.R. em números naturais, fica fácil visualizar o aumento gradativo do zero:

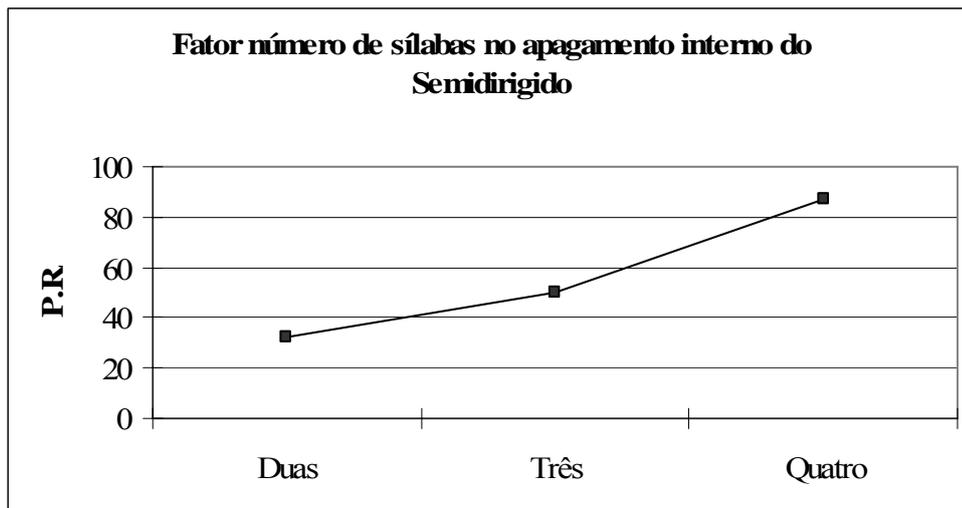


Gráfico 13: Comparação entre o número de sílabas no apagamento dos dados internos.

Em quarto lugar, vem um fator extralingüístico: a localidade. Desta feita, a cidade de Itaperuna encontra-se como o principal local a favorecer os zeros fonéticos:

Localidade	Apl./ Oco.	Perc.	P.R.
Petrópolis	29/ 568	5%	0.318
Itaperuna	42/ 503	8%	0.653
Parati	35/ 462	8%	0.561

Tabela 24: Fator localidade em dados do Semidirigido interno.

Somente Petrópolis não apresenta um peso relativo acima de 0.5. Em ambos os casos – “erre” externo ou interno – essa cidade se mostra conservadora na manutenção do rótico. Parati, por seu turno, favorece mais o cancelamento externo; Itaperuna, o interno.

O quinto fator é a tonicidade da sílaba em que aparece o rótico. Para este grupo a sílaba tônica realmente se distancia das demais, pois nela quase não há cancelamento do fonema (apenas seis dos 528 dados em que ocorre). A próxima tabela revela – bem como a gradação do número de sílabas – que quanto mais distante está o /R/ em coda da sílaba tônica do vocábulo, mais provável que seja omitido:

Tonicidade da sílaba	Apl./ Oco.	Perc.	P.R.
Pretônica 3	2/ 23	9%	0.899
Pretônica 2	3/ 155	2%	0.780
Pretônica 1	95/ 827	11%	0.764
Tônica	6/ 528	1%	0.091

Tabela 25: Fator tonicidade da sílaba em dados do Semidirigido interno.

Esse mesmo quadro se revela em LIMA (*op. cit.*: 76), quando o autor afirma:

A sílaba tônica favorece a variante □□□ e desfavorece a □□□. A sílaba pretônica **distante** favorece a variante □□□, mas desfavorece a □h, □□. A sílaba pretônica, por sua vez, favorece as variantes □□□ e □h, □□. [grifo nosso]

Ainda que este tenha sido para ele o último fator selecionado na análise, com pouca distinção entre os pesos relativos, os resultados permanecem em nossa pesquisa, corroborando sua afirmação.

Em sexta locação, aparece a variável ponto de articulação da consoante subsequente, na qual se colocam as alveolares em primazia, conforme se observa:

Ponto de articulação da consoante subsequente	Apl./ Oco.	Perc.	P.R.
alveolar	30/ 643	5%	0.763
pós-alveolar	12/ 218	6%	0.758
velar	53/ 313	17%	0.663
labial	11/ 359	3%	0.033

Tabela 26: Fator ponto de articulação da consoante subsequente em dados

do Semidirigido interno.

Dos dez contextos subseqüentes que ficaram para análise estatística, cinco pertencem ao ponto de articulação alveolar. Desses cinco, dois – as fricativas surda e sonora [s] e [z] – possuem altos pesos relativos a favor da não manutenção de /R/, fato que deve ter colocado em primeira posição o ponto alveolar. Quanto à velar, apenas uma aparece no contexto subseqüente e é a oclusiva velar surda [k], que obteve 0.613 de P.R. – confirmando a relevância de 0.663 para as velares, na tabela acima. Já as intermediárias pós-alveolares, que receberam 0.758 de P.R., encontram respaldo nos altos índices de [tʃ] e [dʒ], com 0.665 e 0.879 de P.R., respectivamente.

Em último lugar, reside o grupo faixa etária do informante, apresentando a faixa mais velha no comando da preferência pelo cancelamento:

Faixa etária	Apl./ Oco.	Perc.	P.R.
Faixa 1	26/ 442	6%	0.413
Faixa 2	40/ 591	7%	0.447
Faixa 3	40/ 500	8%	0.637

Tabela 27: Fator faixa etária em dados do Semidirigido interno.

Percebe-se que entre as faixas 1 (18 a 35 anos) e 2 (36 a 55 anos) há pouca diferença entre os pesos relativos e somente os informantes mais velhos se deixam levar pelo cancelamento do rótico quando este se encontra no meio das palavras.

6.3. Processo de enfraquecimento

O segundo bloco de rodadas binárias desenvolvido no GoldVarb 2001 procurou estabelecer os fatores que importam no processo de lenização dos róticos. Para tanto,

todas as realizações de apagamento, tepe e retroflexo foram abandonadas, deixando-se apenas as duas fricativas: velar e glotal.

Segundo CÂMARA JR. (2002:156), esse processo assim se define:

Mudança lingüística que consiste na passagem de um fonema de articulação forte para outro de articulação fraca, dentro do sistema fonológico da língua. Assim, a passagem de uma oclusiva (v.) para constrictiva (v.), como no romance lusitânico /b/ intervocálico para /v/ (ex.: *faba* > *fava*) é uma lenização. A sonorização traz em si uma lenização, porque a consoante surda é mais forte articulatoriamente do que a sonora (v. sonorização). Também se usa o termo sinônimo abrandamento.

A passagem de uma fricativa velar ɰ , ɰ à glotal h , ɦ , com a típica aspiração da produção desta última, pode ser entendida como o processo de abrandamento a que o autor se refere. No processo histórico de enfraquecimento dos róticos que CALLOU (1989: 138) expõe, clarifica-se o recuo que esse fonema tem sofrido em contexto final e em determinados dialetos, podendo atingir o zero fonético em derradeira instância.

Na contraposição entre as fricativas, pensava-se, a princípio, ter a oportunidade de fazer as mesmas segmentações realizadas para o processo de apagamento (item 6.2.): segmentar os dois contextos principais – interno e externo – de acordo com os tipos de discurso do *corpus*. No momento da análise, entretanto, essa divisão não foi possível graças ao parco número de dados que as velares alcançaram na soma total de ocorrências.

6.3.1. –R externo

Existem no *corpus* **283** dados de “erres” externos que conservam o rótico, dos quais unicamente 3% remetem à realização velar, como se vê no gráfico:



Gráfico 14: Distribuição das fricativas no contexto externo.

Os oito dados com [x] , [ɣ] externos são oriundos de seis vocábulos distintos, listados a seguir:

- “maior”: 2 ocorrências na localidade de Petrópolis;
- “calor”: 1 ocorrência em Petrópolis e 1 ocorrência em Parati;
- “encontrar”: 1 ocorrência em Petrópolis;
- “sair”: 1 ocorrência em Itaperuna;
- “militar”: 1 ocorrência em Itaperuna;
- “mal-estar”: 1 ocorrência em Itaperuna;

Dispondo dos 283 dados, o arquivo foi lançado no programa e com todos os *knockouts* provenientes dessa comparação, somente sete variáveis foram levadas até a rodada binária. O resultado desta, então, originou uma resposta negativa: nenhum grupo de fatores foi escolhido como favorecedor da regra.

As afirmações que se pode fazer a propósito desse “não resultado” são: (i) o contexto externo é francamente favorável às fricativas glotais, nesse modelo de análise; no entanto, a maior parte de realizações é, sim, de apagamento do rótico e (ii) os oito dados de fricativas velares têm em comum o fato de ocorrerem unicamente em palavras oxítonas.

6.3.2. –R interno

Os róticos internos aos vocábulos que possuem uma das duas fricativas somam 2027 ocorrências, das quais a maior parte é composta pelas fricativas glotais. O gráfico mostra a disparidade percentual entre ambas:

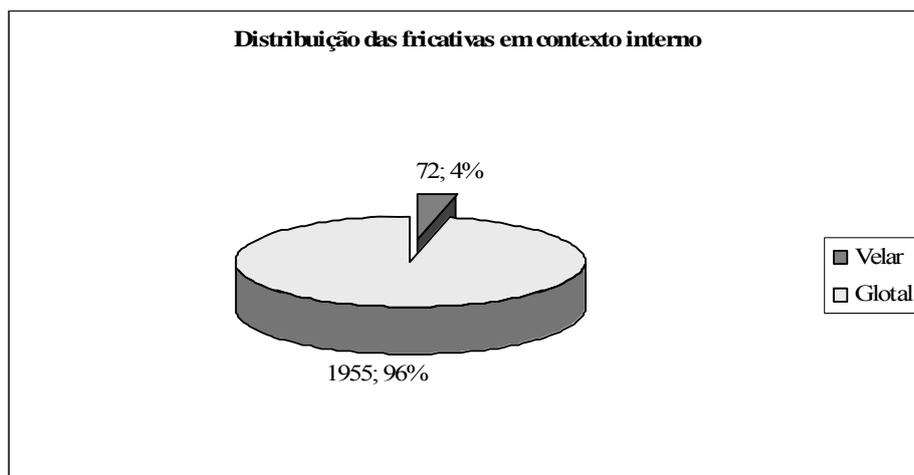


Gráfico 15: Distribuição das fricativas no contexto interno.

Embora haja 72 ocorrências de velares, foi possível realizar a rodada binária no GoldVarb, a despeito do impedimento quanto aos “erres” externos mencionado no item anterior. Nesta rodada, oito grupos foram eleitos pelo programa como favoráveis à lenização. Isso implica dizer que a regra estabelecida foi a do caminho do enfraquecimento, na qual se ansiava descobrir que variáveis fazem o falante preferir as fricativas glotais em detrimento das velares.

Cinco grupos foram rejeitados na “pior rodada” (chamada no programa de *stepping down*):

- ponto de articulação da consoante subsequente;
- classe gramatical do vocábulo;
- contexto subsequente;
- sonoridade do segmento subsequente;
- tonicidade da sílaba.

Por seu turno, na rodada que elege os principais fatores favoráveis ao abrandamento, o programa escolheu oito variáveis independentes, relevadas adiante.

A primeira delas não pertence ao campo lingüístico: a localidade de onde provém o informante. Nessa escolha, o município de Itaperuna foi, de fato, o mais relevante, com P.R. de 0.753:

Localidade	Apl./ Oco.	Perc.	P.R.
Petrópolis	713/ 767	93%	0.246
Itaperuna	653/ 659	99%	0.752
Parati	589/ 601	98%	0.553

Tabela 28: Fator localidade nas fricativas em contexto interno .

Bem como no contexto interno, quando a regra era o apagamento, o município de Petrópolis ficou abaixo de 0.5, não se mostrando influenciador de ambos os processos.

A segunda posição também está no conjunto das variáveis sociais: o sexo do informante. É a única rodada – contando com as que se fizeram para o cancelamento – em que esse grupo de fatores aparece. E coloca as mulheres na frente do processo de lenização:

Sexo do informante	Apl./ Oco.	Perc.	P.R.
Homem	977/ 1033	95%	0.321
Mulher	978/ 994	98%	0.685

Tabela 29: Fator sexo do informante nas fricativas em contexto interno .

Com essas duas informações, é possível pressupor que as mulheres residentes em Itaperuna estão mais propensas a usarem as variantes aspiradas do que os demais

falantes. Para confirmar tal asserção, efetuou-se o cruzamento dos dois grupos de fatores:

		HOMEM		MULHER		Total	
		Oco.	%	Oco.	%	Oco.	%
PETRÓPOLIS	glotais	323	87	390	98	713	93
	velares	47	13	7	2	54	7
	Total	370		397		767	
ITAPERUNA	glotais	344	99	309	99	653	99
	velares	3	1	3	1	6	1
	Total	347		312		659	
PARATI	glotais	310	98	279	98	589	98
	velares	6	2	6	2	12	2
	Total	316		285		601	
Total	glotais	977	95	978	98	1955	96
	velares	56	5	16	2	72	4
	Total	1033		994		2027	

Tabela 30: Cruzamento dos grupos sexo do informante e localidade.

Em Petrópolis, há 13% de homens que produzem fricativas velares, o que faz a porcentagem total nessa localidade ser de 7% (bem acima dos 1% e 2% totais nos outros municípios). As porcentagens de Itaperuna, em ambos os sexos, são as mais baixas (1% apenas) para px , pp . Essas duas informações, somadas aos 16 dados de velares produzidos pelas mulheres de todos os municípios, corroboram os pesos relativos dos dois primeiros grupos de fatores escolhidos na rodada binária a favor das glotais.

O terceiro grupo de fatores remete ao tipo de discurso em que se encontra o rótico. Faz-se necessário lembrar que a proposta de analisar separadamente o QFF e o Semidirigido não se efetuou, para que a baixa ocorrência de dados no primeiro não gerasse os mesmos resultados dos “erres” externos (nenhuma seleção de variáveis).

Na comparação entre os dois tipos de discursos, o que apresenta menos pressão ou controle – Discurso Semidirigido – permite que as fricativas glotais achem mais espaço na fala. Veja-se:

Tipo de discurso	Apl./ Oco.	Perc.	P.R.
QFF	596/ 631	94%	0.289
Semidirigido	1359/ 1396	97%	0.601

Tabela 31: Fator tipo de discurso nas fricativas em contexto interno .

Com essa distinção, pode-se pensar que um maior monitoramento por parte do informante o faz produzir segmentos fônicos mais audíveis que, em geral, também são lexias isoladas, desprovidas de contexto seguinte – fato que intensifica a produção mais cuidada também.

A quarta variável traz o número de sílabas do vocábulo para favorecer o enfraquecimento:

Nº de sílabas	Apl./ Oco.	Perc.	P.R.
Duas	773/ 813	95%	0.244
Três	865/ 893	97%	0.610
Quatro	314/ 318	99%	0.837

Tabela 32: Fator número de sílabas do vocábulo nas fricativas em contexto interno .

Mais uma vez a gradação se revela nos erres internos , na qual as lexias menores apóiam mais as fricativas velares, enquanto as de quatro sílabas ou mais desfavorecem-nas. Simplificando os pesos relativos a números naturais de zero a cem, pode-se visualizar o crescimento de fricativas glotais à proporção que aumenta a quantidade de sílabas das lexias:

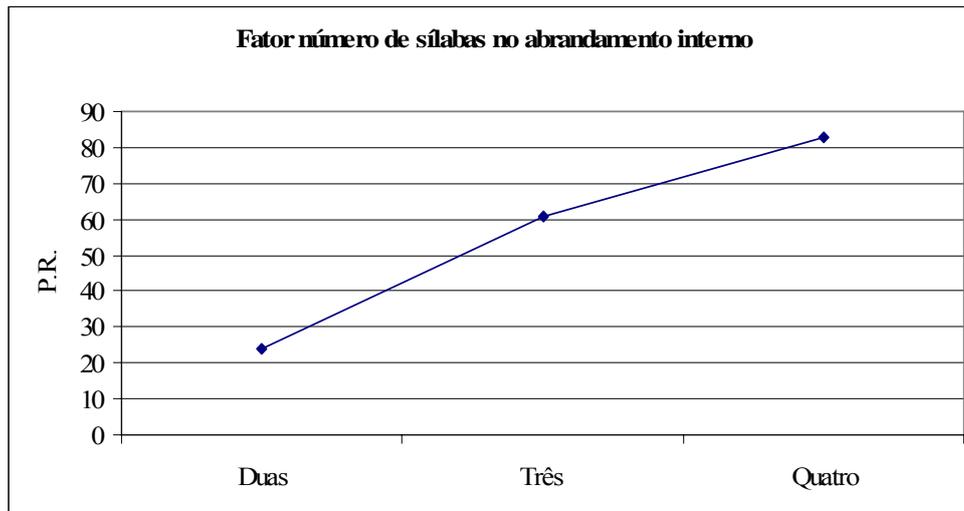


Gráfico 16: Comparação entre o número de sílabas no abrandamento interno.

O quinto fator retoma as variáveis sociais, elencando a faixa etária do informante, conforme se verifica na tabela abaixo:

Faixa etária	Apl./ Oco.	Perc.	P.R.
Faixa 1	619/ 638	97%	0.555
Faixa 2	753/ 771	98%	0.575
Faixa 3	583/ 618	94%	0.353

Tabela 33: Fator faixa etária nas fricativas em contexto interno .

Olhando a tabela, enxerga-se pouca diferença entre a faixa 1 (18 a 35 anos) e 2 (36 a 55 anos), de 0.025. Assim, pode-se assumir que apenas a faixa 3 (56 anos em diante) é claramente inibidora da regra de abrandamento, enquanto as mais jovens exercem papel influente

O sexto fator é o contexto antecedente, elegendo as vogais que propiciam as fricativas glotais:

Contexto antecedente	Apl./ Oco.	Perc.	P.R.
□a□	434/ 462	94%	0.419
□□□	127/ 130	98%	0.861
□e□	600/ 617	97%	0.414
□□□	166/ 171	97%	0.635
□o□	403/ 418	96%	0.476
□u□	156/ 160	98%	0.615

Tabela 34: Fator contexto antecedente nas fricativas em contexto interno.

As duas vogais médias abertas □□□ e □□□ lideram a caminhada da lenização, com 0.861 e 0.635, respectivamente. A posterior alta □u□ também auxilia o mesmo processo, com 0.615. E esses pesos encontram as mesmas relevâncias quando CALLOU (1987) observa o comportamento em posição final de sílaba, no interior do vocábulo. No seu estudo, somente estas três vogais são relevantes para a regra de aspiração, e a autora então propõe duas hipóteses com base nos traços [retraído] e [baixo], chegando a concluir que: “os resultados [...] mostram uma preferência pelo traço [+ baixo], o que corresponderia a uma regra de assimilação [+ alto] → < - alto > / [+ baixo] –” (*op. cit.*: 115).

Em penúltimo lugar, vem o grupo modo de articulação da consoante subsequente, no qual somente africadas e fricativas parecem significantes:

Modo de articulação	Apl./ Oco.	Perc.	P.R.
Nasal	477/ 493	97%	0.377
Oclusiva	817/ 855	96%	0.382
Africada	249/258	97%	0.671

Fricativa	412/ 421	98%	0.756
-----------	----------	-----	--------------

Tabela 35: Fator modo de articulação nas fricativas em contexto interno.

E, por fim, em último lugar, aparece a tonicidade do vocábulo, separando nitidamente as oxítonas dos demais tipos de acentuação vocabular.

Tonicidade do voc.	Apl./ Oco.	Perc.	P.R.
Proparoxítona	44/ 49	90%	0.093
Paroxítona	1459/ 1516	96%	0.434
Oxítona	449/ 459	98%	0.755

Tabela 36: Fator tonicidade do vocábulo nas fricativas em contexto interno.

A interpretação dessa variável permite dizer que os róticos internos enfraquecem ao se distanciarem das sílabas onde recai a tonicidade, já que não têm a chance de se sobrepôr a ela (se o erre em coda estiver em sílaba tônica de palavra oxítônica, deixará de ser interno).

6.4. Conclusões da análise

As conclusões a que se chegam ao término desse capítulo podem ser divididas em duas etapas: as que provêm do processo de apagamento e aquelas do processo de enfraquecimento. Faz-se também uma reflexão sobre os fatores sociais controlados no presente estudo.

No que concerne ao processo de apagamento, que levou em conta a oposição binária entre o zero fonético e a soma das ocorrências de manutenção, é possível afirmar que:

(i) os róticos em posição externa demonstram franca tendência ao cancelamento, pois, nas rodadas gerais (contemplando QFF e Semidirigido) a soma percentual é de 92%. A distribuição pode ser vista no gráfico que se segue:

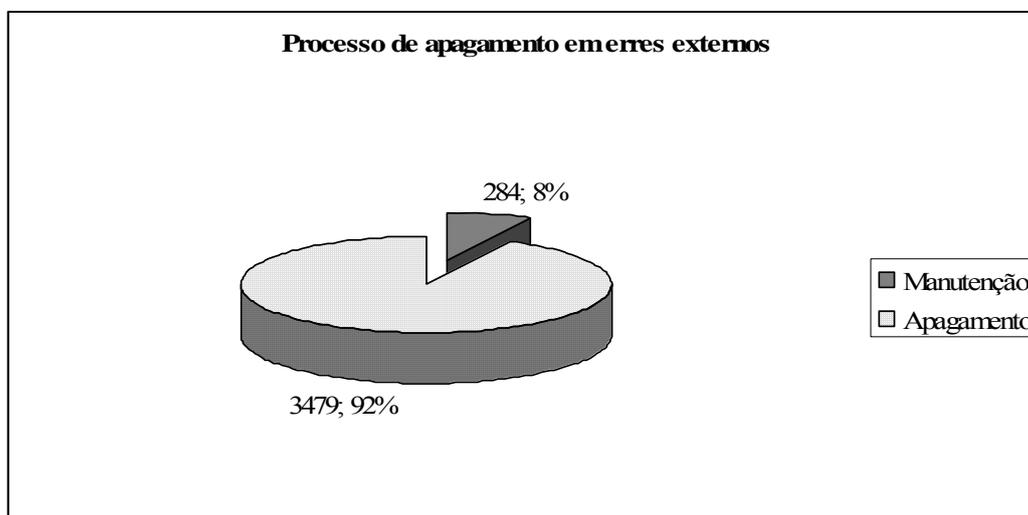


Gráfico 17: Percentual geral de apagamento em róticos externos.

(ii) em termos percentuais, os róticos internos parecem andar na contramão da aplicação da regra, pois apresentam somente 6% de cancelamento do fonema, como se vê:

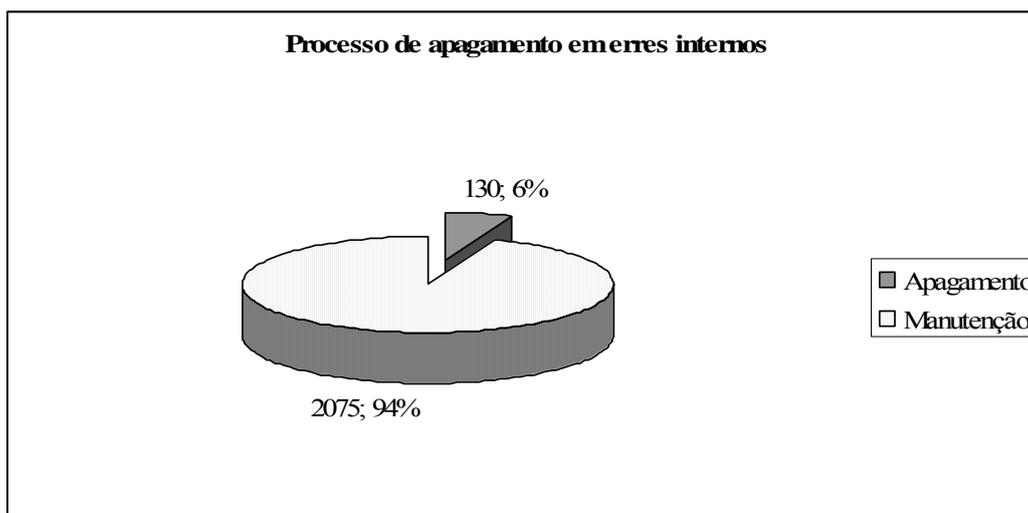


Gráfico 18: Percentual geral de apagamento em róticos internos.

Tal comportamento levaria à asserção de que o processo em questão só é relevante para o primeiro conjunto de dados (os externos), porque nele ocorre mais intensamente. Refletindo, entretanto, que os segmentos internos em coda silábica dificilmente permitem a sua não realização, os 130 dados dos 2205 soam significativos quanto à aplicação da regra.

Sobretudo, quanto aos róticos internos, é possível dizer que a via que lhes conduz é, de fato, a da manutenção. Isso permite pensar se as lexias que deixam de conservar o segmento são as mesmas, o que configuraria um processo de difusão lexical, explicada por CHAMBERS e TRUDGILL (1982: 175) como “a teoria em que uma mudança lingüística espalha-se gradualmente através do léxico, de morfema a morfema”¹⁷. Um olhar atento sobre alguns dados de apagamento nesse contexto permite afastar tal hipótese. Por exemplo, as ocorrências da palavra “catorze”, que fizeram a fricativa alveolar sonora [z] obter maior peso relativo para aplicar a regra de cancelamento no QFF, por outro lado mantêm o rótico nas catorze vezes em que aparece no Semidirigido; mais do que isso, dentro do Questionário Fonético-Fonológico, há vinte dados de zero fonético para essa lexia contra vinte e oito de manutenção, fato que não levaria a dizer que é um vocábulo estritamente favorecedor da regra, já que nele se vê certo equilíbrio de realizações.

A conclusão mais importante a que se chega depois de todas as rodadas referentes ao apagamento do rótico está na interseção entre os grupos de fatores em ambos os contextos. Há, na verdade, nove variáveis que se repetem nas seleções distintas entre os dados do QFF interno e externo e os dados do Discurso Semidirigido. São elas:

- 1) localidade;
- 2) classe;
- 3) contexto subsequente;
- 4) faixa etária;
- 5) contexto antecedente;
- 6) número de sílabas do vocábulo;
- 7) tonicidade do vocábulo;

¹⁷ “the theory that a linguistic change spreads gradually across the lexicon, from morpheme to morpheme”.

- 8) tonicidade da sílaba;
- 9) ponto de articulação da consoante subsequente.

A presença desses nove grupos de fatores em quaisquer contextos analisados faz com que se compreenda a progressão do processo de cancelamento. Em outros termos, os fatores lingüísticos ou extralingüísticos que exercem poder sobre essa regra afetam os róticos independente de onde eles se manifestem no travamento de sílaba. Apesar das diferenças entre as porcentagens de aplicação de apagamento em /R/ interno ou externo, parece haver uma intensificação desse processo, a despeito de se esperar ainda que os de posição externa alcancem sempre maior número de lexias.

O segundo processo estudado – o de enfraquecimento – faz perceber a preponderância das fricativas glotais sobre todas as ocorrências de manutenção geradas no *corpus*. Em um gráfico que compare todas as quatro possibilidades de manutenção (velar, glotal, tepe alveolar e retroflexo), vê-se essa preferência pela variante [h], [ʁ]:

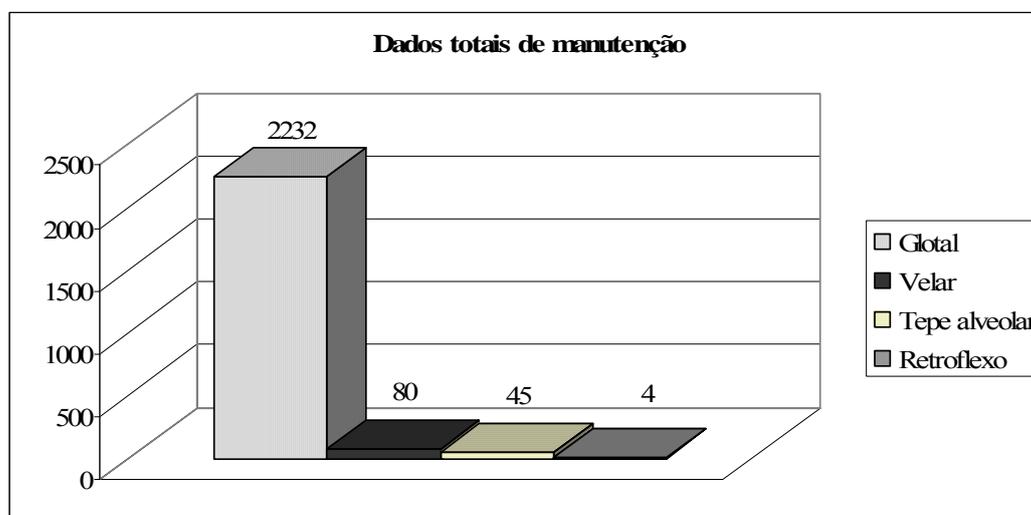


Gráfico 19: Percentual geral de manutenção dos róticos.

Nas duas rodadas binárias feitas entre as duas fricativas – velares e glotais – os dados externos sequer obtiveram variáveis selecionadas no GoldVarb, já os internos elegeram nos três primeiros lugares variáveis que não são do campo estritamente lingüístico: a localidade, o sexo e o tipo de discurso.

Acerca da visível preferência pelas fricativas glotais surdas ou sonoras, afirma-se que, no que concerne à variação dos róticos nesse nível, ocorre um escalonamento: as realizações tendem, certamente, a se posteriorizar, mas tal percurso continua se dando sem “pular” etapas, uma vez que um /R/ velar tenderá antes a se tornar glotal e só depois a ser apagado pelo falante. Por conta dessas vias paralelas de mudança, é possível encontrar todas as variantes em convivência sincrônica no português brasileiro.

6.4.1. Os fatores sociais

Quatro variáveis extralingüísticas foram controladas no estudo: sexo do informante, faixa etária, localidade e tipo de discurso. Nessa fase final da pesquisa, o olhar voltou-se, especificamente, para os três primeiros mencionados.

A importância das variáveis sexo e faixa etária é observada desde as bases da Dialectologia. CHAMBERS e TRUDGILL (1982) relatam estudos que comprovam tendências díspares para as diferenciações de idade ou entre homens e mulheres. Sobre esses últimos, afirmam à página 97:

Os modelos excepcionais da diferenciação sexual são também uma indicação de que uma mudança lingüística está em progresso. [...] De fato, o que sabemos da relação entre sexo e língua nos diz que se uma modificação lingüística estiver se realizando na direção da variedade de prestígio será liderada por mulheres de classe média, enquanto as modificações longe da norma de prestígio [...] terão homens de classe trabalhadora baixa na vanguarda.¹⁸

O que os autores destacam nessa afirmação une o sexo do informante com a classe social a que pertence, colocando as mulheres em uma posição de preferência pelas formas prestigiadas. E, mais adiante, Chambers e Trudgill abordam quatro motivos para os diferentes papéis desempenhados por homens e mulheres, que os levam a seguir vias diferentes também na língua:

¹⁸ “Unusual patterns of sex differentiation are also an indication that a linguistic change is in progress. [...] Indeed, what we know of the relationship between sex and language tell us if a linguistic change is taking place in the direction of the prestige variety it will be spearheaded by middle class women, while changes away from the prestige norm [...] will have working class men in the vanguard.”

(1) Em nossa sociedade, as mulheres têm menos oportunidades, ainda, para realização, e por isso, com maior probabilidade transmitirão a sua posição social pelo modo como aparentam e se comportam.

(2) As mulheres tendem, possivelmente em consequência de menos oportunidades ocupacionais e uma maior tendência de permanecer em casa, a participar em redes sociais menos coesivas.

(3) O papel tradicionalmente maior da mulher na socialização infantil leva-as a serem mais sensíveis a normas de comportamento 'aceito'.

(4) A diferenciação lingüística entre os sexos é um reflexo de uma tendência muito maior para os homens do que para as mulheres de serem favoravelmente considerados se eles atuarem resistentes, bruscos e quebrarem as regras. As mulheres, por outro lado, são encorajadas a ser corretas, discretas, tranqüilas e educadas no seu comportamento.¹⁹

Volvendo os olhos para a seleção das rodadas da presente pesquisa, nota-se que essa variável representou pouca influência no comportamento dos róticos. No caso do processo de apagamento, em nenhum instante foi escolhida, sendo eleita nas rodadas do processo de enfraquecimento. Nestas, quanto ao contexto interno, o grupo ficou em segundo lugar e os homens mantêm posição conservadora frente à regra que coloca a fricativa glotal como primordial (só atingem P.R. de 0.321); as mulheres, por seu turno, favorecem as variantes h , h , com 0.685 de peso relativo. Isso as coloca na frente do processo que posterioriza o rótico – o caminho próprio da mudança.

A faixa etária, que, na presente pesquisa, acompanha três conjuntos de falantes – 18 a 35 anos, 36 a 55 anos e 55 anos em diante – apresentou forte relevância na produção de segmentos anteriores, em que os mais velhos obtiveram quase a totalidade dos índices. É uma variável que costuma ser vista amalgamada com outros grupos de fatores, em especial, o sexo do informante. LABOV (1972) une-a, quase sempre, ao fator classe social – que não foi utilizado no presente estudo. CHAMBERS e TRUDGILL (*op. cit.*) demonstram o caminhar desse grupo em diferentes direções, a

¹⁹ “(1) In our society, women have fewer opportunities, still, for achievement, and are therefore more likely to signal their social status by how they appear and behave [...]

(2) Women tend, perhaps as a result of fewer occupational opportunities and a greater tendency to remain at home, to participate in less cohesive social networks.[...]

(3) Women’s traditionally greater role in child socialization leads them to be more sensitive to norms of ‘accepted’ behavior.

(4) Linguistic sex differentiation is a reflection of a much wider tendency for men to be relatively more favorably regarded than women if they act tough, rough, and break the rules. Women, on the other hand, are encouraged to a much greater extent to be correct, discreet, quiet and polite in their behavior.”

dependem do fenômeno em questão: (a) se o fenômeno for crescente, os mais jovens, seguidos dos adultos estarão com maior relevância, enquanto os mais idosos aparecerão menos intensamente; (b) se o fenômeno estiver em desaparecimento na língua, a situação inverte-se e os mais velhos obterão maiores índices; (c) se houver uma pressão social sobre determinado uso, os da faixa intermediária resistirão mais, deixando-se para os jovens e os idosos os percentuais mais altos.

A partir das rodadas de apagamento e enfraquecimento em nosso *corpus*, observou-se que:

- no apagamento em contexto externo, o grupo de fatores não foi selecionado, fato que indica a abrangência da regra independente da idade do falante;
- no apagamento em contexto interno, os informantes da terceira faixa aparecem, seja no QFF, seja no Discurso Semidirigido, propensos a não produzir o /R/: alcançam pesos relativos de 0.779 e 0.637, nos respectivos tipos de discurso;
- no processo de enfraquecimento, a faixa 3 retrai o uso das glotais e alcança peso relativo de 0.353 para essa regra. As faixas mais jovens estão muito próximas de 0.5, sendo ambas favoráveis à utilização das fricativas glotais.

Dessas três afirmações, entende-se que no contexto menos esperado para o cancelamento, os informantes adultos e jovens permitem menos que o segmento se perca; por outro lado, os mais idosos estão em duas vias: deixam-se levar pelo cancelamento do rótico, no entanto, quando o produzem, manifestam variantes mais marcadas (como as anteriores ou as fricativas velares).

O estudo de CALLOU, MORAES e LEITE (1998), por sua vez, trata – na seção destinada às variáveis sociais – do comportamento de homens e mulheres, cruzando-o com o grupo faixa etária. Os resultados são expostos separando, também, a classe dos verbos das do não-verbos. Por se tratar de um trabalho que analisa dados de décadas distintas (setenta e noventa), ao traçar o percurso da mudança, a pesquisa

mostra que a população feminina continua a implementar a regra de apagamento, uma vez que há sempre um aumento do peso relativo de 70 para 90. Por outro lado, em relação aos homens, a regra parece ter atingido seu limite e há indícios de perda do processo de apagamento, principalmente no que tange aos não-verbos.

A localidade foi, dentre os três fatores sociais do presente trabalho, o que mais o GoldVarb elegeu em suas rodadas quantitativas. Nos casos de tepe e retroflexo, Parati é a única a manifestar tais variantes; no que refere aos demais processos, pode-se asseverar que:

- Parati é o município que mais apaga o rótico no contexto externo: no QFF possui 0.683 de P.R. e no Semidirigido, 0.697;
- Itaperuna corrobora a regra de cancelamento se a posição for interna, com 0.653 de peso relativo, seguida de Parati, com 0.561;
- Petrópolis mantém-se inibidor no uso de zeros fonéticos em qualquer um dos contextos;
- O enfraquecimento de /R/ encontra relevância nas mesmas localidades que o cancelamento interno: em Itaperuna, o P.R. é de 0.752 e em Parati, de 0.553.

Refletindo sobre esses comportamentos, nota-se que todas as localidades participam da mudança lingüística dos róticos, que tende a posteriorizá-lo e caminhar para sucessiva queda (notadamente quando em posição externa). No entanto, pode-se deixar de um lado o município de Petrópolis, o mais perto da capital, como o mais próximo ao padrão – a manutenção do segmento –; do outro lado, pode-se alocar o município de Parati, por sua preservação às formas de traço [+anterior] e pela intensa propensão ao zero fonético. Por sua vez, Itaperuna acompanha o processo de enfraquecimento, estando em um nível anterior a Parati, pois não atinge, ainda, os percentuais de cancelamento deste último.

Concernente ao tipo de discurso, o que os resultados demonstram é a tendência do falante a seguir, em discursos menos tensos (o Semidirigido, neste caso), sobretudo, o caminho do apagamento em coda externa e monitorar melhor sua fala no discurso mais controlado – o Questionário Fonético-Fonológico – produzindo, inclusive porcentagens mais significativas de fricativas velares.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo se finda, permitindo as seguintes conclusões:

(i) o processo de variação e mudança dos róticos continua a expandir-se em território fluminense, possuindo altos percentuais para os dois últimos estágios: a glotalização e o cancelamento;

(ii) as variáveis lingüísticas se sobrepõem às não lingüísticas na mudança de /R/. Ainda assim, a estratificação do *corpus* permite que se controlem os grupos sociais típicos desse tipo de estudo e os coloca, por vezes, em posição de favorecimento às regras postuladas;

(iii) o apagamento, seja em posição interna ou externa ao vocábulo, mostra-se suscetível aos mesmos condicionamentos lingüísticos, como o contexto antecedente ou o número de sílabas do vocábulo;

(iv) os resultados refletem uma variação que se processa em todo o território nacional, como se lê em trabalhos regionais – como os de LIMA (2003) ou OLIVEIRA (2001) – ou em comparações mais abrangentes – como a de CUNHA (2008) com o *corpus* do Projeto ALiB.

Entende-se, para além desses resultados, que as três maiores contribuições registradas por esta pesquisa são:

(i) a ampliação do *corpus* que recobre o estado do Rio de Janeiro e que permitirá a futuros estudos a análise de outros fenômenos fonético-fonológicos ou até mesmo de outros níveis da língua – o morfossintático, por exemplo, se utilizados os trechos das elocuições semidirigidas;

(ii) a descrição de mais uma parcela dialetal, a qual, somada a pesquisas já feitas e ainda por vir, permitirão que se trace um quadro total desse momento lingüístico experienciado pelo português brasileiro em início do século XXI.

(iii) dar mostras do estágio atual de variação e mudança do /R/ posvocálico na fala popular.

8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUILERA, Vanderci de Andrade. “Estudos geolingüísticos no Brasil: caminhos e propostas”. *Estudos Lingüísticos*. São José do Rio Preto: UNESP, v.1, nº1, p.119-126. 1998.

ALMEIDA, Fabiana da Silva Campos. *Micro Atlas Fonético do Estado do Rio de Janeiro (Micro AFERJ): uma contribuição para o conhecimento dos falares fluminenses*. Rio de Janeiro: UFRJ, Faculdade de Letras, 2008. Tese (Doutorado em Letras Vernáculas).

AMARAL, Amadeu (1920) *O dialeto caipira*. 3ª ed. São Paulo, HUCITEC, Secretaria de Cultura, Ciência e Tecnologia, 1976.

BRANDÃO. Silvia F. *O pescador do Município de Campos: universo e linguagem*. Rio de Janeiro: UFRJ, Faculdade de Letras, 1988. Tese (Doutorado em Letras Vernáculas).

_____. *A geografia linguística no Brasil*. Rio de Janeiro, Ática: 1998.

_____. e MOTA, Maria Antónia (org.). *Análise Contrastiva de Variedades do Português: primeiros estudos*. Rio de Janeiro: In-Fólio, 2003.

_____. “Nas trilhas do -R retroflexo”. *Signum. Estudos de Linguagem*, v. 10, p. 265-283, 2007.

BRESCANCINI, Cláudia R. “A análise da regra variável e o programa VARBRUL 2S”. In: BISOL, Leda e BRESCANCINI, Cláudia R. (org.). *Fonologia e variação: recortes do português brasileiro*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.

CALLOU, Dinah. *Variação e distribuição da vibrante na fala urbana culta do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: UFRJ/PROED, 1987.

_____. *et alii*. “Variação e diferenciação dialetal: a pronúncia do /r/ no Português do Brasil”. In: KOCH, I. (org.). *Gramática do português falado*. Campinas: UNICAMP, p. 465- 493, 1996.

_____, LEITE, Yonne. ; MORAES, João. A. “Apagamento do R final no dialeto carioca: Um estudo em tempo aparente e em tempo real”. D.E.L.T.A, v. 14, p. 61-72, 1998.

_____ e LEITE, Yonne. *Iniciação à fonética e à fonologia*. 6. ed., Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

_____ e LEITE, Yonne. *Como falam os brasileiros*. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

CÂMARA JR. Joaquim Mattoso. *Para o Estudo da Fonêmica Portuguesa*. 2 ed. Rio de Janeiro: Padrão, 1977.

_____. *Princípios de Lingüística Geral*. 7ª ed. rev. e aum. Rio de Janeiro: Padrão, 1989.

_____. *Estrutura da língua portuguesa*. Petrópolis: Vozes, 1980.

_____. *Dicionário de Lingüística e Gramática*. 24ª ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

CALVET, Louis- Jean. *Saussure: Pró e Contra: para uma lingüística social*. Tradução de Maria Elizabeth Leura Salum. São Paulo: Cultrix, 1975.

CARDOSO, Suzana Alice Marcelino. “Dialectologia: trilhas seguidas, caminhos a perseguir”. DELTA, 2001, vol.17, no.spe, p.25-44.

CASTILHO, Ataliba T. de. “O português do Brasil”. In: ILARI, Rodolfo. *Lingüística Românica*. São Paulo: Ática, 1992. p. 237-269.

CHAMBERS, J. K. and TRUDGILL, Peter. *Dialectology*. New York: Cambridge University Press, 1982.

CRISTÓFARO-SILVA, Thais. *Fonética e fonologia do português: roteiro de estudos e guia de exercícios*. 6ª ed. São Paulo: Contexto, 2002.

COSERIU, E. *La geografía lingüística*. Montevideu, Universidad de la República, 1950.

_____. *Sentido y tareas de la dialectología*. México, Instituto de Investigaciones Filológicas, 1982.

CUNHA, C. de S., BRANDÃO, S. F. e MOTA, M. A. “A vibrante em coda silábica: um estudo contrastivo entre o português brasileiro e o europeu”. Comunicação

apresentada no *II Congresso Internacional da ABRALIN* na Sessão de Comunicações Coordenadas “Sobre os róticos”. Rio de Janeiro, UFRJ, 2003.

CUNHA, Celso e CINTRA, Luís F. Lindley. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

DUBOIS, Jean *et alii*. *Dicionário de Lingüística*. 10ª ed. São Paulo: Cultrix, 1998.

FERREIRA, Carlota e CARDOSO, Suzana Alice. *A dialetologia no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1994.

HORA, Dermeval da (org). *Estudos sociolingüísticos: perfil de uma comunidade*. João Pessoa, 2004.

HOUAISS, Antônio. “Língua e realidade social”. In: Revista do Instituto de Estudos Brasileiros, n. 22, Universidade de São Paulo, São Paulo, p. 53-58, 1980.

ISQUERDO, Aparecida Negri. ‘Procedimentos metodológicos nas entrevistas definitivas: o entrevistador’. In: AGUILERA, V. de A., et alii (Org.) Documentos 1. Projeto Atlas Lingüístico do Brasil. Salvador. ILUFBA – EDUFBA, p.47, 50, 2004.

LABOV, William. *Sociolinguistic patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.

LIMA, Alcides. “A pronúncia do /r/ pós-vocálico na cidade de Cametá – PA”. In: RAZKY, Abdelhak (org.). *Estudos Geo-Sociolingüísticos no Estado do Pará*. Belém, 2003.

LIMA, Luciana Gomes de. *Atlas Fonético do entorno da Baía de Guanabara - AFeBG*. Rio de Janeiro: UFRJ, Faculdade de Letras, 2006. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa).

MARROQUIM, Mário. *A língua no Nordeste*. Companhia editora Nacional, 2ª edição, 1945.

MELO, Tiana e RODRIGUES, Deisiane. "A Realização da Vibrante em coda silábica nos Atlas Regionais do Brasil” na *XXVI Jornada Giulio Massarani de Iniciação Científica, Artística e Cultural*, Rio de Janeiro: UFRJ, 2004.

- MELO, Tiana; CUNHA, Cláudia e RODRIGUES, Deisiane. “A vibrante em coda silábica nos Atlas Regionais do Brasil”. In: CUNHA, Cláudia (org.). *Estudos geosociolingüísticos*. Rio de Janeiro: UFRJ, Pós-Graduação em Letras Vernáculas, 2006.
- MOLLICA, Maria Cecília e BRAGA, Maria Luiza (org.). *Introdução à sociolingüística*. São Paulo, Contexto, 2007.
- NARO, Anthony Julius. Modelos quantitativos e tratamento estatístico. In: MOLLICA, Maria Cecília e BRAGA, Maria Luiza (org.). *Introdução à sociolingüística*. São Paulo, Contexto, 2007.
- NASCENTES, Antenor. *O linguajar carioca*. Rio de Janeiro: Organização Simões, 1953.
- OLIVEIRA, Josane Moreira de. *O apagamento do /R/ implosivo na norma culta de Salvador*. Salvador: Universidade Federal da Bahia, 1999. Dissertação (Mestrado em Lingüística).
- OLIVEIRA, Marilúcia. *Manutenção e apagamento do (r) final de vocábulo na fala de Itaituba*. 2001. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Pará.
- OLIVEIRA, Marilúcia. “Apagamento e manutenção de (r) final de vocábulo na fala de Itaituba.”. In: RAZKY, Abdelhak (org.). *Estudos Geo-Sociolingüísticos no Estado do Pará*. Belém, 2003.
- OLIVEIRA, Josane Moreira de. *O futuro da língua portuguesa ontem e hoje: variação e mudança*. Rio de Janeiro: UFRJ, Faculdade de Letras, 2006. (Tese de Doutorado em Língua Portuguesa).
- RODRIGUES, Ada N. *O dialeto caipira na região de Piracicaba*. São Paulo: Ática, 1974.
- ROCHA LIMA, Carlos Henrique da. *Gramática normativa da língua portuguesa*. 44ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2005.
- TARALLO, Fernando. *A Pesquisa Sociolingüística*. 7ª ed. São Paulo: Ática, 2001. Série Princípios.

THIBAUT, Pierrette. Verbete *Sociolingüística*, (Universite de Montreal), a ser publicado em Ditionare encyclopedique et critique de la communication, Paris, Presses Universitaires de France. (traduzido por Conceição Paiva).

VOTRE, Sebastião. *Aspectos da variação fonológica na fala do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 1978. Tese (Doutorado em Lingüística).

WEINREICH, Uriel, LABOV, William e HERZOG, Marvin I. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança lingüística*. Tradução de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

9. ANEXOS

Anexo 1 - O Projeto Atlas Lingüístico do Brasil

O Projeto Atlas Lingüístico do Brasil – ou Projeto ALiB – é um projeto que visa à composição de um atlas lingüístico nacional, e teve seu início no ano de 1996, durante a realização do “Seminário Nacional Caminhos e Perspectivas para a Geolingüística no Brasil”, realizado na Bahia. A sede do Projeto fica na Universidade Federal da Bahia, em Salvador, na qual se realizam constantes reuniões do comitê nacional (até hoje já houve vinte e três reuniões). Esse comitê é composto oficialmente por dez professores pesquisadores de distintas universidades do Brasil.

A metodologia adotada na pesquisa compreende duas preocupações essenciais: os informantes e a rede de pontos. No que concerne aos primeiros, controlam-se idade (são duas faixas: 18 a 30 anos e 50 a 65 anos) e sexo (homens e mulheres, de forma igualitária); quanto à rede de pontos, somam 250 em todo o país, com alicerce também na divisão proposta por Antenor Nascentes, no século anterior. O Projeto ALiB tem seus questionários próprios, divididos em três tipos principais: o Questionário Fonético-Fonológico (159 questões mais 11 de prosódia), o Questionário Semântico-Lexical (202 questões) e o Questionário Morfossintático (49 questões). Há, ainda, as Questões de Pragmática (04), os Temas para Discursos Semidirigidos, as Perguntas de Metalingüística (06) e um texto para leitura, chamado "Parábola dos sete vimes".

Atualmente, o *corpus* já recolhido está em processo de análise e ainda 105 localidades precisam ter suas entrevistas prontas.

Mais informações sobre o Projeto ALiB podem ser encontradas no site oficial www.alib.ufba.br, no qual registram-se artigos sobre Dialectologia, informações sobre Atlas internacionais e sobre outros projetos. Além disso, a página traz detalhes atualizados sobre a recolha de dados, sobre Atlas regionais concluídos e em andamento e downloads de programas relacionados à área, como o programa de edição de sons SoundForge, por exemplo.

Anexo 2 – Ficha do informante retirada do Projeto ALiB



Projeto Atlas Lingüístico do Brasil
Ficha do Informante

No. do ponto:

No. do informante:

DADOS PESSOAIS DO INFORMANTE

1. NOME:		2. ALCUNHA:	
3. DATA DE NASCIMENTO:	4. SEXO: A. <input type="checkbox"/> M B. <input type="checkbox"/> F	5. IDADE:	
6. ENDEREÇO: RUA e Nº: BAIRRO: CEP:			
7. ESTADO CIVIL: A. <input type="checkbox"/> solteiro B. <input type="checkbox"/> casado C. <input type="checkbox"/> viúvo D. <input type="checkbox"/> outro			
8. NATURALIDADE:	9. COM QUE IDADE CHEGOU A ESTA CIDADE? (CASO NÃO SEJA NATURAL DA LOCALIDADE)		
10. A. DOMICÍLIOS, ÉPOCA E TEMPO DE PERMANÊNCIA FORA DA LOCALIDADE: B. MOTIVO DO(S) AFASTAMENTO(S)			
11. ESCOLARIDADE:	12. OUTROS CURSOS: A. <input type="checkbox"/> especialização B. <input type="checkbox"/> profissionalizante C. <input type="checkbox"/> outros		
13. NATURALIDADE: A. da mãe: B. do pai:		14. FOI CRIADO PELOS PRÓPRIOS PAIS? A. <input type="checkbox"/> sim B. <input type="checkbox"/> não	
		15. EM CASO NEGATIVO, POR QUEM FOI CRIADO? NATURALIDADE: A. da mãe adotiva:	

C. do cônjuge:	B. do pai adotivo:
----------------	--------------------

16. ONDE EXERCE SUA PROFISSÃO (CARACTERÍSTICAS SÓCIO-ECONÔMICAS SUMÁRIAS DO BAIRRO, CIDADE):

17. OUTRAS PROFISSÕES/OCUPAÇÕES:

18. PROFISSÃO:

A. do pai:

B. da mãe:

C. do cônjuge:

RENDA

19. TIPO DE RENDA: A. individual B. familiar

CONTATO COM OS MEIOS DE COMUNICAÇÃO

20. ASSISTE TV? A. <input type="checkbox"/> todos os dias B. <input type="checkbox"/> às vezes C. <input type="checkbox"/> nunca	21. PROGRAMAS PREFERIDOS: A. <input type="checkbox"/> novelas B. <input type="checkbox"/> esportes C. <input type="checkbox"/> programa de auditório D. <input type="checkbox"/> noticiários E. <input type="checkbox"/> programa religioso F. <input type="checkbox"/> filmes G. <input type="checkbox"/> outro	22. TIPO DE TRANSMISSÃO: A. <input type="checkbox"/> rede gratuita B. <input type="checkbox"/> parabólica C. <input type="checkbox"/> tv por assinatura
23. OUVI RÁDIO? A. <input type="checkbox"/> todos os dias B. <input type="checkbox"/> às vezes C. <input type="checkbox"/> nunca D. <input type="checkbox"/> parte do dia E. <input type="checkbox"/> o dia inteiro F. <input type="checkbox"/> enquanto viaja G. <input type="checkbox"/> enquanto trabalha	24. PROGRAMAS PREFERIDOS: A. <input type="checkbox"/> noticiário geral B. <input type="checkbox"/> esportes C. <input type="checkbox"/> programa religioso D. <input type="checkbox"/> noticiário policial E. <input type="checkbox"/> música F. <input type="checkbox"/> progr. c/ participação do ouvinte	
25. LÊ JORNAL? A. <input type="checkbox"/> todos os dias <input type="checkbox"/> raramente B. <input type="checkbox"/> às vezes C. <input type="checkbox"/> nunca D. <input type="checkbox"/> semanalmente E. <input type="checkbox"/>		
26. NOME DO(S) JORNAL(IS): _____ _____ _____	27. SEÇÕES DO JORNAL QUE GOSTA DE LER: A. <input type="checkbox"/> editorial B. <input type="checkbox"/> esportes C. <input type="checkbox"/> variedades D. <input type="checkbox"/> programa cultural E. <input type="checkbox"/> política F. <input type="checkbox"/> página policial G. <input type="checkbox"/> classificados H. <input type="checkbox"/> outra	

<p>_____</p> <p>A. Í local nacional B. Í estadual C. Í</p>			
<p>28. LÊ REVISTA? A. Í às vezes B. Í semanalmente C. Í mensalmente D. Í raramente</p> <p>E. Í nunca</p>			
<p>29. NOME/TIPO DE REVISTA:</p> <p>_____</p>			

PARTICIPAÇÃO EM DIVERSÕES

	FREQUENTEMENTE	ÀS VEZES	RARAMENTE	NUNCA
30. CINEMA	A. Í	B. Í	C. Í	D. Í
31. TEATRO	A. Í	B. Í	C. Í	D. Í
32. SHOWS	A. Í	B. Í	C. Í	D. Í
33. MAN. FOLCLÓRICAS	A. Í	B. Í	C. Í	D. Í
34. FUTEBOL	A. Í	B. Í	C. Í	D. Í
35. OUTROS ESPORTES	A. Í	B. Í	C. Í	D. Í
36. OUTROS	A. Í	B. Í	C. Í	D. Í
37. QUE RELIGIÃO OU CULTO PRÁTICA?				

PARA PREENCHIMENTO APÓS A ENTREVISTA

38. CARACTERÍSTICAS PSICOLÓGICAS DO INFORMANTE: A. Í tímido B. Í vivo C. Í perspicaz D. Í sarcástico
39. ESPONTANEIDADE DA ELOCUÇÃO: A. Í total B. Í grande C. Í média D. Í fraca
40. POSTURA DO INFORMANTE DURANTE O INQUÉRITO: A. Í cooperativa B. Í não cooperativa C. Í agressiva D. Í indiferente
41. CATEGORIA SOCIAL DO INFORMANTE: A. Í "A" B. Í "B" C. Í "C" D. Í "D"
42. GRAU DE CONHECIMENTO ENTRE INFORMANTE E INQUIRIDOR: A. Í grande B. Í médio C. Í pequeno D. Í nenhum
43. INTERFERÊNCIA OCASIONAL DE CIRCUNSTANTES: A. Í sim B. Í não

44. CARACTERIZAÇÃO SUMÁRIA DO(S) CIRCUNSTANTE(S):		
45. DADOS SOBRE A FAMÍLIA DO INFORMANTE		
46. AMBIENTE DO INQUÉRITO:		
47. OBSERVAÇÕES:		
48. NOME DOS INQUIRIDORES:	48. LOCAL DA ENTREVISTA:	49. DATA DA ENTREVISTA:
INQ:		50. DURAÇÃO:
_____	CIDADE:	
AUX:	UF:	

AUX2:		

**Anexo 3 – Questionário Fonético-Fonológico:
Projeto ALiB**

1. **CASA**

Qual é o tipo de moradia mais comum aqui da região?

2. **TERRENO**

Onde se constrói uma casa? / O que preciso para construir uma casa?

3. **PRA TELEIRA**

... aquilo assim (*mímica*), onde se colocam objetos em casa (latas de mantimentos na cozinha, enfeites na sala...) ou produtos para vender nos supermercados, mercearias, etc.?

4. **TELEVISÃO**

... aquele aparelho onde se pode ver novela, jogo, programas...?

5. **CAIXA**

Quando se compra uma TV, um ventilados, um sapato, ele vem da loja dentro de quê?

6. **TESOURA**

O objeto com que se corta tecido?

7. **CAMINHA**

Um copo pequeno é um copinho. E aquele lugar onde a pessoa se deita para dormir, se for pequeno, como se chama?

8. **TRAVESSEIRO**

... aquilo onde se recosta a cabeça para dormir na cama?

9. **LUZ**

Quando está escuro é porque faltou o quê? [Quando falta energia é que ficou sem ___?]

10. **LÂMPADA**

... aquilo que se acende para clarear a casa e, se estiver queimada, a casa fica no escuro? [Quando tem problema com a luz, que queima, como é que se chama aquilo que precisa trocar?]

11. **ELÉTRICO**

Antigamente, para passar roupa, usava-se ferro a brasa. Hoje, qual o tipo de ferro que se usa?

12. **TORNEIRA**

... aquilo que se abre quando se quer lavar as mãos numa pia?

13. **ÍMÃ**

... aquilo que atrai objetos pequenos de metal, como agulha, prego, alfinete?

14. **FECHA**

Para que a porta não fique aberta, se diz: Fulano, _____ a porta.

15. **FÓSFORO**

... aquilo que se usa (*mímica*) para acender o fogo?

16. **FUMAÇA**

... aquilo que sai do fogo, em fogo de lenha, de carvão, e que, em uma fábrica, sai pela chaminé?

17. **PÓLVORA**

... aquilo que se coloca nos fogos/ foguetes para que eles estourem?

18. **VARRER**

Para limpar o chão, o que é que é preciso fazer (*mímica*)?

19. **ALMOÇO**

... uma refeição que se faz, em geral, às 12 horas?

20. **RUIM**

Uma comida pode estar boa ou _____.

21. **ARROZ**

... o que se come no almoço, uns grãos brancos que podem acompanhar o feijão, a carne?

22. **CORDURA**

A carne de porco não é magra porque tem _____.

23. **GRELHA**

... uma pequena grade de metal ou de ferro, que se coloca em cima da churrasqueira ou da brasa, para assar carne, frango, etc?

24. **PENEIRA**

... aquele objeto que se usa na cozinha para passar (*mímica*) farinha?

25. **COLHER** (subst.)

A carne se come de garfo e faca. E a sopa, com que se toma? [O que é que se usa para tomar sopa?]

26. **LIQUIDIFICADOR / LIQUIDIFICADOR**

... um aparelho que é usado para fazer vitamina, suco, etc.?

27. **FERVENDO**

Quando a água da panela está bem quente, cheia de bolhinhas, como é que se diz que ela está?

28. **SAL**

O que é preciso colocar na carne para temperar?

29. **CEBOLA**

... um tempero de comida que quando se está cortando se chora?

30. **TOMATE**

... aquilo vermelho que se vende na feira e que se usa para preparar o molho do macarrão?

31. **CASCA**

Para comer uma banana, o que é que se tira?

32. **ABÓBORA**

... aquilo que dá no chão, grande (*mímica*), com uma casca grossa vermelho-amarelada por dentro e que se cozinha para comer, para fazer doce?

33. **CLARA**

No ovo frito, há uma parte branca e outra amarela. Que nome tem a parte branca?

34. **GEMA**

E a parte amarela?

35. **MANTEIGA**

... aquilo que se passa no pão e se faz da nata do leite?

36. **BOTAR**

Quando o feijão está seco, a pessoa que está cozinhando vai _____ (*mímica*) água dentro. [Quando a galinha canta e vai para o ninho, se diz que ela vai _____ ovo].

37. **BONITO**

Qual o contrário de feio?

38. **ROSA**

... aquela flor bonita, cheirosa, que é presa num talo com espinho?

39. **ÁRVORE**

O que é que dá sombra nas ruas, no campo / para o gado nos pastos?

40. **PLANTA**

Para ter flores no jardim, depois que se prepara a terra, o que é que se faz? [Costuma-se dizer: Só colhe quem _____?]

41. **QVELHA**

... a fêmea do carneiro?

42. **CAVALO**

... aquele animal que serve para transportar a pessoa de um lugar para outro?

Obter a forma inserida em contextos mais amplos.

43. **MONTAR**

Para andar a cavalo, o que é que se tem que fazer (*mímica*)?

44. **ABELHA**

... um inseto que carrega o pólen das flores, vive em colméias, fabrica um líquido grosso, amarelado, que é usado como alimento e como remédio?

45. **MEL**

E o que é que a abelha fabrica?

46. **BORBOLETA**

... um bichinho que voa e tem as asas bonitas e coloridas?

47. **TEIA**

... aquilo que a aranha faz nas paredes?

48. **RATO**

... o bichinho que o gato caça?

49. **ELEFANTE**

... um animal grande que sempre se vê em circo, tem uma tromba assim (*mímica*)?

50. **PEIXE**

O que é que se pesca nos rios, no mar?

51. **CANOA**

... uma embarcação feita de madeira ou de tronco de árvore, utilizada para a navegação em rios, principalmente por índios, por pessoas que moram em lugares próximos de rios?

52. **REMANDO**

Quando se faz assim (*mímica*) numa canoa, numa embarcação, está se fazendo o quê?

53. **FAZENDA**

... uma propriedade grande onde se cria gado, se planta café, cacau ou...
(*Contextualizar*)

OBTER A FORMA INSERIDA EM CONTEXTOS MAIS AMPLOS.

54. **AFTOSA**

... uma doença que dá no gado, em geral na boca? Dá uma febre. Se não separar o gado doente, ela pega nos outros. É preciso vacinar o gado para ele não ter essa doença.

55. **NOITE**

Quando tudo fica escuro e as pessoas vão dormir é a _____?

56. **DIA**

E depois da noite, o que é que vem?

57. ANO

De janeiro a dezembro se diz que passou quanto tempo? [30 dias dá um mês, 12 meses dá um _____?] [Como é que se chama o período de 12 meses?]

58. SOL

... aquilo que brilha no céu, de dia?

59. AMANHÃ

... o dia que vem depois de hoje? [O que não deu para acabar hoje se deixa para acabar _____]

60. SÁBADO

... o dia que vem depois de sexta-feira?

61. CALOR

No inverno faz frio. E no verão?

62. TARDE

Qual é o contrário de cedo?

63. TRÊS

O que é que vem depois do dois?

64. DEZ

O que é que vem depois do nove?

65. CATORZE / QUATORZE

O que é que vem depois do treze?

66. NÚMERO

Quatorze não é uma letra, é o que?

67. ESTRADA

Por onde os carros passam para irem de uma cidade para outra?

68. POÇA

... aquela água de chuva que fica parada num buraco da rua ou no meio da estrada?

69. DESVIO

Quando uma estrada fica interrompida por algum problema, o que é que se faz ao lado para que os carros possam passar?

70. PLACA

O que é que se põe nas estradas para indicar as direções, avisar de desvios? [O que é que se põe nos pára-choques dos carros para identificar, uma coisa assim (*mímica*), com números?]

71. **BICICLETA**

... aquilo que tem duas rodas grandes que se senta e sai pedalando?

72. **PNEU**

... aquilo que o carro tem: preto, redondo, se passar por um prego, fura e se esvazia?

73. **VIDRO**

De que material são feitas as janelas, os pára-brisas dos carros?

74. **SEGURO**

Quando uma pessoa compra um carro e quer se prevenir de um prejuízo grande (um roubo, uma batida), procura um corretor e faz o que?

75. **PASSAGEM**

Quando se pega um transporte de uma cidade para outra, como se chama aquilo que se tem que pagar para poder viajar?

76. **REAL / REAIS**

E quanto é que se paga para ir daqui a _____? *Dizer o nome de uma cidade próxima.*

77. **MUITO**

Qual é o contrário de pouco?

78. **DEVE**

Você / o (a) senhor (a) pediu emprestado 500 reais a alguém e não pagou. A pessoa vai a você / ao senhor / à senhora e diz: Fulano, você me ____ 500 reais.

79. **OBRIGADO**

Alguém lhe empresta uma coisa, um dinheiro. Quando você / o (a) senhor (a) vai devolver, você / o (a) senhor agradece. Como é que você / o (a) senhor (a) diz?

80. **TRABALHAR**

Para ganhar dinheiro, o que é que se precisa fazer?

81. **EMPREGO**

Para trabalhar e ganhar dinheiro, é preciso procurar o quê? [Quando uma pessoa é mandada embora do trabalho, ela perdeu o _____?]

82. **INÍCIO**

Quando uma coisa está terminando, se diz que está no fim. E quando está começando, como é que se diz?

83. **PREFEITO**

Quem se elege para dirigir uma cidade?

84. **ESCOLA**

Aonde as crianças vão para aprender a ler?

85. COLEGAS

O que as pessoas que trabalham juntas são umas das outras?

86. GIZ

... aquilo branquinho, assim (*mímica*), que serve para escrever no quadro, na escola?

87. BORRACHA

... aquele objeto que serve para apagar no papel o que se escreveu errado?

88. RASGAR

Fazer assim (*mímica*) em um papel é _____?

89. AZUL

Que cor é esta? *Mostrar*.

90. BRASIL

... o nosso país?

91. BANDEIRA

... aquilo que representa o país, que é verde, amarelo, azul e branco?

92. PERNAMBUCANO

Quem nasce no Rio de Janeiro é carioca. E quem nasce em Pernambuco?

93. SOLDADO

... a pessoa que usa farda, que vive em quartel? [Tem o tenente, o sargento e depois o que é que vem?]

94. CORREIO

Quando se quer mandar uma carta de uma cidade para outra, como é que se faz?

95. LIQUIDAÇÃO / LIQUIDAÇÃO

De vez em quando, as lojas querem vender toda a mercadoria para acabar com o estoque, às vezes para acabar até com a loja, então baixam muito os preços. O que é que elas fazem?

96. CINEMA

Aonde se vai para ver um filme?

97. DEFESA

No futebol, os jogadores que não jogam no ataque onde é que jogam? [Numa luta, quem não está no ataque está na _____?]

98. CALÇÃO

Os jogadores de futebol aqui (*apontar*) usam camiseta. E aqui (*apontar*) o que é que usam?

99. UNIÃO

Para vencer uma guerra, para fazer uma greve, ganhar um jogo, é preciso que todos fiquem juntos, é preciso que haja o quê? [Há um ditado que diz: Onde há _____, há força.]

100. **COMPANHEIRO**

Na escola, em um time de futebol, no trabalho, o que as pessoas são umas das outras? [Quando duas pessoas não são casadas e moram juntas, uma é o quê da outra?]

101. **ADVOGADO**

Que profissional se pode contratar para defender os interesses na Justiça?

102. **QUESTÃO** / **QÜESTÃO**

Quando duas pessoas têm um desentendimento, uma briga, um problema, elas procuram um juiz para resolver a _____? [Quando você / o (a) senhor (a) não quer muito uma coisa, você / o (a) senhor (a) diz: Eu não faço _____.]

103. **PEGO**

Um ladrão sai correndo e o policial sai atrás e consegue pegar o ladrão. Você / o (a) senhor (a) diz: O ladrão foi _____ pela polícia.

104. **INOCENTE**

Quando um indivíduo é acusado, mas ele não praticou aquele crime, se diz que ele é o quê?

105. **CERTO**

Qual o contrário de errado?

106. **MENTIRA**

Uma pessoa lhe conta um fato que você / o (a) senhor (a) acha que não é verdade. Você / o (a) senhor (a) diz que é uma _____?

107. **PROCISSÃO**

Nas festas de igreja, que nome tem a caminhada que o povo faz, levando uma imagem de um ponto a outro?

108. **SANTO ANTÔNIO**

... o santo casamenteiro que se festeja a 13 de junho?

109. **PECADO**

Deixar de obedecer às leis de Deus é cometer o quê?

110. **PERDÃO**

Quando se comete uma falta grave, o que é que se pede a Deus?

111. **COROA**

... aquilo que os reis colocam na cabeça?

112. **OLHO** (subst.)

... isto? *Apontar*

113. **PESCOÇO**

... esta parte? *Apontar*

114. **ORELHA**

... esta parte? *Apontar*

115. **OUVIDO**

E esta parte aqui de dentro, (*apontar*) que se tem que limpar com um algodão em um palito ou um cotonete?

116. **DENTE**

E isto? *Apontar*

117. **PEITO**

Onde a criança mama na mãe? [Onde o bezerro mama na mãe?] [A carne branca da galinha se chama carne do _____?]

118. **FÍGADO**

... o órgão que fica aqui (*apontar*), que adoece

119. **CORAÇÃO**

Qual o nome da parte do corpo que, se parar, a pessoa morre?

120. **COSTAS**

Aqui (*mostrar*) é a frente, e aqui (*mostrar*)?

121. **UMBIGO**

... aquele buraquinho que se tem no meio da barriga?

122. **JOELHO**

... esta parte? *Apontar*.

123. **FERIDA**

Quando alguém cai e arranca uma parte da pele do braço, do joelho, forma o quê?

124. **CASPA**

... uma coisinha branca que dá na cabeça da pessoa?

125. **BANHO**

Quando se está sujo, suado, para ficar limpo novamente, o que é que se toma?

126. **DESMAIO**

Quando uma pessoa se sente mal, a vista fica turva, ela vai caindo no chão, sem sentidos, o que é que se diz que ela teve?

127. **VÔMITO**

O que é que a pessoa faz sair pela boca, quando comeu e a comida fez mal?

128. **HOMEM**

Adão foi o primeiro ___?

129. **MULHER**

E Eva foi a primeira ___?

130. **FAMÍLIA**

Pai, mãe e filhos juntos formam o quê?

131. **TIO**

O que é que o irmão de seu pai ou de sua mãe é seu?

132. **GENRO**

O pai da esposa é o sogro. E o marido, o que é que ele é do sogro?

133. **ÚNICO**

Quando a pessoa só tem um filho, se diz que ele é filho ___?

134. **ALTA**

O que é que se diz de uma pessoa que mede 1 metro e 90 cm, 2 metros?

135. **BAIXA**

Qual é o contrário de alta?

136. **LOURA**

A pessoa que tem cabelos escuros, a gente chama de morena. E a pessoa que tem cabelos claros e amarelados?

137. **VOZ**

Uma pessoa que canta bem, se diz que ela tem uma boa ___?

138. **DOIDO**

Que nome se dá a uma pessoa que às vezes fica furiosa, agressiva, precisa até ser internada no hospício?

139. **VELHO**

Um sapato que não é novo é ___?

140. **SANDÁLIA**

Aquele calçado aberto, trançadinho, usado no verão, que tem uma tira que prende no calcanhar?

141. **MEIA**

Aquilo que se usa no pé antes de calçar o sapato?

142. **BRAGUILHA**

... a abertura da calça do homem, normalmente fechada com botões ou com zíper? [Se você / o(a) senhor(a) encontra um conhecido com a calça aberta, você / o(a) senhor (a) diz: Fulano, fecha a ___?]

143. **ANEL**

O que é que se usa aqui no dedo? *Ou apontar.*

144. **PERFUME**

O que é que se põe no corpo para ficar cheiroso?

145. **PRESENTE**

Quando uma pessoa faz aniversário, o que é que se costuma dar a ela, que vem embrulhado?

146. **BEIJAR**

Dar um abraço é abraçar. E fazer assim (*mímica*)?

147. **SORRISO**

Quando se está alegre, se pode dar uma gargalhada ou se pode dar um ___? *Ou mímica.*

148. **DORMINDO**

A pessoa que não está acordada, está ___ (*mímica*)?

149. **ASSOBIO**

Como se chama isto? *Assobiar.*

150. **PERDIDA**

Quando não se acha uma coisa, ela fica ___?

151. **ENCONTRAR**

Quando se perde uma coisa, se vai procurar até ___?

152. **PERGUNTAR**

Quando se quer saber uma coisa, se vai ___?

153. **SAIR**

Qual é o contrário de entrar?

154. **BARULHO**

Quando uma criança está dormindo e não se quer que ela acorde, se diz: Fale baixo, não faça ___, para ela não acordar.

155. **PAZ**

Se a pessoa não quer ser incomodada, a pessoa diz: Me deixe em ___.

156. **MESMA**

Uma pessoa usa uma roupa num dia. No dia seguinte, ela não tem outra roupa, então ela usa essa ___ roupa. [Se duas mulheres são casadas com dois irmãos, se diz que as duas têm a _____ sogra.] [Você / o(a) senhor(a) vai viajar e não leva roupa. Você / o(a) senhor(a) vai usar a _____ roupa.]

157. HÓSPEDE

Em uma pensão, um hotel, as pessoas de outros lugares que chegam e ficam lá algum tempo são o quê?

158. ESQUERDO

Este lado é o direito e este (*mostrar*)?

159. MORREU

Quem não está mais vivo é porque já ___?

TEMAS PARA DISCURSOS SEMIDIRIGIDOS

1. Relato pessoal

Relate um acontecimento marcante em sua vida (casamento, namoro...).

2. Comentário

De que programas de televisão você / o(a) senhor(a) gosta mais? Por quê?

3. Descrição

Você / o(a) senhor(a) trabalha em quê? Fale um pouco sobre seu trabalho.

4. Relato não pessoal

Conte um caso / fato de seu conhecimento (de que tenha ouvido falar, que tenha acontecido com um amigo, etc.).

Anexo 4 – Arquivo de especificações

1.	Variável dependente
Ø	Apagamento
1	Tepe alveolar [ʃ]
2	Fricativa velar [x], [χ]
3	Fricativa glotal [h], [ʕ]
4	Tepe retroflexo [ʂ]
Variáveis independentes	
2.	Sexo do informante
h	Homem
m	Mulher
3.	Faixa etária
1	18 a 35 anos
2	36 a 55 anos
3	mais de 56 anos
4.	Localidade
P	Petrópolis
A	Parati
I	Itaperuna
5.	Tipo de Discurso
Q	Questionário Fonético-Fonológico (QFF)
S	Discurso Semidirigido
Variáveis lingüísticas	
6.	Posição do R no vocábulo
i	Posvocálico interno
e	Posvocálico externo
7.	Número de sílabas do vocábulo
1	1 sílaba
2	2 sílabas
3	3 sílabas
4	4 ou mais sílabas
8.	Tonicidade do vocábulo
O	Oxítono / Tônico
P	Paroxítono
Q	Proparoxítono
A	Oxítono / Átono
9.	Tonicidade da sílaba
3	Pretônica 3
2	Pretônica 2
1	Pretônica 1
T	Tônica
P	Postônica
10.	Contexto / Vogal antecedente

a	□a□
A	□ə□
e	□e□
E	□□□
i	□i□
o	□o□
O	□□□
u	□u□
s	[- silábico]
11.	Contexto subsequente
a	□a□
A	□ə□
e	□e□
E	□□□
i	□i□
o	□o□
O	□□□
u	□u□
J	Vogal nasalizada
p	□p□
b	□b□
t	□t□
d	□d□
k	□k□
g	□□□
f	□f□
v	[v]
s	□s□
z	□z□
S	□□□
Z	□□□
T	□t□□
D	□d□□
I	□l□
L	□j□
m	□m□
n	□n□
N	□□□
2	Vibrante alveolar / uvular
3	Fricativa velar / uvular / glotal
#	pausa
12.	Modo de articulação da consoante subsequente
O	Oclusiva
F	Fricativa
N	Nasal
L	Lateral

A	Africada
V	Vibrante
/	Não se aplica
13.	Ponto de articulação da consoante subsequente
l	Labial
a	Alveolar
c	Pós-alveolar [ç], [j], [tʃ], [dʒ]
p	Palatal [j], [ç]
v	Velar
u	Uvular
g	Glotal
/	Não se aplica
14.	Sonoridade do segmento subsequente
C	Consoante surda
S	Consoante sonora
V	Vogal
#	pausa
15.	Composição morfológica do vocábulo
s	Lexia simples
b	Lexia complexa composta de 2 elementos
t	Lexia complexa composta de 3 elementos
q	Lexia complexa composta de mais de 3 elementos
16.	Classe gramatical do vocábulo
N	Nome
V	Verbo conjugado
I	Verbo no infinitivo
G	Verbo no gerúndio
P	Verbo no particípio
O	Outros casos

MELO, Tiana Andreza. Os róticos na fala de três municípios fluminenses: Petrópolis, Itaperuna e Parati. Rio de Janeiro: UFRJ, Faculdade de Letras, 2009. Dissertação (Mestrado em Letras Vernáculas).

RESUMO

A pesquisa detém-se na descrição e análise dos róticos em posição de travamento de sílaba de três municípios do estado do Rio de Janeiro: Petrópolis, Itaperuna e Parati. São levadas em conta as realizações em meio de palavras e final absoluto, que se restringiram a quatro tipos de ocorrências: o tepe alveolar [ɾ], a fricativa velar surda ou sonora [x], [χ], o tepe retroflexo [ɻ] e a fricativa glotal surda ou sonora [h], [ħ]. O estudo possui relevância por enquadrar um fenômeno pertencente ao quadro dos processos que configuram o atual estágio de variação e mudança linguísticas no Português do Brasil – com mais especificidade, na variante fluminense. Tomam-se por base os parâmetros da Sociolingüística Quantitativa, cujo nome central é o de William Labov (1972, 2001, dentre outros) para a análise estatística dos dados. O *corpus* é inédito e visa a atender outros processos fonético-fonológicos que não apenas os róticos, dispondo de amostras de discurso semidirigido, para além das perguntas diretas que contemplam o fenômeno em foco. Em cada localidade há 18 informantes (totalizando 54), distribuídos em três faixas etárias: 18 a 35 anos, 36 a 55 anos e 56 anos em diante. Os resultados revelam a ampliação de dois processos a que os róticos estão expostos: de um lado, amplia-se o processo de lenização, alargando os domínios em que se acha a variante glotal; de outro, amplia-se o processo de apagamento, cuja ocorrência – ainda que incipiente no interior de vocábulo – se dá, todavia, pelo mesmo conjunto de fatores responsável pelo cancelamento do /R/ externo.

MELO, Tiana Andreza. Os róticos na fala de três municípios fluminenses: Petrópolis, Itaperuna e Parati. Rio de Janeiro: UFRJ, Faculdade de Letras, 2009. Dissertação (Mestrado em Letras Vernáculas).

ABSTRACT

This research withholds the description and analysis of rhotics in syllable restraining position of three municipal districts of Rio de Janeiro: Petrópolis, Itaperuna e Parati. Are taken under consideration the realizations in the middle of words and at the absolute ending, that were restricted to four sorts of occurrences: the alveolar tap [d̪] , the voiced or the voiceless velar fricative [x] , [χ] , the retroflex tap and the voiced or the voiceless glotal fricative [h] , [ħ] . This study is relevant for comprising a phenomenon that belongs to the current processes' data that configure the present state of variation and linguistic changes in the Brazilian Portuguese – more specifically, the Rio de Janeiro variety. Are taken as basis the parameters of the quantitative sociolinguistics, which has as a central name William Labov (1972, 2001, among others) to the statistic analysis of the data. This corpus is unedited and has the goal of attending other phonetic-phonological processes, not only rhotics, comprising samples of semidirected discourse, beyond the direct process which contemplate only the phenomenon in focus. In each locality, there are 18 informants (in a total of 54), distributed among three age groups: 18 to 35 years old, 36 to 55 years old and 56 years and above. The results reveal the increasing levels of two processes by which the rhotics are exposed: by one side, it's amplified the process of lenization, enlarging the domains in which is found the glotal variance; on the other hand, the process of erasing is amplified, occurring– even being incipient inside vocables – because of the same reasons responsible for the cancellation of the external /R/.

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)